

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de
crianças com necessidades especiais em um município do Estado do
Tocantins

ALEXANDRE FREITAS DE CARVALHO

PIRACICABA

2015

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de
crianças com necessidades especiais em um município do Estado do
Tocantins

ALEXANDRE FREITAS DE CARVALHO

Orientadora: Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka

Dissertação apresentada à banca Examinadora do Curso de Pós Graduação Stricto Sensu da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Movimento Humano, Lazer e Educação, sob orientação da Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka

PIRACICABA
2015

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecária: Carolina Segatto Vianna CRB-8/7617

C331p Carvalho, Alexandre Freitas de
Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de crianças com necessidades especiais em um município do Estado do Tocantins / Alexandre Freitas de Carvalho. – 2015.
156 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dra. Rute Estanislava Toloka.
Dissertação (mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Educação Física, 2015.

1. Educação física pra crianças. 2. Crianças deficientes – Educação Física. I. Toloka, Rute Estanislava. II. Título.

CDU – 796.11

ALEXANDRE FREITAS DE CARVALHO

**Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de crianças com
necessidades especiais em um município do Estado do Tocantins**

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Rute Estanislava Tolocka
Orientadora: Universidade Metodista de Piracicaba

Profa. Dra. Eline Tereza Porto
Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Roberto Gimenez
Universidade Cidade de São Paulo

Piracicaba, 25 de abril de 2015

Dedico este trabalho a meu pai (*in memoriam*), a minha mãe e a todas as pessoas que participaram diretamente e indiretamente desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por prover todas as nossas necessidades! Como a paz espiritual, a saúde, a felicidade, a honestidade, a lealdade, o respeito, a justiça, o que comer, o que beber e o que vestir. Não precisamos mais do que isso.

À minha família, e em especial a meu pai Valdeci Maia de Carvalho (*in memoriam*) e minha mãe Gracinéia Freitas de Carvalho que me deram vida, amor cuidado, consolo nos momentos difíceis, liberdade na tomada de decisões, porém sempre corrigindo meu erros e mostrando que temos que ter temor a Deus e seguir os preceitos da honestidade, da lealdade, do respeito, da ética e do trabalho.

À prefeitura municipal de Palmas-TO junto a Secretaria Municipal de Educação, em nome da secretária de educação Berenice de Fátima Barbosa C. Freitas, por ter uma visão inovadora de valorização profissional concedendo esta licença para estudos e por permitir a realização da pesquisa nos centros municipais de educação infantil.

Ao conselho municipal de educação de Palmas, em especial ao colega e professor Fernando da Silva Pereira e aos representantes do Sindicato dos Profissionais da Educação-SINTET, em especial ao colega e professor Antônio Chadud Jorge, por estarem na frente de batalha revolucionando a educação de Palmas com uma visão inovadora e democrática propiciando aos colegas professores a busca de qualificação profissional e de melhores condições de trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES e à Universidade Metodista de Piracicaba pela concessão da bolsa de estudos dando apoio financeiro.

À escola municipal Jorge Amado, em especial a minha amiga e ex-diretora Maria Eunice Ferreira dos Reis pela sua ajuda e compreensão nos momentos em que tive que ausentar da escola.

À secretária da escola municipal Jorge Amado e minha amiga Maria de Jesus Gomes de A. Santos pelo carinho e atenção prestados.

À supervisora educacional da escola municipal Jorge Amado Eliene Tavares Costa pelo apoio pedagógico.

À diretora geral de recursos humanos da secretaria municipal de educação e colega Afra Maria Pereira de Macedo Carvalho e a servidora Myrla Bezerra de Oliveira, por me atender com todo cuidado e profissionalismo.

Em especial a minha professora orientadora Dra. Rute Estanislava Tolocka. Muito obrigado pela sua paciência e por nos estimular ao desenvolvimento crítico e a autonomia apontando os caminhos (nos ensinando a pescar).

À profa. Dra. Eline Tereza Porto pelas valiosas contribuições ao trabalho, nas discussões realizadas na disciplina “Ginástica adaptada” no estágio docente na graduação do curso de Educação Física da UNIMEP, que nos trouxe inúmeras contribuições em relação à educação especial e por aceitar participar desta banca, pela arguição, pelas correções primorosas e pelas propostas de adaptação para este estudo que permitiram esta estruturação final. Muito Obrigado!

Ao prof. Dr. Roberto Gimenez, por sua pronta disponibilidade em participar da banca de defesa e pela primorosa contribuição com que fez os apontamentos, pelos conhecimentos partilhados e pela sua grande contribuição à conclusão deste trabalho.

Aos professores das disciplinas básicas obrigatória desta universidade, pela competência e contribuição para este estudo final.

À Carolina Dias minha companheira que esteve sempre do meu lado com muita paciência nestes dois anos de estudos.

“A verdadeira deficiência é aquela que prende o ser humano por dentro e não por fora, pois até os incapacitados de andar podem ser livres para voar”.

Thaís Moraes

RESUMO

Crianças com necessidades especiais estão sendo atendidas em escolas regulares desde a mais tenra infância, mas pouco se sabe sobre o preparo dos profissionais para atuar com esta clientela, especialmente no que se refere as práticas corporais. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar o que relatam os professores que atuam no ensino infantil em relação à inclusão e as práticas corporais das crianças com necessidades especiais em aulas regulares. Foi analisada a percepção e o conhecimento dos professores sobre temas relativos as necessidades especiais e adaptações para a prática corporal, autonomia e inclusão social. Trata-se de um estudo de campo amostral, com 179 professores regentes e 23 professores de Educação Física, da rede municipal de ensino de uma cidade do Estado do Tocantins. Foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas.

Resultados e discussão: Com relação a especificidade no trabalho com pessoas com deficiência, 63% dos professores relataram que não tem conhecimento, 24% relataram ter conhecimento regular e apenas 13% relataram ter conhecimento. Porém ao serem solicitados a exemplificar ações que poderiam ser realizadas, considerando todas as questões a maioria dos professores preferiu não fazê-lo, ou deixando a questão em branco ou justificando-se. Assim, vários professores que afirmaram ter conhecimento sobre o assunto não demonstrou tal conhecimento. Conhecimentos básicos sobre os cuidados específicos no trabalho com as pessoas com deficiência são assumidos como desconhecimento. Este desconhecimento é preocupante, pois estas crianças na faixa etária de zero a cinco anos são consideradas populações de risco e carecem de cuidados especiais.

Considerações finais: Há entre os professores que atuam no ensino infantil desconhecimento de itens essenciais para o trabalho de inclusão social de crianças com necessidades especiais no ensino regular. Diante disso entende-se ser necessário além de ações e investimentos na formação continuada destes professores, também de mudanças atitudinais e conceituais dos professores.

Palavras-chave: Educação infantil–Deficiência–Práticas corporais

ABSTRACT

Children with special needs have been attending in regular schools since early childhood, but little is known about the training and skills of the professionals who work with them, particularly related to corporal practices. The aim of this study was to analyze reports of the teachers who work in child education, regarding inclusion and body practices of children with special needs in regular classes. Perception and knowledge from the teachers were observed related to: special needs and adaptations to the body practice, autonomy and social inclusion. This is a sample field study with 179 school teachers and 23 physical education teachers of the municipal school system of a city in the State of Tocantins- Brazil. Questionnaires were used with open and closed questions. **Results and discussion:** 63% of teachers reported few knowledge of specificity issues to work with handicaps, 24% reported having regular knowledge and only 13% reported being aware. But when they are asked to illustrate actions that could be carried out to inclusion, most of teachers preferred not to answer it, or they left the questions without answer or justifying themselves about having or not such knowledge. Thus many teachers that had said they have good knowledge did not demonstrated such knowledge; basic knowledge of the specific care in working with handicaps are assumed to be in lack. It is troublesome because children aged zero to five years old belongs to the risk populations and need special care. **Conclusion:** There is a lack of knowledge among teachers who work in kindergarten related with essential issues to the work for social inclusion of children with special needs in mainstream education. Therefore it is necessary more than actions and investments in continuing education of such teachers, it is also needed attitudinal and conceptual changes of teachers.

Keywords: early school-handicap-body practices

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos temas das experiências educacionais inclusivas relatadas em Roth (2006a; 2008).....	22
Gráfico 2 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação a especificidade no trabalho com pessoas com deficiência.....	51
Gráfico 3 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação a autonomia e inclusão social.....	52
Gráfico 4 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação aos critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Habilidades motoras básicas.....	41
Tabela 2 - Distribuição relativa dos dados sobre percepção de conhecimento dos professores nos diferentes temas.....	54
Tabela 3 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento sobre especificidade no trabalho com pessoas com deficiência.....	72
Tabela 4 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento em relação a inclusão social, autonomia e relações sociais.....	73
Tabela 5 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento em relação aos critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal.....	74

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	09
LISTA DE TABELAS	09
INTRODUÇÃO	12
1 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	15
1.1 A formação de professores na educação infantil no Brasil	15
1.2 A educação infantil no Estado do Tocantins	17
1.3 Algumas experiências inclusivas no Brasil	20
1.4 Cuidados a serem tomados com alunos com necessidades especiais	31
1.5 Contribuições da prática corporal para o desenvolvimento infantil	37
1.6 Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas durante as aulas	43
1.7 Síntese	44
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
2.1 Classificação do estudo	47
2.2 Participantes do estudo	47
2.3 Materiais e métodos	48
2.4 Tratamento dos dados	49
2.5 Considerações éticas	49
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	50
3.1 Percepção dos professores sobre seu conhecimento relativo à inclusão das crianças com necessidades especiais em aulas regulares	50
3.2 Conhecimento demonstrado sobre ações a serem realizadas quando ocorre a inclusão de crianças com necessidades especiais em aulas regulares	56
3.3 Relação de percepção do conhecimento sobre o assunto e os exemplos apresentados	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81

ANEXO A – Aprovação CEP – UNIMEP	91
APÊNDICE A – Questionário sobre a especificidade no trabalho com pessoas com deficiência; autonomia, inclusão social, adaptações e possibilidades de movimento corporal	92
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE	94
APÊNDICE C – Modelo de autorização para realização do estudo	95
APÊNDICE D – Manipulação de criança de cadeira de rodas	96
APÊNDICE E – Transferência de criança da cadeira para o chão	102
APÊNDICE F – Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência visual	108
APÊNDICE G – Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência física	114
APÊNDICE H – Cuidados preventivos em ambiente com crianças com síndrome de Down	119
APÊNDICE I – Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão	125
APÊNDICE J – Inclusão social entre as crianças e os adultos durante as atividades motoras	131
APÊNDICE K – Estimular a autonomia e a inclusão social da criança com deficiência	137
APÊNDICE L – Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas nas atividades em sala	143
APÊNDICE M – Possibilidade de movimento na educação infantil	149
APÊNDICE N – Termo de submissão de artigo para publicação na Educação em Revista	155

Introdução

As políticas educacionais inclusivas podem ser constatadas na Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988); na Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB (BRASIL, 1996), na Lei nº 12796/13 (BRASIL; 2013); na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994); nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs (BRASIL, 1997; 1998 e 2000a) e no Referencial Curricular Nacional-RCN (BRASIL, 2000b). A inclusão é uma necessidade e precisa ser colocada em prática através da compreensão e sensibilização da sociedade. Deve abranger todas as esferas do governo federal, estadual, municipal, além dos gestores educacionais, professores, alunos e a família.

Em relação aos professores é necessário que eles compreendam que a educação está diante de um novo modelo, que opta por uma nova maneira de ver o mundo, entendida por Mantoan (2006) como um novo modo de organização do sistema escolar, estruturado a partir das necessidades dos alunos e centrada na inclusão social, onde a equipe escolar deve considerar tudo o que acontece ao seu redor valorizando as diferenças culturais, sociais e éticas na formação do aluno.

Indica-se que o professor deverá ser um mediador entre as atividades inclusivas, para que possa estimular os alunos na resolução de problemas e ao desenvolvimento de outras capacidades físicas, cognitivas e sociais, através da utilização de um método de ensino que estimule o aluno a potencializar o seu desenvolvimento respeitando suas particularidades e que faça as adaptações curriculares de acordo com as limitações e potencialidades dos alunos, respeitando as diferentes necessidades deles, de forma que possa contribuir para a participação social destes de forma igualitária (ROTH, 2006b).

A educação inclusiva deve ser flexível, com adaptações curriculares, na aprendizagem, no conteúdo e na avaliação, respeitando os aspectos da heterogeneidade, diversidade e sua relação com as práticas corporais. A inclusão mostra os pontos extremos entre o sistema de ensino brasileiro do passado e o atual, que busca ações e projetos que transforme a educação adequando aos novos tempos transformando em um sonho possível (MANTOAN, 2006).

Experiências com a educação inclusiva tem sido narradas, como por exemplo na coletânea: “Experiências Educacionais Inclusivas”, patrocinada pelo

Ministério de Educação e Cultura-MEC junto com a Secretaria de Educação Especial-SESP, obra com dois volumes onde foram relatadas 39 experiências que enfatizaram conteúdos sobre o conhecimento dos professores em relação às experiências educacionais inclusivas realizadas em diferentes níveis de ensino (ROTH, 2006a, 2008) que não o ensino infantil e apenas duas experiências referem-se às práticas corporais e estas foram desenvolvida por professores que não tem formação específica para trabalhar com o movimento.

Outras experiências com a prática motora inclusiva podem ser encontradas em Duarte e Lima (2003) ou Ribeiro (2009) e referem-se às experiências realizadas por professores de Educação Física, porém também em outras faixas etárias, que não a correspondente ao ensino infantil.

Poucos estudos referem-se a esta faixa etária, Chicon et. al., (2013) elucidou os benefícios da atividade lúdica inclusiva no meio aquático mostrando que houve ampliação de movimentos, das vivências do brincar e das relações pessoais desta criança e Chicon (2011) analisou as questões voltadas à inclusão social de um aluno autista mostrando como o professor de Educação Física conseguiu auxiliá-lo na convivência diária na escola em relação à convivência com as outras professoras e com aos aspectos da disciplina através de uma proposição de ensino criativa. Mas pouco se sabe sobre como a prática corporal tem sido utilizada no ensino infantil ou se os professores neste nível de ensino possuem conhecimento para trabalhar desta forma.

Assim o objetivo geral deste estudo foi analisar o que relatam professores que atuam no ensino infantil em relação à inclusão e as práticas corporais das crianças com necessidade especiais em aulas regulares.

Os objetivos específicos foram: verificar a percepção e o conhecimento dos professores regentes de classe e dos professores de Educação Física em relação aos seus conhecimentos sobre necessidades especiais e adaptações para a prática corporal, bem como sobre autonomia e inclusão social; observar o que estes profissionais relatam sobre suas condições de trabalho em relação aos equipamentos, materiais e espaço físico; e identificar o pensamento destes profissionais em relação ao serviço de apoio especializado e sua atuação prática.

Na primeira parte de revisão será discutida a formação de professores na educação infantil no contexto brasileiro, como se deu sua evolução ao longo dos

anos, assim como as experiências educacionais inclusivas no Brasil e as experiências inclusivas voltadas às práticas corporais.

Adentrando ao universo da inclusão, serão apontados cuidados necessários para o trabalho com alunos com necessidades especiais e em seguida serão apresentadas contribuições da prática corporal para o desenvolvimento infantil.

O parte dois indica os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo, que se trata de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa realizada em uma cidade do Estado do Tocantins.

Os resultados dos dados coletados, bem como sua análise serão apresentados na terceira parte, que versa sobre o conhecimento relatado e o conhecimento demonstrado pelos professores em relação à: a) especificidade no trabalho com pessoas com deficiência, b) autonomia, inclusão social e interações sociais e c) critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal.

Nas considerações finais, aponta-se que os professores têm pouco conhecimento para trabalhar a inclusão social alguns, ao invés de exemplificar ações relataram que não tem conhecimento e que precisam de capacitação profissional. Portanto, não só necessita-se de investimentos em qualificação profissional para estes professores, sugere-se também que haja um envolvimento entre os diversos segmentos envolvendo uma equipe multidisciplinar das secretarias de ação social, educação, saúde, esporte e lazer. Os professores de sala de aula precisam discutir e trabalhar em conjunto com professores itinerantes, de libras de braille, fisioterapeutas, médicos nutricionistas, enfermeiros dentre outros.

É preciso também discutir em espaços de articulação de estudos, discussão, trocas e reflexão crítica em prol dos alunos com deficiência para que o professor possa refletir suas atitudes e superar as barreiras do medo do novo e do diferente. E para que isso ocorra é preciso que haja um ruptura do antigo modelo tradicional de divisão de trabalho buscando um modelo pedagógico emancipador adequado às necessidades dos alunos.

1 Revisão bibliográfica

1.1 A formação de professores na educação infantil no Brasil

Ao elencar a formação de professores na educação infantil é preciso resgatar historicamente as primeiras evidências sobre tal assunto. Para Duarte (1986), a primeira evidência foi no século XVII em 1684 com a primeira instituição de ensino destinada a formação de docente em Reims.

A partir de 1795, em Paris na França, surgiu a escola normalista secundária e a escola normalista primária com a finalidade de preparar os professores do 1º ao 8º ano e do 1º ao 3º ano do ensino médio daquela época (DUARTE, 1986). Segundo Saviani (2009) no Brasil, a preparação dos professores ficou em evidência logo depois da independência com a vinda das escolas normais de 1890 a 1932; a organização dos institutos de educação de 1932 a 1939, a implantação dos cursos de pedagogia e licenciaturas de 1939 a 1971, a substituição da escola normal pela habilitação do magistério de 1971 a 1996 e os institutos superiores de educação e escolas normais superiores de 1996 a 2006.

As ações de formação docente foram alcançando patamares mais elevados, e diante disso, logo surgiu a necessidade de formar professores para atuar com os alunos com necessidades especiais no ensino regular (SAVIANI, 2009).

A educação especial é amparada por leis, decretos, pareceres, dentre eles a Constituição Federal de 1988, a Lei Nº 9394/96 que trata da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB e na Lei 7612/13 de 2013. A LDB enfatiza que a educação especial deve ser ofertada preferencialmente nas redes regulares de ensino (BRASIL, 1996), já a Lei 7612/2013 altera a LDB e defini no Artigo 4º inciso III que a educação especial deverá ser ofertada através de atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento, altas habilidades e superdotação em todos os níveis de ensino (BRASIL, 2013).

O plano nacional de educação explicita em seus objetivos e metas as seguintes ações a serem executadas em prol das pessoas com necessidades especiais (BRASIL, 2000c):

- parcerias entre saúde, assistência social, previdência social, centros especializados, família e as organizações governamentais e não governamentais ofertando estimulação precoce na educação infantil;
- aplicação de teste de acuidade visual e auditiva também neste nível de ensino;
- incremento de salas de recursos, salas especiais;
- ofertas de transporte escolar com as adaptações necessárias, implantar e ampliar os centros especializados para pessoas com severa dificuldade de desenvolvimento; oferecer livros didáticos falados em braile para os alunos cegos e para os de baixa visão;
- disponibilizar aparelhos de ampliação sonora e outros equipamentos que facilitem a aprendizagem;
- implantar o ensino da língua brasileira de sinais para os alunos surdos;
- conforme as possibilidades adequar os espaços físicos para seus familiares e para o pessoal da unidade escolar;
- garantir o investimento em equipamentos de informática para dar apoio à aprendizagem;
- assegurar a inclusão no projeto pedagógico da escola o atendimento e formação para os professores;
- incentivar programas de formação profissional para incentivar a entrada no mercado de trabalho;
- disponibilizar órteses e próteses para todos os educandos com deficiência;
- oferecer nos currículos de formação de professores conteúdos voltados para o atendimento às pessoas com deficiência e propor programas de atendimento aos alunos com altas habilidades.

O conselho nacional de educação com o parecer CNE/CEB nº 17/2001, institui as diretrizes nacionais para a educação de alunos com necessidades especiais, na educação básica, em todas as suas etapas e modalidades (BRASIL, 2001). Após elencar algumas legislações sobre a educação especial, faz-se necessário elucidar a formação docente.

A formação de docentes para atuar na educação básica deverá ser em nível superior de licenciatura e para o exercício do magistério na educação infantil nos cinco primeiros anos o nível médio na modalidade normal (BRASIL, 2013). As

entidades federais, estaduais e municipais incentivarão a formação de profissionais do magistério através dos programas de bolsa de iniciação à docência aos estudantes da graduação (BRASIL, 2013).

Além da necessidade de formação dos docentes Saviani (2009) elucida que deve-se, levar em conta as diversas dificuldades desta área como a valorização profissional e as condições de trabalho, pois tais questões deixam os professores desmotivados, o que evidencia a necessidade de aumentar os investimentos em políticas públicas ampliando o número de escolas e a valorização dos professores. A formação continuada pode ser uma alternativa para melhoras na carreira docente e do contato deste profissional com os alunos na educação infantil.

A formação continuada tem como objetivo a reflexão, a discussão e a problematização do currículo, podendo ser decisivo nas competências a serem trabalhadas na educação infantil através das estratégias de mudanças nestes níveis e no nível fundamental. A educação infantil deve garantir que as crianças conheçam suas possibilidades para que terminem o ensino infantil e cheguem ao ensino fundamental estimulada e com desejo de aprender. Para isso é preciso encorajá-las para superarem as dificuldades que possam surgir durante a escolarização (KRAMER et. al., 2011).

Após elencar formação de professores na educação infantil, faz-se necessário enfatizar a educação infantil no Estado do Tocantins, já que é um Estado novo, e está em franco processo de desenvolvimento e crescimento.

1.2 A educação infantil no Estado do Tocantins

O Estado do Tocantins é o mais novo da federação, criado em 1988, ainda em processo de consolidação na educação, segurança, saúde, economia, planejamento, turismo e infraestrutura. Conta hoje com uma diversidade econômica, social e cultural.

Soares (2005) mostrou que, em se tratando destes fatores observa-se que este território mesmo antes de se tornar Estado do Tocantins já havia investimentos em educação e fez um resgate histórico sobre o mesmo, no qual mostra que a primeira turma a se formar foi do curso normal, na cidade de Guaraí, por volta de 1980 que naquela época pertencia ao Estado de Goiás, hoje território tocantinense e que em 1980 a secretaria estadual de educação ficava em Goiânia, e

não havia ensino infantil, nem creches e poucos alunos frequentavam a pré-escola agregada ao sistema estadual.

Nesta época a maioria dos professores segundo Soares (2005) não tinha formação específica, com o passar dos anos foram qualificados através do projeto de educação a distância chamado “Projeto Lumem” com professores vindos de outros Estados e este projeto foi fomentado pelo ministério da educação e cultura.

A partir de 1987 foram oferecidos para os técnicos das delegacias regionais de ensino capacitação em Goiânia, para ministrarem aulas no ensino infantil para as crianças com quatro anos. As salas eram frequentadas por alunos de diversas séries, de diferentes níveis, inclusive os alunos dos níveis iniciais de escolarização. Em 1992, com o Estado do Tocantins já constituído a educação priorizava o ensino fundamental, por isso, das 72 escolas da rede municipal da cidade de Guaraí, apenas 18 atendiam os alunos na fase inicial de escolarização (SOARES, 2005).

Posteriormente, ainda conforme Soares (2005) a Delegacia do Ministério da Educação-DEMEC foi convidada a participar em Belém, no Estado do Pará, de um encontro regional infantil da região Norte. Neste evento foram discutidos assuntos relacionados à educação infantil de cada Estado. Logo depois, em setembro do mesmo ano, a equipe da DEMEC também participou em Brasília do IV Simpósio Latino Americano de atenção à criança de zero a seis anos. Após este simpósio os técnicos da DEMEC em parceria com a Secretaria Estadual de Educação-SEDUC, a Secretaria de Ação Social-SAS e a Universidade do Tocantins-UNITINS organizaram o 1º Seminário de educação infantil do Estado do Tocantins.

Em 1998, atendendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB o Ministério da Educação e Cultura-MEC passa a responsabilizar os municípios pela educação infantil e fez reestruturação interrompendo e extinguindo os trabalhos desenvolvidos pela DEMEC. Logo após em 1999 a coordenação de educação infantil da SEDUC também foi extinta. Em 2000 a SEDUC, mesmo sem responsabilidade assumiu o projeto parâmetros em ação (treinamento para uso dos referenciais curriculares nacionais para a educação infantil), que com o apoio da UNITINS assumiu a responsabilidade de realizar encontros mensais com a finalidade de tematizar, problematizar e discutir a prática pedagógica através dos

estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do Referencial Curricular Nacional da educação infantil (SOARES, 2005).

O MEC em parceria com os Municípios e Estados instituíram o Programa de Formação de Professores em Exercício-PROFORMAÇÃO, curso de nível médio, com habilitação em magistério na modalidade à distância, que tinha como propósito habilitar até o ano de 2000 seiscentos e seis professores no Estado do Tocantins que não tinham habilitação e atuavam nas séries iniciais, alfabetização e pré-escola. Na cidade de Guaraí as pré-escolas encontravam-se em estágios indefinidos, sem objetivos claros e as instituições de ensino não tinham uma proposta pedagógica própria para aplicação na fase inicial de escolarização (SOARES, 2005).

Estas ações educacionais ocorridas no Estado do Tocantins são frutos das políticas dos governos federais, estaduais e municipais principalmente através da implementação de ações políticas no âmbito educacional. E estas políticas também estão ocorrendo nas instituições de ensino em geral, porém (COELHO, 2007) aponta para a necessidade de pesquisar mais sobre o desenvolvimento infantil levando em consideração as influências ambientais, as atividades espontâneas, as atividades livres, os jogos e esportes. Com o propósito de incluir os alunos com necessidades especiais nas aulas regulares as práticas corporais podem ser um instrumento alternativo as quais podem auxiliar as crianças com necessidades especiais nas atividades escolares diárias.

Com este propósito, o Ministério de Educação e Cultura-MEC vem promovendo diversas ações para o atendimento destes alunos, que se efetivadas podem auxiliar os professores do Estado do Tocantins. O MEC com o objetivo de elencar ações em prol da educação infantil publicou o documento intitulado “Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças”. Neste documento são feitas diversas recomendações como: o direito à criança de brincar com locais que facilitem brincadeiras espontâneas e interativas; oportunizar as crianças a desenvolverem a força agilidade e equilíbrio, os movimentos amplos como correr, pular e jogar, além de explorar os novos ambientes e interagir com outras crianças e adultos, evitando situações em que as crianças se sintam excluídas (BRASIL, 1999).

Este documento também comenta sobre a importância do aperfeiçoamento pessoal, educacional profissional das pessoas que atuam nas creches (BRASIL, 1999).

Além disto, a formação de profissionais para a educação básica, em todas as suas etapas, inclusive na educação infantil, deveria contar com uma base comum, pautada pelo desenvolvimento de uma sólida formação teórica e interdisciplinar em educação de crianças nas áreas específicas de conhecimento científico, observando-se questões entre teoria e prática, constituindo um eixo norteador e um princípio educativo, cognitivo e formativo (BRASIL, 2010).

Além da formação profissional, a quantidade de alunos por sala também influencia na qualidade das aulas e conforme a Conferência Nacional de Educação-CONAE (BRASIL, 2010) traçou o que foi denominado de Plano Nacional de Educação, Diretrizes e Estratégias de Ação-PNEDEA explicitando que para haver valorização dos profissionais da educação, deve-se levar em consideração um número máximo de alunos por turma e por professor. Na educação infantil na faixa etária de zero a dois anos, o ideal seria de seis a oito crianças por professor; na faixa etária de três anos, até 15 crianças por professor e na faixa etária de quatro a cinco anos, até 20 crianças por professor.

Portanto, diante deste contexto (CAMPOS et. al., 2011; KAGAN, 2011) observaram que no Brasil o nível de qualidade das instituições de ensino infantil como as creches e pré-escolas não satisfazem, pois apresentam problemas de infraestrutura, financiamento, planejamento, recursos, formação e capacitação profissional para oferecer estímulos adequados ao desenvolvimento infantil. De acordo com estes autores a precariedade deste serviço é acentuada nos Estados do Norte e Nordeste do Brasil, mas não há ainda dados suficientes sobre a situação das instituições de ensino infantil do Estado do Tocantins, o que também justifica a necessidade do presente estudo.

1.3 Algumas experiências inclusivas no Brasil

Uma das obras financiadas pelo governo federal sobre educação inclusiva é a coletânea “Experiências Educacionais Inclusivas” que tem 19 relatos de experiências no 1º volume (ROTH, 2006a) e 20 no 2º volume (ROTH, 2008) cada uma com um tema em específico.

A coletânea evidencia que as experiências ocorreram em diversas regiões brasileiras, sendo a maioria na região Sudeste, com 14 experiências inclusivas,

seguida pela região Sul com dez, a região Nordeste com oito, a região Norte com seis e a região Centro-Oeste com uma experiência.

No 1º volume da coletânea (ROTH, 2006a) os temas foram: valorização das diferenças; escola e diferenças; história da deficiência; caminhos da inclusão; atendimento especializado; autismo e escola; alfabetização de cegos; autismo e inclusão; deficiências e escola; síndrome de Down na escola; valorização das competências; estratégia de gestão; mudanças de paradigma; gestão municipal; formação continuada; formação profissional; formação e prática e formação multidisciplinar e insegurança docente.

No 2º volume (ROTH, 2008) os textos trataram de: diretrizes da gestão; formação e apoio; matrícula antecipada; desenvolvimento motor; música e arte; música e aprendizado; síndrome de Rubinstein-Taybi; aprendendo com o aluno com síndrome de Down; síndrome de Down e o aprendizado da língua inglesa; tetraplegia e aprendizado; surdo e libras; interação através da libras; informática e deficiente auditivo; aprendendo libras; família; mudanças atitudinais; estratégias de superação e pedagogia interacionista.

Considerando que uma mesma narrativa poderia tratar de mais de um tema, verifica-se que dos 39 temas de experiências inclusivas elencadas, 38 enfatizam currículo, 31 apoio (professor das salas de recursos, professor itinerante e parcerias com as instituições federais, estaduais, municipais, privadas, Associação de Pais e Excepcionais-APAEs, e centros de reabilitação); 16 tratam do ambiente (equipamentos, materiais e espaço físico); 14 referem-se à formação do cidadão (inclusão social e autonomia); oito ao trabalho com a família e apenas dois referem-se às práticas corporais, conforme ilustra o gráfico 1.

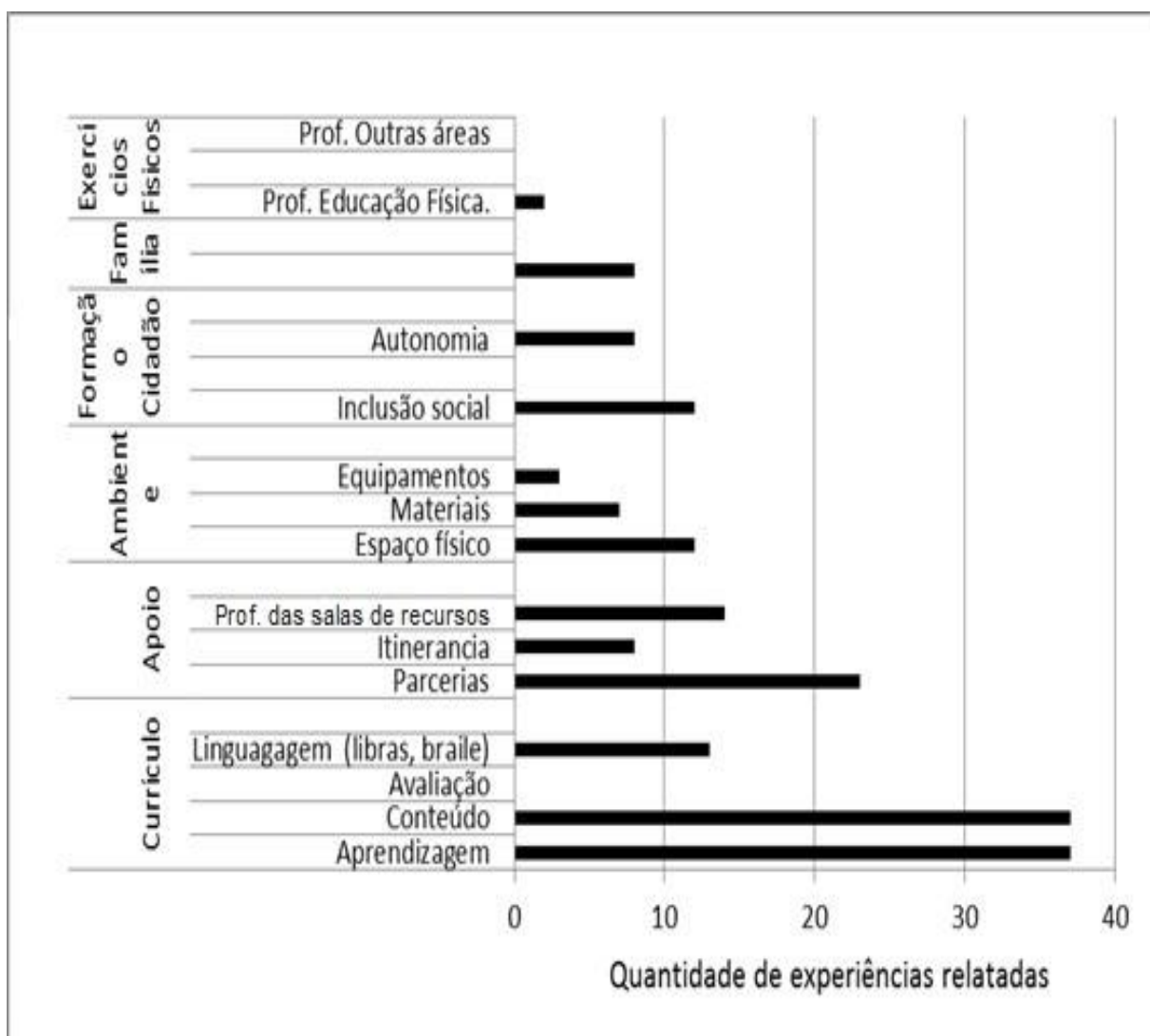


Gráfico 1 - Distribuição dos temas das experiências educacionais inclusivas relatadas na coletânea em ambos os volumes.

Em relação ao currículo, observa-se que as experiências educacionais inclusivas mostram relatos sobre aprendizagem, conteúdos e linguagens especificamente de libras e braile ocorrem nas diferentes regiões do Brasil e estas propostas sobre currículo, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs, podem auxiliar o trabalho do professor por meio de uma visão mais ampla de como lidar com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades especiais em relação aos conteúdos, avaliação e as linguagens (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996). E isso conseqüentemente, trará contribuições também para os profissionais que trabalham com as práticas corporais.

Os 37 relatos de experiências em relação aos conteúdos curriculares trataram de capacitações e formações dos professores regentes e especializados de acordo com as seguintes regiões: Na região Centro-Oeste uma narrativa enfatizava a necessidade de uma ruptura das concepções estabelecidas através da estruturação curricular e da formação docente e duas enfatizavam a formação dos professores com o propósito de atender os alunos com necessidades especiais nas suas diversidades.

Na região Nordeste houveram relatos de dez experiências sobre curriculum: uma sobre legislação e políticas públicas e a importância do reconhecimento das diferenças entre os alunos e suas necessidades nas escolas; seis enfatizaram a formação de gestores e professores e ações voltadas à família e três propuseram um programa de formação de professores em libras e braile.

Na região Norte houveram sete experiências onde foi relatado sobre: formação de grupo de estudos de professores e gestores; implantação das salas de recursos; capacitação de professores; formação continuada de intérpretes, formação de professores, de instrutores de libras e formação docente voltada à inclusão.

Na região Sudeste houveram treze relatos de experiências: três pontuaram a formação profissional; duas evidenciaram o projeto da escola plural buscando redimensionar a formação escolar dos alunos com necessidades especiais; uma ofertou cursos de formação voltados aos deficientes intelectuais, visuais e auditivos e convênios com as diversas instituições; duas capacitaram os representantes dos municípios da região oferecendo atendimento educacional especializado com seminários e formações continuadas promovidas pelas secretarias municipais de educação dos municípios.

Na região Sul houveram seis relatos de experiências: duas ofereceram capacitações de libras e braile aos professores; quatro implantaram pólos de educação disseminando as ações inclusivas do MEC na formação de gestores e educadores para serem multiplicadores.

Estes relatos sobre curriculum nestas diferentes regiões do Brasil mostram as diversas ações evidenciando a questão da estruturação curricular, a valorização do profissional através da formação dos professores e gestores, a implantação das salas de recursos com profissionais intérpretes de libras e braile, mas nenhum deles se referiu às práticas corporais. Entende-se que a maioria destas experiências em relação aos conteúdos curriculares enfatizou as capacitações e

formações dos professores regentes e especializados. Porém estas ações não retrataram questões relativas às práticas corporais.

As 37 ações relativas à aprendizagem relatadas nas diferentes experiências mostram ações relevantes através de formações continuadas e capacitações dos profissionais relatadas nas experiências. Entende-se que estas formações e capacitações podem auxiliar a atuação prática dos professores frente aos alunos com necessidades especiais durante às práticas corporais, possibilitando meios para adaptações das tarefas conforme as necessidades especiais e os limites e possibilidades de cada criança.

Estas formações e capacitações são previstas nas políticas de inclusão do governo federal com o Decreto 7611/2011 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado, que é voltado à formação continuada de professores, gestores e demais profissionais da escola (BRASIL, 2011).

Porém, este decreto enfatiza que estes profissionais devem ser capacitados particularmente para o auxílio da aprendizagem e da linguagem dos alunos, mas não fala sobre os conteúdos e nem sobre a avaliação, haja vista que ambos fazem parte do processo. Este decreto também não enfatiza a necessidade de um professor especializado em práticas corporais.

Nota-se, que os 12 relatos sobre linguagem aparecem apenas em relação ao uso da libras e do braile nas salas multifuncionais das escolas pólos, através da oferta do intérprete de libras e braile como apoio pedagógico ao professor regente para auxiliá-lo perante os alunos com necessidades especiais. Portanto, não foi relatado como estes profissionais poderiam auxiliar o desenvolvimento da linguagem dos alunos através das práticas corporais.

Além disso, as aulas de Educação Física, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais possibilita aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais a partir da sistematização de situações de ensino e aprendizagem contemplando todas as dimensões envolvidas nas práticas corporais em currículos inclusivos, ao mesmo tempo. Em quase todas as experiências narradas houveram relatos em relação ao currículo mas em nenhuma delas foi mencionada as práticas corporais, o que aponta para a falta de atenção que se tem dado a este importante conteúdo da educação (BRASIL, 1997).

Para contemplar as dimensões envolvidas no aprendizado das práticas corporais dentro dos currículos a LDB no seu art. 58 explicita que, sempre que for

necessário, haverá serviços especializados para atender às necessidades e peculiares de cada aluno no ensino regular (BRASIL, 1996). E um especialista em movimento humano ou em Educação Física poderia contribuir para o desenvolvimento da criança na educação infantil. Mas a LDB não se refere à Educação Física como componente curricular obrigatório nos centros municipais de ensino (creches).

Os serviços de apoio do tipo parcerias foram registrados em 23 experiências retratando a contribuição dos diversos convênios e ações entre o governo federal, o conselho tutelar, as secretarias de saúde, educação e serviço social entre outros. Esta contribuição ocorreu por meio das equipes multidisciplinares compostas por assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos e médicos. Mas na maioria das experiências o atendimento educacional especializado não era realizado por todos estes profissionais. Nestes relatos não foi evidenciado a participação do profissional de Educação Física como integrante desta equipe multidisciplinar e nem relatos de intervenção desta equipe na atuação dos profissionais de sala de aula que trabalham com as práticas corporais.

No entanto, um professor de Educação Física especializado em movimento pode dar apoio e auxílio aos profissionais do ensino regular durante as aulas, além de auxiliar no desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais através das práticas corporais. Para Moura e Santa Rosa (2012) o professor de Educação Física em uma equipe multidisciplinar é tão importante quanto o médico, nutricionista, psicólogo entre outros. Pois, em parceria com estes profissionais as pessoas com necessidades especiais terão mais oportunidades de se desenvolver e os professores de Educação Física de serem agentes eficazes nos processos de inclusão social, prevenção de doenças, de lesões e de disfunções orgânicas (SOUZA, 2006).

Para as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica cabe aos gestores educacionais a função de buscar uma equipe multiprofissional, quer seja em instituições especializadas ou centros de reabilitação. Assim é necessário que a discussão sobre as práticas corporais na educação inclusiva seja ampliada para que gestores possam reivindicar também a contribuição do profissional especialista em movimento (BRASIL, 2001).

Na coletânea (ROTH, 2006a; 2008) as parcerias entre a escola regular e instituições especializadas, tais como os centros de reabilitação e a Associação de Pais e Moradores-APAEs foram relatadas. Esta parceria pode propiciar melhoras em relação às questões orgânicas, além de possibilitar que o aluno conheça suas potencialidades superando seus limites e melhorando sua autoestima e as relações pessoais com os colegas e com a família (GOMES et. al., 2013).

Em relação ao serviço itinerante a coletânea (ROTH, 2006a; 2008) elucidou oito experiências. Nestas foram relatadas visitas às escolas feitas pelos membros da equipe da educação inclusiva da secretaria para auxiliar os alunos com necessidades especiais e os professores.

Em relação ao apoio do profissional das salas de recursos a coletânea de Roth (2006a; 2008) apresenta 14 experiências evidenciadas nas escolas públicas. O oferecimento de um profissional capacitado para as salas de recursos conforme estas experiências foram positivas cumprindo as ações do governo federal com o propósito de auxiliar a estimulação dos alunos durante o aprendizado, visando minimizar as dificuldades de adaptação com os colegas durante as aulas no ensino regular.

Estes profissionais das salas de recursos devem estar preparados para oferecer ensino diferenciado de acordo com as especificidades das crianças e é necessário que eles saibam utilizar materiais e equipamentos para que os alunos com um maior déficit de aprendizado sejam estimulados a desenvolver mais seu aprendizado, tornando-os mais aptos ao convívio social e a inserção e interação com os alunos das escolas regulares. E para que isso ocorra, segundo Cidade e Freitas (1997) o educador deve conhecer os diferentes aspectos do desenvolvimento humano, como os aspectos físicos, neurológicos, cognitivos, motores, afetivos e emocionais bem como interações sociais.

O Decreto nº 7611/2011 que trata sobre o atendimento educacional especial deixa claro que professores das salas de recursos devem realizar um atendimento educacional especializado, devem ter um bom conhecimento dos materiais didáticos, pedagógicos, dos recursos de acessibilidade e dos equipamentos específicos para o atendimento dos alunos com necessidades especiais no período oposto às aulas regulares (BRASIL, 2011).

Em relação ao ambiente, 12 experiências relatadas enfatizaram o atendimento educacional especializado nas salas de recursos, três evidenciando a

utilização e a importância do espaço físico, sete a utilidade e importância dos materiais disponíveis e duas sobre a adequação e utilização dos equipamentos.

No entanto, em nenhuma das experiências narradas na coletânea (ROTH 2006a, 2008) foram feitas referências a espaços físicos adaptados para práticas corporais. Ressalta-se que, quando bem estruturados, os espaços públicos auxiliam os professores de Educação Física quanto de outras áreas, pois é preciso usar estratégias e recursos que despertem nos alunos o interesse e a motivação. Conforme Bueno e Resa (1995) para que isso ocorra é necessário também à adaptação dos materiais, do espaço físico e dos recursos materiais.

O assunto inclusão social foi relatado em 12 experiências em que foram elencadas ações voltadas à autoestima, ao entendimento as regras, a interação e a inserção social dos alunos. Em relação à autonomia houveram oito experiências em que mostram as oportunidades retratadas aos alunos para que estes pudessem decidir suas próprias escolhas. Porém, em nenhum momento as práticas corporais foram referenciadas como um componente importante no desenvolvimento da autonomia e inclusão social.

Foram comentadas em relação à família oito experiências enfatizando a cooperação entre a família e escola onde o envolvimento dos pais foi essencial para a aprendizagem e sucesso dos alunos. Já as outras 31 experiências não abordaram em seus temas nenhuma ação relacionada à família.

Em relação às práticas corporais, foram explicitados dois relatos: um projeto realizado por todas as disciplinas na escola e dentre estas uma experiência de uma professora de Educação Física com um projeto interdisciplinar envolvendo as outras disciplinas através de uma caminhada realizada em uma escola no município de Três Corações-MG (ROTH, 2006a); a outra experiência foi também no município de Três Corações-MG, relatado por uma professora regente enfatizando o período em que, era criança e suas experiências ruins em relação às práticas corporais, ocorrida devido suas dificuldades de coordenação motora (ROTH, 2008). No primeiro relato foi evidenciada uma prática corporal inclusiva, em que todos os alunos participaram da atividade independente das suas possibilidades e limitações, onde no decorrer da atividade a professora foi dialogando com os alunos sobre a importância do trabalho em grupo e respeito às diversidades e os alunos através destes diálogos mostraram o quanto aprenderam sobre as práticas corporais inclusivas. No segundo relato nota-se, que, se a prática corporal não for orientada de

forma correta e se não levar em consideração as diversidades dos alunos isto pode levar os alunos ao constrangimento e frustração, principalmente em práticas corporais que envolvam os jogos competitivos.

As práticas corporais podem promover o desenvolvimento dos alunos nas dimensões individuais, nas relações pessoais, nas atividades em grupo, no desenvolvimento crítico, na dimensão social, no desenvolvimento da autonomia, na independência e nas interações sociais (BRINATI et. al., 2006). Conforme Pedrinelli (1994) as práticas corporais devem conter desafios a todos os alunos permitindo uma participação global com respeito às limitações individuais e a promoção da autonomia.

Outros estudos que tratam especificamente de práticas corporais foram narrados por: Duarte e Lima (2003) com jovens, gestantes e idosos da comunidade; Ribeiro (2009) com alunos do ensino fundamental e médio; Chicon et. al., (2013), Falkenbach et. al., (2007) e Chicon (2011) com crianças da educação infantil.

O estudo de Duarte e Lima (2003) apontou que o professor de Educação Física deve adequar as atividades ajudando os alunos a estabelecer os objetivos, orientando-os para o domínio da tarefa e progressão das atividades e criar mecanismos adicionais de comunicação como a gesticulação e a expressão corporal. Os conteúdos devem estabelecer práticas corporais lúdicas e descontraídas, ampliando o contato social. A avaliação deverá ter uma classificação específica, uma ficha de anamnese e as ferramentas de avaliação das capacidades motoras (VO₂ Máximo; frequência cardíaca; percepção subjetiva de esforço e pelo limiar de anaerobiose), levando em consideração o Estado de saúde de cada pessoa e analisando o desempenho durante as etapas de aprendizagem nas práticas corporais. A linguagem deve ser estimulada através das trocas de conhecimento através das libras e do braille como um meio de comunicação nas práticas corporais utilizando a comunicação total (sinestésica e sensoriais).

Este estudo trouxe contribuições em diversos aspectos, dentre elas: conscientização dos profissionais de que é necessário durante as práticas corporais que se considere o jogo como o elemento mais importante por ser prazeroso desenvolvendo ações motoras, cognitivas, emocionais e culturais; que no trabalho com pessoas com deficiência auditiva o professor deve respeitar os limites de cada educando considerando as dificuldades em relação ao domínio corporal, ação motora, cognitiva, emocional e cultural; no âmbito da deficiência visual ações

individuais e em grupo podem ser feitas através dos estímulos sinestésicos, táteis e auditivos, com o propósito de desenvolver a capacidade de orientação através do uso de instrumentos sonoros e palmas.

Duarte e Lima (2003) sugerem ainda que as práticas corporais, no que se refere à paralisia cerebral, contribui para a redução da espasticidade, melhora do equilíbrio, da coordenação, de novas e melhores habilidades motora e que em geral. A prática corporal está diretamente ligada com a produção de endorfinas e catecolaminas, pois estas melhoram o nível de bem estar, previnem a depressão, além de propiciar compensação e regeneração de distúrbios de ordem psíquica, diminuição da ansiedade, tensão, fadiga, melhora da autoestima e da autoconfiança.

Ainda para estes autores as contribuições das práticas corporais na adaptação e inclusão englobam as questões relativas à aceitação e entendimento das diferenças pelo professor, sejam elas em relação às questões fisiológicas, psicológicas ou socioeconômicas.

Ribeiro (2009) em relação ao currículo e conteúdos evidenciou a insegurança docente possivelmente devido à formação básica na graduação não oferecer subsídios para a o conhecimento inclusivo, embora uma das professoras mostrasse este conhecimento. A avaliação era flexível e moldada às necessidades e as diversidades dos alunos. Foram narradas experiências em que os professores tinham um auxiliar durante as aulas. Estes profissionais eram intérprete de libras, de braile e auxiliares das pessoas com deficiência física, além de médicos, terapeutas ocupacionais, pedagogos, professores de Educação Física e de um corredor guia.

A autora ressaltou que o professor de Educação Física tem o papel de contribuir com a formação dos cidadãos possibilitando que as crianças possam aprender e avançar nas capacidades de adaptação e que a formação continuada e a prática pedagógica dos professores necessitam de mais incentivos. O professor de Educação Física deve utilizar meios pedagógicos por meio das práticas corporais na educação infantil com vistas à inclusão, pois o brincar possibilita experimentação concreta e representações mentais que podem facilitar o exercício da aprendizagem. Ela enaltece a importância das experiências pré-adquiridas com os alunos com necessidades especiais, pois isso faz com que as dificuldades de inseri-los, sejam amenizadas, entre elas a minimização dos problemas relacionados ao currículo, e pela busca da superação das dificuldades destes profissionais em relação ao conteúdo, aprendizagem, avaliação e linguagem (libras e braile). Além disso, esta

pesquisa com profissionais de Educação Física mostra o interesse dos profissionais em buscar meios para auxiliar os alunos com necessidades especiais.

Chicon (2011) analisou as questões voltadas à inclusão social de um aluno autista, e evidenciou como o professor de Educação Física conseguiu auxiliar este aluno na convivência diária na escola em relação à convivência com os colegas e as outras professoras e com os aspectos da disciplina através de uma proposição de ensino criativo, favorecendo o desenvolvimento das potencialidades de seus educandos considerando os diferentes contextos cotidianos educacionais e o respeito à diversidade. Sugeriu que é necessário que os professores investiguem, planejem, reflitam e reinventem suas práticas pedagógicas considerando os diversos caminhos.

Chicon et. al., (2013) observando 15 crianças da educação infantil com desenvolvimento típico e uma com autismo nas atividades aquáticas realizadas na piscina do centro de educação infantil da Universidade Federal do Espírito Santo, elucidaram os benefícios das práticas corporais no meio aquático para que a criança construa sua própria representação no seu processo de desenvolvimento provocando desafios e estimulando as relações sociais. Houve ampliação de movimentos, das vivências do brincar e das relações pessoais desta criança. Os autores sugeriram que o professor de Educação Física tem o papel de mediador nas relações dos alunos consigo mesmos, com os objetos e com os colegas e devem estimular a independência e autonomia e superar as dificuldades de forma que o processo de ensino e aprendizagem seja favorecido.

Outro estudo sobre práticas corporais inclusivas é o de Hutzler (2007), que evidencia que os profissionais que nela trabalham devem planejar as atividades visando o desenvolvimento integral observando os critérios em relação à criança, tarefa e o ambiente. Cada uma das tarefas tem uma relação específica entre a pessoa e o ambiente podendo ser propositalmente determinada pelo indivíduo ou impostas pelos estímulos ambientais. A dinâmica das relações triangulares enfatizada por este autor leva em consideração as diversas especificidades de cada indivíduo e o desenvolvimento das capacidades motoras que lhes permitem lidar com os desafios advindos do ambiente.

Verifica-se assim que a contribuição das atividades inclusivas ocorreu através de algumas experiências buscando meios de auxiliar os alunos com necessidades especiais através de ações dos gestores educacionais ou

individualizadas dos professores através de investimentos em capacitação profissional, em espaços físicos, materiais, equipamentos visando à inclusão dos alunos nas atividades escolares.

Mas falta ainda um apoio mais eficaz dos órgãos públicos nas esferas federais estaduais e municipais, pois algumas ações como o investimento em capacitações, materiais e equipamentos estão a desejar. Poucas foram às ações ligadas à formação dos professores nas linguagens de libras e braile, poucos os relatos em relação à parceria entre a família e a escola. As ações de serviço de apoio quase não apareceram nas experiências e a maioria destes estudos não enfocou as práticas corporais.

Nenhum destes relatos foi feito no Estado do Tocantins, por isto há necessidade de verificar como os professores de uma cidade deste Estado atuam no ensino infantil frente à inclusão e as práticas corporais das crianças com necessidades especiais em aulas regulares.

1.4 Cuidados a serem tomados com alunos com necessidades especiais

Para o trabalho com alunos com deficiência é preciso que os professores conheçam sobre as necessidades especiais e alguns cuidados preventivos para que possam, de forma consciente, auxiliar no desenvolvimento dos seus alunos através das práticas corporais.

Segundo Ferreira (2011) a partir do momento que a pessoa vai ficando mais independente, o convívio social passa a ser mais facilitado melhorando os aspectos da inclusão social. Por exemplo, o aprendizado das técnicas de manejo de cadeira de rodas pode proporcionar ao cadeirante uma maior estabilidade e segurança, possibilitando também a execução de movimentos precisos, além de facilitar a promoção da inclusão social e possibilitar melhoras na qualidade de vida (FERREIRA, 2011). A partir do aprendizado das técnicas as pessoas passam a ser mais independentes, mais confiantes levando-os à realização pessoal, a superação dos aspectos emocionais da deficiência e a auto-valorização.

Em relação a deficiência física, mais especificamente ao usuário de cadeira de rodas é preciso cuidados relativos ao posicionamento do seu corpo sobre a cadeira, pois o correto posicionamento com a distribuição do peso do corpo de

forma proporcional nas tuberosidades isquiáticas, nas coxas e nos glúteos lhe dará estabilidade e independência e evitará uma pressão exagerada na pele que pode levar as feridas, também conhecidas como escaras (BROMLEY, 1997).

Ferreira (2011) recomenda o uso de faixas de velcro nas coxas, nos troncos e na perna ou outras formas de fixação do usuário à cadeira de rodas para uma maior estabilidade e segurança durante o deslocamento, e este deslocamento pode ser feito mesmo por uma pessoa com tetraplegia através dos músculos deltoide, peitoral menor ancônio e bíceps que fazem a extensão do antebraço fazendo com que a cadeira de rodas se movimente.

Para Souza (1994) a manipulação de cadeira de rodas possui algumas técnicas, como as técnicas diferenciadas de se deslocar, para frente, para trás, transpor pequenos obstáculos, subir e descer rampas com segurança e independência, fazer curvas, fazer giros, parar a cadeira de rodas nos momentos adequados e outros. Existem também as técnicas de frenagem, que podem ser executadas utilizando uma ou duas mãos, técnicas de condução da cadeira de rodas para frente usando uma ou duas mãos. Além das técnicas devem ser feitas atividades físicas para fortalecimento muscular e para maior amplitude de movimentos.

As técnicas apresentadas por este autor podem sofrer adaptações de acordo às necessidades de cada pessoa, pois estas podem apresentar variados movimentos de tronco, braços e pernas.

Prado (2006) entende como ponto primordial a eliminação das barreiras arquitetônicas, a adequação de piso, das rampas de acesso e a adaptação dos banheiros, além de cuidados com os materiais e equipamentos que ofereçam riscos de acidentes. Os ambientes em geral, precisam oferecer segurança aos seus usuários, quer sejam elas instituições públicas ou privadas.

Também faz-se, necessário o cuidado preventivo constantemente em relação às mudanças de posição para evitar um excesso de pressão na pele para prevenir às úlceras (feridas), causada por pressão na pele nas extremidades ósseas. Fonseca e Silveira (2012) enfatizam que estas pessoas devem mudar de posição (lado direito, lado esquerdo e decúbito ventral) a cada duas horas.

Além desses cuidados é preciso ter atenção em relação à disreflexia autonômica, também conhecida como hiperreflexia autonômica pode ocorrer em uma pessoa que tem uma lesão na 4ª vértebra torácica ou acima. Ela pode ocorrer

se a bexiga estiver cheia, prisão de ventre, problemas renais, ou qualquer pressão que o corpo sofra exageradamente. O que pode levar a um quadro de hipertensão, dor de cabeça, sudorese, manchas na pele e diminuição da frequência cardíaca (WERNER, 1994).

Assim, faz-se necessário que se peça aos alunos que esvaziem a bexiga e o intestino antes de entrar na aula, e deve-se observar periodicamente enquanto estiver sentado na cadeira como estão às áreas do corpo que estão constantemente sofrendo pressão, tais como as costas e o glúteo para ver se não tem escaras e evitar atividades em horário muito quente para evitar febre e insolação (CIDADE; FREITAS, 2002). Se a disreflexia autonômica se manifestar, isto é, se ocorrer, deve imediatamente descobrir e interromper o que está causando este quadro, além de ter que controlar os níveis da pressão sistólica e diastólica (ANDRADE et. al., 2012).

Em relação aos alunos com deficiência visual, que tem uma maior dificuldade do que as crianças videntes por não poder identificar os diferentes objetos através da visão e por isso utilizam os sentidos da audição e do tato para construir suas representações mentais (CUNHA; ENUMO, 2003) é necessário lembrar que o contato sinestésico, o tocar e ser tocado, as experiências corporais do banho, durante o vestir, a qualidade do toque, o movimento e as brincadeiras com o corpo, o brincar com outras crianças possibilita que a criança com deficiência visual melhore suas percepções e o conhecimento do próprio corpo e memorização do meio ambiente, dos objetos e das pessoas (BRUNO, 2006).

Além do contato sinestésico, o professor precisa perceber os sinais de comunicação, mesmo que a criança esteja no início do aprendizado. A comunicação através da fala tem uma grande importância para estas crianças, pois, através destas elas podem expor o que pensam, as suas vontades e seus sentimentos (BRUNO, 2006).

A interação e a comunicação da criança de acordo com Bruno (2006) pode ser estimuladas através do diálogo com outras pessoas, onde a mesma possa utilizar os diversos sons. Logo surge a imitação verbal, o entendimento dos significados e linguagem através do conhecimento com o próprio corpo e das noções de espaço e tempo. Como a criança utiliza muito os sentidos da audição para captar as informações é preciso que o professor fique atento as formas de se expressar (fala repetitiva/descontextualizada/destituída de significados) e através

dos brinquedos e das experiências práticas a família e o professor podem ajudá-la (BRUNO, 2006).

Os cuidados preventivos em relação ao ambiente devem ser tomados durante a locomoção de uma criança com deficiência visual, o professor deve dar nova orientação às crianças sempre que houver mudanças no ambiente, devem ser orientados sobre a localização da mobília, das escadarias, objetos altos, baixos ou pendurados. Além disso, o espaço precisa ter piso tátil para orientar a direção segura, ser antiderrapante, deve ter corrimão de ambos os lados, para auxiliar e prevenir acidentes. A presença de obstáculos interfere na segurança (SANTOS; D'AMARAL, 2011).

Para uma melhor mobilidade da pessoa com deficiência visual é preciso que ela seja familiarizada com o local, com as rotas para prevenir acidentes, lesões ou quedas. Durante as práticas corporais o professor deve utilizar a comunicação verbal ou sinestésica e ofertar diversas experiências em espaços, texturas e priorizar o sistema auditivo e dar pistas para que compreendam e identifiquem o ambiente. Estas estratégias podem reduzir os riscos (MARTINS; BORGES, 2012).

Outras crianças que precisam de cuidados especiais são as com a Síndrome de Down, pois, cerca de 50% delas que nascem com problemas cardíacos, com má formação do parênquima localizado nos pulmões, problemas respiratórios relacionados à má formação do osso nasal, que pode obstruir a respiração. Devido o distúrbio na produção de colágeno suas estruturas musculares são flácidas, o que pode gerar problemas musculares e ortopédicos (CAMPOS; MENDES, 2012). Assim, é necessário evitar atividades que exijam alto grau de esforço e exercícios isométricos.

Com estas crianças deve-se evitar atividades que envolvam movimentos bruscos da cabeça, como cambalhotas, rolamentos ou outras atividades que causam impacto na cabeça, em casos de crianças com esta síndrome e que apresentem a instabilidade atlanto-axial, que é uma maior mobilidade entre as vértebras atlas e axis; que ocorre porque a distância entre as duas vertebras é maior que 4,5mm, isto deve ser feito com finalidade de prevenir um quadro de quadriplegia, ou até a morte (CAMPOS; MENDES, 2012).

Outro importante cuidado a ser tomado relaciona-se com a possibilidade de ocorrência de convulsões. A convulsão ou ataque epilético pode ser entendido como um estímulo, ou ondas elétricas involuntárias, desordenadas emitidas pelo

cérebro que podem derrubar uma pessoa e levar a um quadro de perda da consciência e à realização de movimentos descontrolados dos braços e suas causas são diversas (FONSECA; SILVEIRA, 2012).

Para Fonseca e Silveira (2012) cuidados preventivos que devem ser feitos durante a crise convulsiva são: apoiar a cabeça da vítima virando-a para o lado, para que a mesma não possa engasgar com a saliva, além disso, deve-se, afastar os materiais e objetos que possam oferecer riscos. Também durante a crise é preciso observar se houve relaxamento do esfíncter, pois os movimentos desordenados dos impulsos nervosos podem fazer com que a vítima evacue ou urine de forma involuntária.

Para o professor trabalhar na prevenção é preciso conhecer os sinais de uma crise. Segundo a Associação Portuguesa de Familiares, Amigos e Pessoas com Epilepsia (APFAPE, 2012) os possíveis sinais de uma crise epilética são: olhar fixo de cinco a dez segundos sem responder as chamadas de atenção; a criança fica meio confusa; tombamento da cabeça; perda da força muscular; pestanejamento e revirar dos olhos; movimento fixo da boca e do rosto; confusão mental com movimentos repetitivos que não são do contexto; distorção da realidade; balanço do braços e convulsão.

Para a APFAPE (2012) é importante o professor conversar com os pais para saber qual tipo de crise que a criança tem, qual a frequência, qual o tempo de duração, quais as causas, se a medicação é para ser tomada na escola, se existe alguma dificuldade de aprendizagem e se existe alguma restrição na realização das atividades esportivas. O professor deve orientar os pais, incentivando-os a procurar os serviços de apoio; procurar uma nutricionista se for necessário fazer uma dieta cetogênica (com grande quantidade de gorduras e pequena quantidade de proteínas e hidratos de carbono) a qual segundo Nonino-Borges et. al., (2014) pode ser uma opção terapêutica.

Esta associação também aconselha que a escola organize reuniões de avaliação para discutir a adaptação da criança na escola e que o professor observe os comportamentos da criança após a crise e as eventuais causas e se a criança está com baixa estima e se for o caso, seja feito encaminhamento para outros profissionais. Ressalta-se também que o professor precisa procurar o serviço de emergência como cuidado preventivo em caso de: a criança ter tido uma crise epilética mesmo não tendo uma história de epilepsia; se as crises durarem mais de

cinco minutos ou se ocorrerem várias crises seguidas uma da outra sem que a criança recupere a consciência. Se a criança bater a cabeça com força antes ou durante a crise será preciso observar os seguintes sinais que requerem atenção médica: dificuldade de despertar depois de 20 minutos; se ocorrer vômitos; se houver queixas de dificuldade visual; se houver dor de cabeça depois de um período curto de repouso; se houver perda da consciência e falta de respostas aos estímulos e se houver a dilatação da pupila, ou se estão de tamanhos diferentes.

Pessoas com deficiência estão também sujeitas a preconceitos e discriminação social e podem ter reduzida convivência com sua família e com outros grupos sociais. Para minimizar estas ocorrências estas pessoas precisam frequentar ambientes inclusivos que propiciem estímulos que melhorem as funções cognitivas e o desenvolvimento da autonomia, buscando diminuir o preconceito e a discriminação (MANTOAN, 1998), por isto a escola precisa ser inclusiva.

Para Sasaki (1999) a inclusão pode ser entendida como um processo de adequação social moldado às necessidades de sua população para que possam exercer cidadania e atender todas as diversidades.

O exercício da cidadania, e o entendimento das diversidades tem como pré-requisito a inclusão social e Sasaki (1999) conceitua a inclusão como a adaptação da sociedade aos preceitos da inclusão estimulando as pessoas com necessidades especiais a assumir papéis sociais.

Quando a escola está inserida em um ambiente inclusivo, ela tem a função social e a responsabilidade muito importante de levar conhecimento para as pessoas (MANTOAN, 1997) assim, a escola deve incluir os alunos com necessidades especiais nas atividades regulares, juntamente com os outros alunos, propiciando o desenvolvimento de relações sociais.

A educação infantil é um nível de ensino em que acontecem os primeiros momentos inclusivos, pois é neste nível que as crianças se interagem sem compromisso buscando desenvolver a linguagem, conhecimentos atitudinais, afetivos, psicomotores e sociais (FIGUEIREDO, 2000).

A ida para a escola regular pode minimizar estas ocorrências, mas para isto é preciso que o ambiente escolar seja inclusivo, trabalhando com a diferença como valor e transmitindo informações que auxiliam na redução de preconceitos e discriminações. Devem ser feitas atividades que envolvam todos os alunos levando em consideração a criança a tarefa e o ambiente (HUTZLER, 2007).

Para haver inclusão é preciso que haja mudanças nas instituições de ensino, estas mudanças estão diretamente relacionadas a uma nova visão educacional, dentre elas tem-se que: reconstruir uma educação de referência que atenda a todos; reorganizar as instituições de ensino em relação às ações pedagógicas, estimular às ações de cooperação, de diálogo, solidariedade entre funcionários e alunos; oferecer aos alunos uma educação que não exclua e nem reprove, mas que possibilite liberdade e tempo para aprender (MANTOAN, 2006).

1.5 Contribuições da prática corporal para o desenvolvimento infantil

Dentre as muitas contribuições que a prática motora pode trazer para o desenvolvimento infantil estão as relacionadas a aspectos psicossociais. Para Ruiz (2011) as relações sociais entre crianças e adultos durante as práticas corporais propiciam ambiente favorável desde que a criança seja estimulada também a tomar a iniciativa. As práticas corporais entre a criança e o adulto podem estimular as competências sociais e a tomada de iniciativa das crianças de forma que a mesma desenvolva a autonomia e outros aspectos oferecidos pelo ambiente com seus diferentes objetos e situações. Também é necessário que a criança conviva em ambientes sociais inclusivos nas escolas desde a mais tenra idade.

No ambiente escolar as práticas corporais podem ser um grande aliado em relação ao desenvolvimento das interações sociais, que se desenvolvem na medida em que, a pessoa observa e depois realiza atividades conjuntas com outras pessoas, o que ocorre, por exemplo, em atividades de jogos e brincadeiras como afirmam Tolocka e Brolo (2010) nas quais são manifestos atributos pessoais, papéis sociais e emoções; estes aspectos psicossociais são importantes porque norteiam o desenvolvimento da autonomia e inclusão social das pessoas.

Segundo Lalande (1999, p. 115) “Etimologicamente autonomia é a condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural, que determina ela mesma a lei à qual se submete”. O desenvolvimento da autonomia na escola pode ser desencadeado através da democratização e definição das regras que orientam as ações democráticas em todas as instâncias do sistema de ensino, quer seja, na escola quanto em suas instâncias superiores (BARROSO, 2003).

Os alunos começam a desenvolver e reforçar a autonomia quando são atribuídos a eles responsabilidades no planejamento e organização das diferentes tarefas nas aulas de Educação Física (DARIDO; RANGEL, 2008). As práticas corporais se trabalhadas com atividades desafiadoras podem promover a autonomia (PEDRINELLI, 1994).

A autonomia começa a se aflorada através do desenvolvimento emocional. Segundo Winnicott (1990) *apud* Coelho (2007) o desenvolvimento emocional evolui a partir de três fases: inicia-se no estágio de dependência absoluta (lactante), passa para a dependência relativa (criança) sendo a última fase a da independência (criança jovem) que é quando a criança começa a desenvolver autonomia e independência através da memória e da aprendizagem anterior.

A consciência corporal e as capacidades motoras estimuladas através do jogo e da brincadeira podem facilitar o desenvolvimento cognitivo e afetivo (GALLAHUE; OZMUN, 2005) e o crescimento cognitivo pode estimular o desenvolvimento da autonomia.

O desenvolvimento da autonomia da criança pode ser observado no momento em que a criança toma sua própria decisão, pois com esta atitude a criança foge à rotina de controle à qual é imposta (BROLO, 2008). Mas para que a criança tenha um desenvolvimento integral é preciso entender as relações entre o desenvolvimento físico, psicológico e cultural.

O desenvolvimento físico pode contribuir com o desenvolvimento psicológico e cultural. Estes dois últimos podem estimular a partir de uma situação concreta e da participação em atividades corporais em grupo o desenvolvimento da personalidade da criança.

O desenvolvimento da criança pode ocorrer também através do pois este possibilita que a criança transcenda o limite funcional imposto e desenvolva seu senso crítico através de um conjunto de ações que busca significações através da interação entre o próprio organismo e particularidades do jogo (RIVERDITO, 2011).

Para facilitar essas relações nas práticas motoras é preciso ter um ambiente favorável à aprendizagem. Hutzler (2007) elenca que é preciso que se tenha uma visão global da criança levando em consideração a complexidade da interação entre ela a tarefa e o ambiente (relação triangulares), tal qual, cada tarefa requer uma estreita relação entre a criança e as inúmeras possibilidades que o ambiente oferece. Para tanto este autor propõe que o trabalho seja feito levando em

consideração o modelo ecológico que ele denominou de Modificação Sistemática Ecológica Ambiental (do inglês *Systematic Ecological Modification Approach- SEMA*) que busca compreender os limites e as possibilidades de cada criança para que o professor possa traçar e estabelecer os objetivos considerando a complexidade de acordo com os critérios de desempenho considerados aceitáveis, para, logo depois, reconhecer os erros de desempenho e apontar adaptações necessárias a cada tarefa.

As práticas corporais podem ter grande importância em relação à inclusão social dos alunos com necessidades especiais, pois segundo Shoval (2014), as atividades em duplas, que envolvem movimentos de cooperação ou de competição potencializam as relações pessoais principalmente das crianças pequenas, possibilitando a comunicação não verbal. Com isso as crianças têm a possibilidade de escolher os movimentos, são estimuladas à resolução de problemas e à interação com os colegas e com os adultos compartilhando suas experiências de movimento.

Há ainda outros meios, tais como os recursos tecnológicos que podem estimular a autonomia e a inclusão social. Estes recursos podem ser possibilidades pedagógicas para o ensino dos alunos com necessidades especiais, que através das tecnologias assistivas podem ser estimulados ao desenvolvimento da autonomia e da inclusão social (DAMASCENO, 2006).

Por exemplo, Assis (2010) enfatiza que as crianças com mielomeningocele podem ter uma melhor qualidade de vida se forem estimuladas a desenvolverem a independência e a autonomia. Esta autonomia está relacionada à manipulação de materiais, produtos e objetos que ajudam no autocuidado, na higiene pessoal, nos cuidados alimentares, nas trocas de vestuário dentre outras e os conhecimentos práticos sobre os diferentes recursos precisam ser disseminados sendo preciso implementar mais ações em relação aquisição de materiais e a capacitação de professores para que mais crianças com mielomeningocele sejam estimuladas de forma adequada para aquisição da independência e autonomia. Outra contribuição importante da prática corporal é sua relação com o desenvolvimento de habilidades motoras básicas, as quais serão de vital importância para atividades do dia a dia e na vida adulta.

Neste mesmo sentido Galvão Filho (2009) afirma que a tecnologia assistiva tem uma influência muito forte no contexto psíquico fazendo com que as crianças se sintam empoderadas e autônomas.

Devido a faixa etária das crianças deste estudo será necessário elencar as habilidades motoras rudimentares. O desenvolvimento dessas habilidades devem ocorrer na primeira infância e são provenientes das ações motoras crescentes e da competência motora, que estão diretamente ligados aos fatores intrínsecos à atividade proposta, ao ambiente e a pessoa (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

Segundo Gallahue e Ozmun (2005) o ambiente em que a criança cresce e as exigências advindas da atividade motora proposta (estímulo extrínseco) tem uma grande influência na aquisição das habilidades motoras rudimentares na primeira infância. Por isso é importante ter um conhecimento do desenvolvimento motor a partir das experiências motoras precoces durante a primeira infância para que haja uma melhor compreensão do desenvolvimento que antecede entrada das crianças na escolarização. Da mesma forma é preciso buscar um entendimento de como os seres humanos aprendem a mover-se dentro do conceito desenvolvimentista, enfatizando que a criança tem a necessidade de aprender a realizar o controle muscular, de como lidar com a força gravitacional, com a organização dos estímulos sensoriais (visuais, auditivos, olfativos, táteis e cinéticos) e com o movimento de maneira direcionada nos diversos ambientes.

Ainda segundo estes autores, o desenvolvimento dessas habilidades iniciam-se ao nascer com a organização dos estímulos sensoriais e vão se amadurecendo até o primeiro ano de vida, posteriormente no período do primeiro ao segundo ano de vida ocorre a passagem para o estágio de pré-controle onde a criança começa a controlar os movimentos com mais precisão após serem estimuladas a realizar inúmeras atividades motoras, as quais podem acelerar o desenvolvimento das tarefas rudimentares estabilizadoras, locomotivas e manipulativas. Nestas três categorias básicas do movimento as crianças devem começar a dominá-las para que possam com eficiência interagir com a vida estabelecendo uma relação com o corpo, com a força gravitacional afim de, atingir uma postura sentada e em pé através do controle da musculatura (estabilidade), que ocorre a partir da obtenção do controle sobre a cabeça, o pescoço, tronco, braços e pernas conhecido como desenvolvimento céfalo-caudal. Em um segundo momento a criança deve desenvolver habilidades básicas a fim de movimentar em um determinado espaço (locomoção), que ocorre através do arrastar, engatinhar e andar. Em um terceiro momento a criança deve desenvolver as habilidades rudimentares de alcançar, segurar e soltar (manipulação).

Estas fases de desenvolvimento são de grande relevância, desde que, associada à maturação, ao crescimento e que seja estimulada com as questões sociais e ambientais (TANI et. al., 1988).

De acordo com Gallahue e Ozmun (2005) as habilidades locomotoras, estabilizadoras e manipulativas das crianças podem desenvolver-se através da influência maturacional quanto do aprendizado. Esta inter-relação de ambas propicia o refinamento das habilidades motoras rudimentares o que leva ao desenvolvimento de padrões motores fundamentais e de habilidades motoras especializadas. As habilidades motoras fundamentais têm relação com a idade, porém não depende da mesma e sim de diversos fatores que envolvem a tarefa, o indivíduo e o ambiente, desde que envolvam experiências coordenadas que levem a otimização do potencial de desenvolvimento aumentando o conhecimento sobre o corpo e seu potencial para o movimento. Os movimentos locomotores como o correr e o pular e os manipulativos de arremessar, apanhar, chutar e impedir são habilidades motoras em que as crianças têm o domínio, e podem ser aperfeiçoadas tornando-se uma habilidade de um determinado esporte. Portanto as condições básicas para que haja o desenvolvimento motor das crianças é que, elas tenham o domínio das habilidades motoras fundamentais. Veja na Tabela 1 as habilidades motoras básicas:

Tabela 1 - Habilidades motoras básicas

HABILIDADES MOTORAS BÁSICAS		
Habilidades Manipulativas	Habilidades Locomotoras	Habilidades de Estabilização
Arremessar	Andar	Flexionar
Quicar	Correr	Equilibrar
Chutar	Saltar	Estender
Lançar	Saltitar	Girar
Rebater	Escorregar	Posições invertidas
Cabecear	Escalar	
Agarrar	Rolar	
Rolar a bola	Desviar	

Para que isso ocorra de forma integral é preciso estimular o desenvolvimento das habilidades coordenativas, pois estas capacidades podem se

desenvolver ao longo dos anos e de diferentes formas. E isso ocorre devido a à criança possuir uma grande plasticidade do córtex cerebral na fase da infância (WEINECK, 2000).

Durante a infância até cinco anos de idade as principais capacidades coordenativas que podem ser desenvolvidas pelas crianças são a capacidade de coordenação sobre pressão do tempo e capacidade de diferenciação cinestésica espacial e temporal. Já às capacidades de reação acústica e óptica, de ritmo, de orientação espacial e de equilíbrio só podem ser desenvolvidas nas idades subsequentes.

Nas atividades que desenvolvam a força é preciso respeitar os limites e particularidades de cada organismo, utilizando o impulso normal de movimento das crianças produzindo estímulos suficientes para o crescimento ósseo e desenvolvimento muscular, pois até cinco anos de idade elas tem uma estrutura óssea menos resistente a pressão e a torção. Porém nas crianças de até cinco anos as atividades de força não são indicadas. Já nas atividades físicas as crianças de 3 a 5 anos podem receber treinamento voltadas às capacidades de resistência, desde que seja adequado a idade e sem pressões externas.

Além das capacidades motoras faz-se necessário tratar também das possibilidades de desenvolvimento da criança através da organização do esquema corporal, do tempo, do espaço, da lateralidade, do desenvolvimento da autonomia, do brincar e do lazer. Há estreita relação do conhecimento corporal com o movimento. Neste sentido De Marco (1995) enfatiza a importância do movimento corporal e de seu desenvolvimento para os seres humanos, pois para ele o movimento corporal poderá estimular o aumento do controle voluntário do tônus muscular, das emoções, do equilíbrio corporal e a lateralidade, além de aspectos sociais de interação, imitação, observação e do contato sinestésico (dar e receber carinho).

Um programa de atividades que englobem um repertório diversificado de atividades motoras direcionadas para o desenvolvimento e aprimoramento dessas estruturas pode ser considerado como a essência do processo ensino-aprendizagem da psicomotricidade. Estes programas de atividades devem ser estruturados levando em consideração em um primeiro momento que seja oportunizado a criança o desenvolvimento da consciência corporal para que possa desenvolver as noções de tempo e espaço (DE MARCO, 1995).

A orientação direcional possibilita as crianças dimensionarem os objetos que estão em um ambiente externo. Além disso, o entendimento de direita e esquerda, frente e trás, dentro e fora, para cima e para baixo poderá ser aperfeiçoado através das atividades motoras de orientação direcional (GALLAHUE; OZMUN, 2005).

E para que a criança desenvolva os aspectos motores é preciso que a organização temporal e orientação espacial e a lateralidade sejam estimuladas. De Marco (1995) entende que o aprendizado motor e a educação sensorial são inseparáveis, ou seja, não se distinguem e o aprendizado pode ocorrer através da educação cerebral, sensorial e cognitiva onde a criança possa sentir, representar e expressar através do corpo, sendo oferecida a ela a possibilidade de errar, de tentar e de correr risco preparando para uma aprendizagem superior para que possam progredir e evoluir.

1.6 Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas durante as aulas

É necessário verificar que quando crianças com necessidades especiais estão presentes na sala de aula várias modificações precisam ser realizadas para que estas crianças possam participar das atividades, sendo fundamental também que o sistema de avaliação seja adaptado e mantenha-se atrelado aos objetivos pretendidos ao se oferecer tais atividades as crianças. Muitas vezes será necessário também adequar os objetivos para que eles sejam exequíveis, levando-se em consideração as possibilidades da criança em seus diferentes aspectos e nas suas especificidades.

Mantoan (2006) ao falar da elaboração de critérios para avaliar as adaptações nas aulas entende que, para que isso ocorra, a educação inclusiva deve ser flexível, com adaptações curriculares na aprendizagem, no conteúdo e na avaliação, respeitando os aspectos da heterogeneidade e diversidade. Para ela a inclusão mostra os pontos extremos entre o velho e o novo sistema de ensino brasileiro, que precisa ser preenchido com ações e projetos que transformem a educação adequando aos novos tempos.

Para Pimentel (2014) é preciso pensar em um currículo adaptado com mudanças operacionais para atender as necessidades das pessoas com deficiência

levando em consideração alguns aspectos: o que deve ser ensinado, qual a importância de ensinar, como trabalhar esse conteúdo e que instrumento deve ser utilizado na avaliação.

Além disso, a adaptação do currículo deve envolver todas as pessoas do processo educacional, tais como o professor, a equipe diretiva, a família, o próprio aluno, o professor especializado da escola (salas de recursos) com o propósito de garantir um currículo que contemple e potencialize a aprendizagem.

Em relação às adaptações para realização das práticas corporais Hutzler (2007) chama a atenção para a necessidade de se levar em consideração a relação entre a criança a tarefa e o ambiente, de forma que todas as atividades tenham os objetivos pré-estabelecidos e que as adaptações sejam feitas de acordo com cada realidade e com a especificidade da criança.

Para ele, em relação à pessoa é necessário verificar o nível do desenvolvimento das capacidades motoras e considerar que o biotipo é influenciado por fatores do genótipo e fenótipo e está diretamente ligado aos tipos de deficiência e as possibilidades de cada pessoa, ou seja, cada uma tem suas necessidades, suas habilidades, suas características pessoais. Além disso, é preciso entender que o ambiente oferece oportunidades, mas também lhe exige e esta exigência não ocorre só com objetos, mas com as pessoas envolvidas no processo, e para alcançar o objetivo proposto é preciso pensar quais as tarefas que devem ser feitas e como adaptá-las levando em consideração a pessoa e o ambiente.

Segundo Fontana e Cruz (1997) o jogo e a brincadeira possui suas normas e regras que podem ser adaptadas, porém corre-se o risco da atividade perder a sua essência.

Para saber a coerência das respostas dos professores foi feito o confronto entre o conhecimento demonstrado pelos professores com a revisão de literatura embasada nos autores que tratam sobre o assunto. As respostas que estavam de acordo com os autores foram consideradas adequadas e as que não estavam foram consideradas inadequadas.

1.7 Síntese

Verifica-se assim que a formação docente é realizada há mais de três séculos e que no Brasil existem leis que normatizam este preparo. A formação

continuada é vista como uma alternativa para melhoras na carreira docente, pois tem como objetivo a reflexão, a discussão e a problematização do currículo, podendo ser decisivo nas competências a serem trabalhadas na educação infantil através das estratégias de mudanças nestes níveis e no nível fundamental.

No Estado do Tocantins a primeira evidência de professores formados no curso normal foi na cidade de Guaraí. Neste período os professores e os técnicos das delegacias regionais de ensino foram capacitados para dar aula na educação infantil. O Estado também participou da discussão dos eventos estaduais e nacionais relacionados à educação infantil com encontros com a finalidade de tematizar, problematizar e discutir a prática pedagógica através dos estudos dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs e do Referencial Curricular Nacional-RCN da educação infantil, os professores foram capacitados através do Programa de Formação de Professores em Exercício-PROFORMAÇÃO para atuar no ensino infantil e creches. Neste período na cidade de Guaraí as pré-escolas buscavam uma proposta pedagógica própria para aplicação na fase inicial de escolarização, neste período também não houveram relatos da presença de professores especialistas em movimento atuando na escolarização através de conteúdos voltados às práticas corporais.

As experiências educacionais inclusivas relatadas na coletânea produzida pelo MEC (ROTH, 2006a; 2008) trouxeram relatos somente de duas experiências com práticas corporais, porém por professores que não eram especialistas em movimento. Outros estudos que tratam especificamente de práticas corporais foram narrados por: Duarte e Lima (2003) e Ribeiro (2009) estas experiências foram realizadas por professores de educação física, porém não com crianças do ensino infantil, foco deste estudo; enquanto que Chico et. al., (2013), Falkenbach et. al., (2007) e Chicon (2011) evidenciaram em seus estudos ações realizadas por professores de Educação Física, e mostram que falta apoio eficaz dos órgãos públicos nas esferas federais estaduais e municipais, pois algumas ações como o investimento em capacitações, materiais e equipamentos estão a desejar.

No contexto da educação infantil não foram encontrados até o momento estudos sobre a prática corporal em salas de aulas regulares com crianças com necessidades especiais incluídas.

Para o trabalho com alunos com deficiência é preciso que os professores conheçam as necessidades especiais e alguns cuidados preventivos para que

possam, de forma consciente, auxiliar no desenvolvimento seus alunos. Estes cuidados devem abranger os conhecimentos de manipulação e transferência de cadeira de rodas, os cuidados com as crianças com convulsão, deficiência física ou, visual, autonomia, as relações sociais e adaptações necessárias no trabalho com esta clientela, pois estes conhecimentos se assimilados pelos professores podem ajudar de forma significativa no desenvolvimento das crianças durante as práticas corporais.

Dentre as muitas contribuições que a prática corporal pode trazer para o desenvolvimento infantil estão as relacionadas a aspectos psicossociais, pois estes aspectos possibilitam que a criança conviva em ambientes sociais inclusivos nas escolas desde a mais tenra idade. Neste sentido a brincadeira pode facilitar o crescimento cognitivo e afetivo, enquanto que os atributos pessoais, papéis sociais e emoções são importantes porque norteiam o desenvolvimento da autonomia e inclusão social das pessoas através da atribuição de responsabilidades no planejamento e organização das diferentes tarefas nas aulas. A consciência corporal e as capacidades motoras estimuladas através das práticas corporais levando em consideração a criança a tarefa e o ambiente podem potencializar as relações pessoais desde que o professor leve em consideração as necessidades da criança. A influência do ambiente e as exigências advindas da atividade motora proposta tem uma grande influência na aquisição das habilidades motoras rudimentares na primeira infância.

É necessário verificar que quando crianças com necessidades especiais estão presentes na sala de aula várias modificações precisam ser realizadas para que estas crianças possam participar das atividades sendo fundamental também que o sistema de avaliação seja adaptado e mantenham-se atrelados aos objetivos pretendidos ao se oferecer tais atividades as crianças. E para que isso ocorra é preciso a elaboração de critérios para avaliar as adaptações nas aulas e isto implica que a educação inclusiva deve ser flexível, com adaptações curriculares na aprendizagem, no conteúdo e na avaliação, respeitando os aspectos da heterogeneidade e diversidade, além disso, é preciso pensar em um currículo adaptado com mudanças operacionais para atender as necessidades das pessoas com deficiência levando em consideração alguns aspectos que devem ser ensinados, qual a importância de ensinar, como trabalhar esse conteúdo e que instrumento deve ser utilizado na avaliação.

2 Procedimentos Metodológicos

2.1 Classificação do estudo

Trata-se de uma pesquisa de campo, com uma abordagem qualitativa do tipo direta, caracterizada pela captação das informações diretamente da fonte de origem (MATTOS, et. al., 2004).

2.2 Participantes do estudo

O estudo foi realizado em um município pólo do Estado do Tocantins, que de acordo com dados do IBGE (2014) em 2010, contava com mais de 220 mil habitantes sendo a maioria, instalados na zona urbana, com uma população economicamente ativa e produtiva que se concentra em atividades agropecuárias e de prestação de serviço, porém uma pequena minoria de pessoas tem ensino superior completo.

O cálculo amostral para composição do grupo a ser estudado foi feito de acordo com Thomas e Nelson (2002) que sugerem que a composição da amostra seja calculada a partir de:

$$n = \frac{N.n^0}{N+n^0},$$

Considerando-se que o referido município tem uma amostra de 253 professores de educação infantil, que o E_0 (erro amostral tolerável) é de 0,05; tem-se que o número mínimo de professores é 153 professores (pois $n^0 = \frac{1}{(e)^2}$).

Como a rede municipal de ensino desta cidade pesquisada contava com 89% professores regentes de sala e de 11% de professores de Educação Física, para manter a proporcionalidade da amostra, seriam necessários 136 professores regentes e 17 professores de Educação Física, como 179 professores regentes resolveram participar do estudo, foram incluídos também 23 professores de Educação Física, considerando-se também a localização das instituições de ensino nas regiões norte, sul, leste, oeste e centro da cidade.

Critério de inclusão no estudo: professores regentes e de Educação Física, que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.

Critérios de exclusão no estudo: professores que não assinaram o TCLE e os que não trabalhavam com a faixa etária de zero a seis anos.

2.3 Materiais e métodos

Para iniciar a pesquisa foi protocolado, via ofício a Secretaria Municipal de Educação um resumo do projeto desta pesquisa explicitando suas finalidades, objetivos e forma de execução, além da ficha de autorização para a realização do mesmo.

Esta secretaria forneceu dados com a relação de todas as escolas contendo endereço e telefone, e-mail e o nome dos gestores, além disso, também enviou um e-mail para todas as escolas informando sobre o projeto de pesquisa.

A partir destes dados foram feitos contatos com os gestores das instituições infantis via telefone para agendamento das visitas para apresentação do projeto e do documento de autorização da pesquisa emitido por esta secretaria.

Na data agendada, o pesquisador conversava com a orientadora educacional, a supervisora e a diretora da escola e depois montava os cronogramas de visita nos dias de planejamento de cada professor para aplicação dos questionários.

Os participantes do estudo foram reunidos por grupos conforme os dias em que havia reuniões de planejamento na escola para receber informações sobre o estudo, assinar o termo de consentimento livre e esclarecido e responder ao questionário.

O questionário continha dez questões abertas e dez fechadas de forma que não houvesse a indução das respostas (LUDKE; ANDRE, 1986; THOMAS; NELSON, 2002). As perguntas versavam sobre necessidades especiais e práticas corporais, cuidados preventivos, técnicas especiais e adaptações de atividades, bem como sobre autonomia e inclusão social, conforme constante no APÊNDICE A , onde pode ser visto que para todas as perguntas, havia uma escala do tipo Likert com cinco pontos (MATTAR,1996) que se referia a percepção do professor sobre seu próprio conhecimento do tema e uma questão aberta para que o professor

explicitasse o conhecimento que tinha, dando um exemplo de como agiria com a situação, permitindo assim o confronto de sua resposta com o previsto na literatura especializada.

2.4 Tratamento de dados

As questões fechadas (auto percepção de conhecimento) foram analisadas através da estatística descritiva apresentando os resultados através da frequência relativa e absoluta e elaboração de figuras ilustrativas.

As questões abertas referiam-se a exemplos dados pelos professores sobre o tema foram transcritas da folha de resposta para tabelas, conforme haviam sido redigidas pelos voluntários e confrontadas com a literatura.

2.5 Considerações éticas

Os procedimentos éticos neste estudo obedeceram às normas e regras sobre as pesquisas que envolvem seres humanos de acordo com a resolução 466/2012. A secretaria municipal de educação autorizou o estudo e todos os participantes desta pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. No APÊNDICE B está o modelo do termo de consentimento livre e esclarecido para os professores, no APÊNDICE C está o modelo de autorização de estudo entregue a secretária municipal de educação.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Metodista de Piracicaba, com o parecer 76/13 conforme pode ser visto no ANEXO A.

3 Resultados e discussão

3.1 Percepção dos professores sobre seu conhecimento relativo à inclusão de crianças com necessidades especiais em aulas regulares

O resultado sobre a percepção dos professores sobre seu conhecimento relativo às práticas corporais e à inclusão das crianças com necessidades especiais no ensino infantil foi agrupado considerando-se os seguintes temas: a) especificidade no trabalho com as pessoas com deficiência (Questões de um a seis: manipulação e transferência de cadeira de rodas; cuidados preventivos no meio ambiente com crianças com deficiência visual; cuidados preventivos no meio ambiente com crianças com deficiência física; cuidados preventivos com crianças com síndrome de Down; critérios para lidar com uma criança durante um convulsão); b) autonomia, inclusão social e relações sociais (abordado nas questões sete e oito - inclusão social entre as crianças e os adultos durante as atividades motoras; estimulação da autonomia e inclusão social da criança com deficiência e c) adaptações e possibilidades de movimento corporal (questões nove e dez - elaboração de critérios para avaliar adaptações feitas nas atividades em sala e possibilidades de práticas corporais).

A distribuição relativa dos dados sobre a auto avaliação dos professores sobre seu conhecimento em cada um destes temas pode ser vista nos gráficos de 2 a 4.

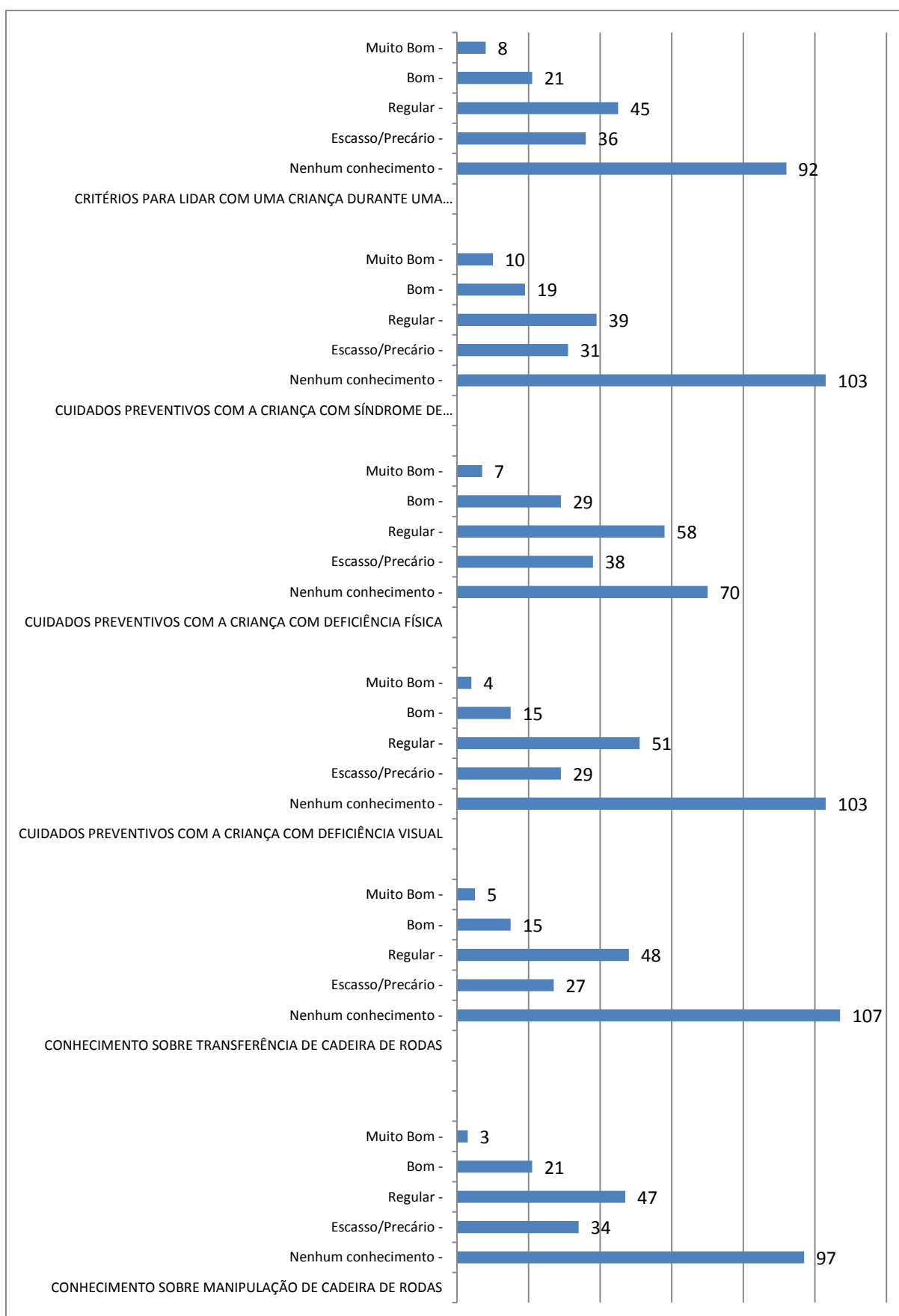


Gráfico 2 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação à especificidade no trabalho com as pessoas com deficiência.

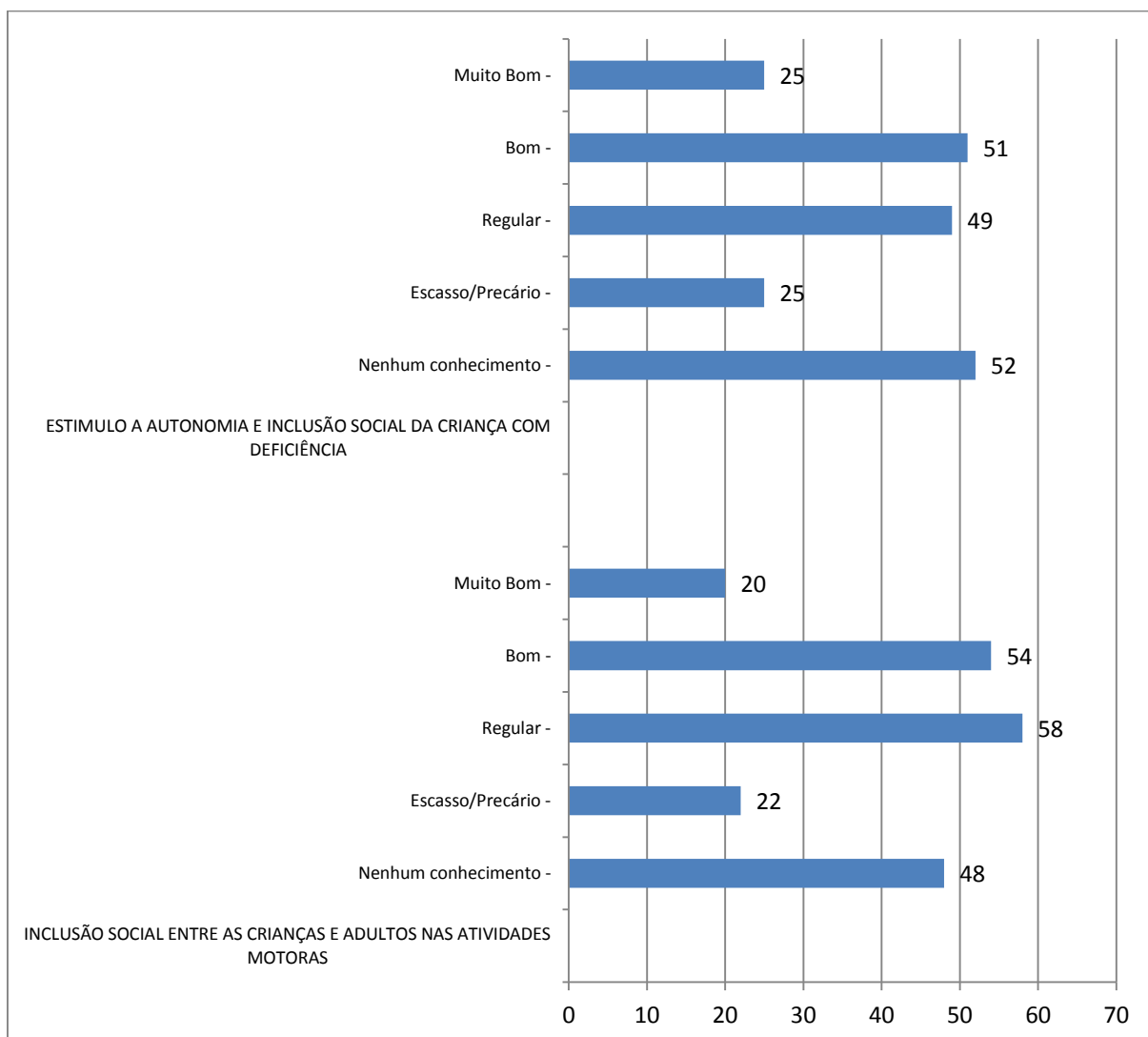


Gráfico 3 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação a autonomia e inclusão social.

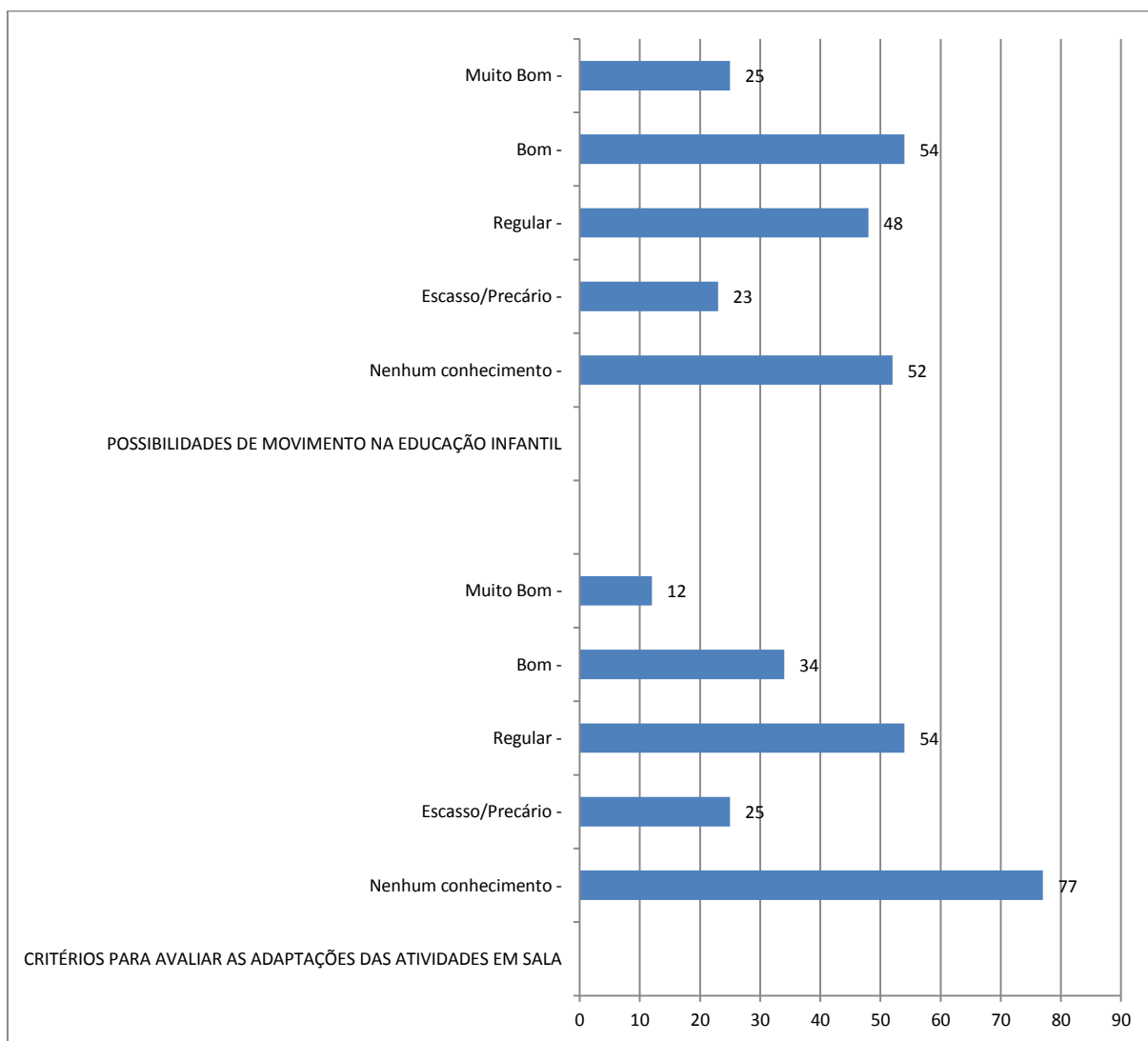


Gráfico 4 - Distribuição da auto-percepção dos professores sobre seu conhecimento em relação aos critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal.

A Tabela 2 mostra a distribuição relativa dos dados, agrupando-se categorias: a= 65% nenhum conhecimento ou conhecimento escasso ou precário, b= 23% conhecimento regular e c= 12% conhecimento bom ou muito bom.

Tabela 2 - Distribuição relativa dos dados sobre percepção de conhecimento dos professores nos diferentes temas

Tema	Nível de conhecimento percebido					Total
	Nenhum	Escasso/precário	Regular	Bom	Muito bom	
Manipulação de cadeira de rodas	48	17	23	10	2	100
Transferência da criança cadeira de rodas para outro acento ou chão	53	13	24	7	3	100
Cuidados preventivos com a criança com deficiência visual	51	14	25	8	2	100
Cuidados preventivos com a criança com deficiência física	35	19	29	14	3	100
Cuidados preventivos em atividade física com a criança com síndrome de Down	51	15	19	10	5	100
Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão	46	18	22	10	4	100
Inclusão social entre as crianças e adultos durante atividades motoras	24	11	29	26	10	100
Estimulo à autonomia e a inclusão social da criança com deficiência	26	12	24	25	13	100
Elaboração de critérios para avaliar adaptações feitas nas atividades em sala	38	12	27	17	6	100
Possibilidades de movimento corporal na educação infantil	26	11	24	27	12	100

Verifica-se assim que os professores se sentem mais preparados para inclusão social entre as crianças e adultos durante atividades motoras do que em qualquer outro tema, embora como será visto adiante, o conhecimento demonstrado por muitos que disseram conhecer bem o tema ficou aquém do desejável. Chama a atenção também que o segundo item, onde os professores se sentem melhor preparados, refere-se a possibilidades de movimento corporal e no entanto conhecimentos básicos para a movimentação corporal de crianças com deficiência física ou cuidados necessários para a prática de movimentos com crianças com síndrome de Down são assumidos como desconhecimento ou como conhecimento precário.

Ao analisar o tema sobre especificidades com pessoas com deficiência, é preocupante a porcentagem de professores que disseram que não sabem, ou que sabem pouco, pois estes relatos foram evidenciados por mais de 63% dos professores.

Este desconhecimento dos professores sobre o tema especificidades no trabalho com as pessoas com deficiência pode ser visto de forma alarmante, pois as crianças atendidas nesta faixa etária são consideradas população de risco, por isso e além disto é preciso que os professores se recordem que um dos objetivos da educação infantil é cuidar da criança e para que isso ocorra é preciso que tenham conhecimentos sobre os cuidados preventivos para que possam oferecer condições para que estas crianças se desenvolvam sem que ocorram intercorrências ou problemas que atrapalhem o seu desenvolvimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil-DCNEI retratam que para que se atenda os objetivos da educação infantil é necessário que seja assegurado a criança uma educação integral através do cuidar; que seja oferecida a criança uma ação conjunta envolvendo as dimensões expressivas, motoras, afetivas, cognitiva, ética e sócio-cultural; que seja estimulada a interação entre a família e a criança; que se estabeleça relações com a comunidade; se estimule as crianças ao entendimento das diversidades, ao movimento corporal, a acessibilidade física e as instruções e ao estabelecimento das relações histórico culturais (BRASIL 2010).

Estes cuidados são amparados também pelo Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil-RCNEI que define oito objetivos para que as crianças alcancem as seguintes capacidades: percepção de suas limitações e independência;

potencialidades e limites (conhecimento do próprio corpo); Interação social com os adultos; relação social (com outras pessoas); exploração do ambiente com agente transformadora; brincar expressando os pensamentos, desejos e necessidades; utilização das linguagens na construção dos significados e conhecer as manifestações culturais valorizando a diversidade (BRASIL, 1998)

É preocupante saber que muito alunos com necessidades especiais podem não estar sendo atendidos nas atividades escolares diárias de forma igualitária e inclusiva por estes professores. E a organização das nações unidas define que a educação poderá promover inclusão social e integração cultural através do desenvolvimento sustentável valorizando a diversidade e os direitos das pessoas, principalmente em relação as pessoas excluídas e marginalizadas e que a escola pública também tem como função integrar a diversidade (UNESCO, 2008).

3.2 Conhecimento demonstrado sobre ações a serem realizadas quando ocorre a inclusão de crianças com necessidades especiais em aulas regulares

Quando se observa os exemplos dados pelos professores para cada questão na qual eles avaliaram seu conhecimento verifica-se, que muitos deles apesar de afirmarem que tinham conhecimento bom ou muito bom, não deram exemplos adequados sobre como trabalhar com os temas. Sobre o conhecimento a respeito de manipulação de cadeira de rodas, 172 professores justificaram, destes 151 justificaram o conhecimento e 21 justificaram a falta de conhecimento, um respondeu a questão incorretamente, 29 não responderam. Nenhum destes professores deu exemplo de como fazer a manipulação .Houveram ainda os professores que ao invés de dar exemplos preferiram justificar o conhecimento, como por exemplo os professores (P11, P12, P13, P15, P16, P29, P32, P42, P51, P52, P53, P54, P58, P70, P81, P84, P87, P88, P97, P151, P152, P163, P175, P185, P195, P197, P198 e P201) que relataram ter experiências com cadeirantes ou na família ou no trabalho; Os professores P15 e P84 não souberam dizer se a forma como manipulavam era correta; o professor P18 relatou que tinha alguém na família que era cadeirante, Os professores P10, P35, P45, P66, P77, P153, relataram ter

noções de como manipular, os professores P19, P35, P39, P41, P45, P80, P121 e P135 relataram que tinham conhecimento teórico.

Como crianças usuárias de cadeiras de rodas já estão frequentando as escolas regulares o conhecimento mínimo sobre o assunto é necessário para que se possa proporcionar a participação destas nas atividades.

Para que as respostas sejam consideradas corretas é preciso que o professor tenha alguns conhecimentos, um destes conhecimentos, segundo Bromley (1997) refere-se aos cuidados relativos ao posicionamento do corpo na cadeira e a mudança de posição para que não ocorra pressão exagerada na pele para evitar escaras. Deve-se utilizar na cadeira, quando necessário, o velcros de fixação para aumentar a segurança durante o deslocamento (FERREIRA, 2011). É preciso também conhecer as técnicas de deslocamento, para frente, para trás, fazer curvas, giros, transposição de obstáculos, subir e descer escadas e saber utilizar as técnicas de frenagem com uma mão ou com as duas (SOUZA, 1994).

Em relação ao conhecimento sobre transferência de cadeira de rodas 157 professores ao invés de dar exemplo justificaram, destes 136 justificou o conhecimento e 21 a falta deste, 12 deram respostas incorretas, 33 não responderam e nenhum professor deu respostas adequadas.

Entre os que justificaram foram encontradas as seguintes respostas: Os professores P3 e P11 relataram que tinham contato com a família, mas será que este contato com alguém da família lhe dá respaldo e conhecimento sobre a transferência? Será que estes professores sabem que existe uma técnica correta? Ou será que eles transportam do jeito que acham que é certo? Ou será que eles tiveram orientação especializada do centro de reabilitação ou das Associação de Pais e Moradores-APAES? P6 disse que tinha como exemplo o filho; P12 afirmou que fazia a locomoção de paciente em hospital; P19 disse que tinha formação, mas não tinha prática; o P25, P26 relataram que conseguem transferir, porém necessitam de orientação, neste caso estes dois professores conseguem fazer a transferência e estão conscientes de que os conhecimentos não são suficientes, o que é um bom sinal, pois estão abertos a novos conhecimentos. O P33 disse que ajudava a cuidadora, porém não disse se sabia fazer a transferência; P54 relatou que o que sabia era somente segurar a cadeira; P64 disse que realizaria com cuidado, mas não disse como; P73 disse que já trabalhou, mas não disse se sabe, enquanto que os professores P21, P44, P53, P56; P70, P90, P92, P93, P119, P134, P137, P138,

P139, P160, P166, P174, P176, P182, P183, P189, P190, P193 e P200 relataram ter consciência de que o conhecimento não é suficiente e que precisa de capacitação sobre o assunto.

Os professores que deram os exemplos inadequados foram:

- P15 “Já transportei carregando no colo e levando ao chão, pegando com as mãos embaixo das pernas e nas costas”;
- P76 “Eu fazia de maneira comum e normal, como se pegasse uma criança normal”;
- P106 “Eu pegaria no colo, depois eu sentava ele no chão”;
- P132 relatou “Imagino que é só pegar a criança da cadeira e colocar no chão”;
- P141 relatou que “Já trabalhei com alunos no ensino fundamental e a transferência do lugar era feita com a ajuda de pelo menos um colega. Uma pega em baixo do braço e outra nas pernas”;
- P167 “da forma que consigo”;
- P169 “Colocar a cadeira próxima ao outro assento, ficar de frente para a criança, pedir que ela firme no condutor segurar a criança abraçando-a, suspendê-la e decolar para o outro assento”;
- P178 relatou que “É um pouco difícil você colocar ele no chão, mais coloquei ele no colo”;
- P179 “Carregar no colo e colocar no local adequado”;
- P180 “Porque não trabalhei com cadeirante se tivesse carregaria no colo”;
- P181 “Carregaria no colo”.

Nenhum dos professores relatou a técnica, conforme proposto na literatura, como por exemplo, se a criança tem um grau de dependência baixo ou moderado deve-se instruí-la sobre a técnica a executar: aproximar os pés da cadeira, solicitar a ela que incline o tronco para frente e segurá-la de forma frontal abraçando-a por baixo dos braços, levantando-a e transferindo-a para o local desejado, que deverá estar bem próximo a cadeira de rodas. Uma outra forma de realizar esta transferência é ficar atrás da cadeira de rodas, abraçando a criança por baixo das axilas segurando no antebraço direito com a mão esquerda e o antebraço esquerdo com a mão direita para uma maior estabilidade (CARINHAS et. al., 2013).

Esta falta de conhecimento em relação a transferência de cadeira de rodas pode estar ocorrendo não devido a falta de publicações sobre o assunto, pois existem publicações em livros, revistas e nos meios digitais e estes professores tem acesso a internet nas suas instituições. Porém grande parte dos professores tem o entendimento que este saber não é obrigação deles, pois acreditam que deverá haver alguém da equipe multidisciplinar para auxiliá-los.

Em relação a questão três que trata do assunto sobre cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência visual nenhum dos professores deram exemplos incorretos, 161 justificaram, destes 124 justificaram o conhecimento e 37 a falta de conhecimento, 35 não responderam e seis professores deram exemplos considerados corretos quando comparados a literatura. Segundo Gil (2000) é preciso manter o caminho por onde passa a criança com deficiência visual livre de obstáculos para evitar acidentes, além disso, deve também estimular a criança com deficiência visual mentalizar os equipamentos e materiais do ambiente escolar e isto foi visto na resposta dos professores: P2, P15, P20, P35, P37, P48.

O P2 afirmou que deveria se ter cuidados com os “objetos no chão”. P15 relatou que deve-se, “Evitar deixar materiais que prejudiquem a movimentação no chão ou nos locais próximos a cabeça”; P20 disse que “Ter cuidados com os degraus, com paredes e objetos na sala”; P35 “Tirar todos os objetos, brinquedos ou materiais cortantes que ponham em risco a integridade física do aluno”; P37 “Apenas bom senso retirando objetos do caminho” e P48 “Não deixar obstáculos que possam causar acidentes e obstruir a movimentação da mesma”.

O que chama a atenção é que dos professores que justificaram a falta de conhecimento os P9, P39, P62, P75, P77, P81, P86, P89, P90, P96, P104, P106, P109, P141, P142, P145, P146, P151, P153, P154, P174 e o P198 relataram ter consciência de que o conhecimento não é suficiente e que é necessário capacitação sobre o assunto.

Em relação a questão quatro, que trata do assunto sobre cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência física, 150 professores ao invés de dar exemplos, justificaram suas respostas, destes 124 justificaram ter conhecimento e 26 a falta deste, 45 não responderam e sete professores (P2, P3, P4, P6, P8, P15, P80) deram exemplos considerados corretos. Pois de acordo com Schirmer (2007) os alunos com deficiência física necessitam de espaço físico

(rampas, pisos adequados, pátios, salas dentre outros) equipamentos, instrumentos, recursos e material técnico pedagógicos adaptados (brinquedos, carteiras dentre outras), conforto e segurança de acordo com as necessidades especiais de cada criança permitindo o desempenho de atividades de forma independente, além de informação espacial para a criança sobre a localização.

Os exemplos considerados corretos foram: P2 relatou que deveria se ter cuidados com os “obstáculos”; P3 relatou que deve-se ter “Espaços adequados”; P4 disse que “Necessita de estrutura apropriada para locomoção, rampas, corrimão e banheiros”; P6 “Na faculdade aprendemos sobre acessibilidade, rampas, espaço e moveis”. P8 “Os cuidados devem ser com os obstáculos”; P15 “Os locais têm que ser adaptados, como os pisos, os banheiros, as calçadas dentre outros”; P80 “Deve orientar a crianças a andar e retirar alguns objetos que venha causar alguns acidentes”.

Dos 26 professores que justificaram a falta de conhecimento os professores P21, P44, P45, P46, P57, P71, P76, P86, P88, P89, P90, P100, P107, P108, P119, P123, P132, P134, P136, P137, P138, P139, P153, P171, P175 e o P190 relataram ter consciência de que o conhecimento não é suficiente e que precisa de capacitação sobre o assunto.

Em relação a questão cinco, que trata do assunto sobre Cuidados preventivos com os alunos com síndrome de Down, 152 professores justificaram suas respostas, destes 120 justificaram o conhecimento e 32 que não tem conhecimento, 36 não responderam, seis deram respostas inadequadas (P91, P92, P150, P180, P193 e P202) e oito professores (P33, P35, P36, P37, P63, P80, P94, P197) deram exemplos considerados corretos considerando-se que Campos e Mendes (2012), mostraram que nos primeiros anos de vida da criança é preciso que o professor oriente a família e fique atento em relação a instabilidade atlanto-axial; deve-se evitar movimentos exagerados de flexão e extensão da coluna cervical e orientar a família para pedir ao médico a radiografia da coluna cervical a partir dos três anos de idade para saber se a distância entre as vértebras atlas e axis é igual ou superior a 4,5 mm pode ser indicativo de uma subluxação atlanto-axial. Se for constatado a subluxação deve-se evitar práticas corporais de impacto como cambalhotas, mergulho, cavalgada, futebol, ginástica dentre outras.

Outras respostas encontradas: P35 relatou que deveria se ter cuidados com os “Geralmente os alunos com Down tem a cervical fragilizada, evitar que o

professor evite atividades que ponham a integridade física do aluno em risco”; P36 afirmou: “Sim tenho um certo conhecimento em relação a atividade com crianças com síndrome, as atividades não podem ser atividades bruscas, como rolamentos entre outras”. P37 disse: “Articulações frágeis requerendo maior atenção”. P63 escreveu: “Cuidados com situações que envolvam exercícios físicos por seus membros serem muito flexíveis, como braços pernas e cabeça”; P80 expôs: “Deve evitar certos exercícios que venha causar movimentos de impactos”. P197 disse: “Evito rolamentos frontal e a inclinação da coluna cervical”.

Das respostas consideradas inadequadas a que chama mais a atenção é a dada pelo P91 “Trabalharia exercícios mais vulneráveis à sua capacidade”, pois este relato dá a deusa a entender que este professor não sabia responder e o exemplo está confuso e sem nexos; P150 elucida que deve-se, “Tentar colocá-lo e acalmar utilizando atividades e materiais pedagógicos”, observa-se nessa fala que o professor pressupõe que o aluno vai ficar nervoso, não diz o motivo para isto ocorrer, também não diz como faria para acalmá-lo e nem quais seriam as atividades ou materiais pedagógicos a serem utilizados neste caso.

Portanto observa-se desconhecimento entre os professores em relação aos cuidados preventivos com as crianças com síndrome de Down e isso pode gerar sérios problemas as crianças, pois a falta destes conhecimentos podem trazer sérios problemas ao desenvolvimento e segurança das mesmas. O que contraria o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil-RCNEI que prevê que as instituições de ensino através dos professores precisam incorporar de maneira integrada as questões relativas a educação e aos cuidados através de uma concepção de desenvolvimento que entenda as particularidades da criança quer seja nos aspectos sociais, ambientais, culturais e em relação a autonomia, inclusão social e relações sociais (BRASIL, 1998b).

Por isso nota-se a necessidade de uma mudança atitudinal e de formação e capacitação destes profissionais para que possam conhecer e prevenir os possíveis problemas que estas crianças possam apresentar em sala de aula como os problemas cardíacos, pulmonares, musculares, articulares, problemas de relacionamento, de interação, de inclusão social e do estímulo a autonomia, pois garantir a segurança e o desenvolvimento da criança é dever da escola.

Em relação a questão seis que trata do assunto sobre os critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão 29 professores erraram deram

respostas consideradas inadequadas (P3, P4, P11, P15, P34, P36, P49, P45, P55, P64, P74, P80, P84, P92, P96, P113, P141, P148, P156, P158, P162, P171, P175, P179, P180, P184, P185, P103 e P200), 41 não responderam, 124 justificaram, destes 94 justificaram o conhecimento e 30 justificaram não ter conhecimento e oito professores (P18, P20,P33, P72, P93, P95, P169 e 181) deram exemplos considerados corretos, de acordo com o proposto por APFAPE (2012) onde se prescreve que o professor deve manter a calma, afastar as outras crianças, deitar a criança no chão e afastar os materiais e objetos em sua volta, colocar algo macio embaixo da cabeça para evitar traumas, virar a cabeça suavemente para o lado para evitar que a criança fique com as vias aéreas obstruídas e aguardar de 2 a 3 minutos até a crise passar.

Outras respostas encontradas foram:

- P4 relatou que deveria “Afastar as outras crianças para não sufocar e colocar algo abaixo da cabeça”;
- P18 contou que deve-se, “Afastar todos os objetos de perto da criança e colocá-la na posição que não venha se engasgar com a saliva”;
- P33 disse que “Virar a criança para que ela não se engasgue”;
- P92 falou: “Eu viraria ela de lado e mantinha ela virada e ligaria para os bombeiros se caso não houvesse o orientador na escola”;
- P93 “Na prática ainda não tive que lidar, porém obtive bastante instruções, exemplo deixar o indivíduo na posição de lado e ligar para um especialista”;
- P95 referiu: “Nesse caso o melhor seria afastar as outras crianças, móveis, virar a cabeça de lado e chamar socorro de especialista”;
- P141 escreveu: “Assisti uma palestra do corpo de bombeiros. Não segurar a criança, tirar de perto objetos e deitá-la de preferência em colchão”;
- P169 expôs “Afastar objetos próximos da criança, colocar a criança lateralizada”;
- P189 afirmou: “Colocá-la de lado e segurar-lhe a cabecinha”.

Entre professores que deram exemplos inadequados encontram-se:

- P45 que descreveu que “Cada profissional deveria em ter alguma profissão nessa área, primeiro fazendo uma massagem e levar

imediatamente ao médico”. Neste relato observa-se, um total despreparo deste professor, pois segundo a literatura não é necessário fazer nenhuma massagem;

- P96 “Manter calma as crianças que estão perto e cuidados com as crianças que estão com o problema”, embora seja necessário pensar nas outras crianças e manter a calma, é necessário mais do que isto para proteger a criança que está em crise, para evitar complicações e intercorrências, este professor parece se preocupar mais com as crianças que estão em volta do que com a própria criança que está em crise;

P113 “Deve segurar braços e pernas e a língua para não sufocar”, estas ações estão totalmente contrária às apresentadas pela literatura, Fonseca e Silveira (2012) orientam que não se deve segurar a pessoa durante a crise e nem introduzir nada na boca.

Outro relato preocupante foram os do P156 e P180, o primeiro disse “Nessa hora, dar um banho levar urgente para o médico, até mesmo envolver em toalha molhada”. Embora possa vir a ser necessário dar banho na criança após a crise, se houver relaxamento do esfíncter e conseqüente evacuação de urina ou fezes, não se deve envolvê-la em toalha molhada e outras ações fundamentais para a segurança da criança para evitar complicações não foram referidas.

O P180 afirmou ser necessário “Colocar a cabeça para baixo com a mão no peito e dar tapinhas nas costas”, e isto está totalmente equivocado, pois a ação que o mesmo relatou não deve ser usada quando a criança está sofrendo uma crise convulsiva. Durante tal crise o professor deverá apoiar a cabeça da criança lateralizando-a, para não engasgar com a saliva, além de tirar de perto qualquer coisa que ofereça risco como os materiais, equipamentos ou objetos (FONSECA; SILVEIRA, 2012).

Assim, também em relação aos cuidados preventivos com a criança durante uma convulsão os relatos deixam claro que os professores necessitam formação e capacitação, pois a falta de conhecimento demonstrado pela maioria dos professores podem trazer sérios problemas a segurança e desenvolvimento destas crianças. O professor precisa trabalhar na prevenção e para isso é preciso conhecer os sinais que antecedem um crise, como o olhar fixo acima de cinco segundos sem responder a comandos, confusão mental, inclinação da cabeça para o lado,

enfraquecimento dos músculos, piscar os olhos sem parar, movimento de revirar os olhos, além de manter a boca e rosto paralisados (APFAPE, 2012).

Em relação a questão sete que trata do assunto sobre inclusão social entre as crianças e adultos durante as atividades motoras um professor deu exemplo incorreto (P86), dos 131 que justificaram, destes 120 justificaram o conhecimento e 11 justificaram a falta de conhecimento (P1, P3, P28, P45, P77, P89, P100, P127, P131 e P183) , 60 não responderam e dois professores (P10, P191) deram exemplos considerados corretos e oito professores (P2, P6, P13, P33, P108, P151, P162 e P171) deram exemplos considerados parcialmente corretos considerando-se que as diversas atividades que envolvem os movimentos e que são estimuladas em duplas ou grupos podem auxiliar no desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico (RODRIGUES, 2012).

Entre os exemplos considerados parcialmente corretos estão os do P2 que relatou que a inclusão social pode ocorrer através “Desenvolvimento motor, apertar objetos”; P6 “É a atividade mais explorada por meio de circuito, músicas, movimentos e brincadeiras”; P13 “As crianças especiais devem estar incluídas nas atividades motoras de acordo suas limitações”. Estas respostas foram consideradas parcialmente corretas porque não relatam como as atividades estão sendo realizadas com as outras crianças ou com os adultos, eles estarão desenvolvendo as habilidades motoras, mas se não estiverem se relacionando com as outras crianças a inclusão estará prejudicada.

Exemplos considerados adequados: P10 transcreveu que “A criança precisa receber estímulos de outra criança ou do adulto através do lúdico”; P191 afirmou que esta ação pode ocorrer “Por meio de eventos, jogos e brincadeiras que envolvam a todos. Ex: Festa na família”. Um professor deu exemplo inadequado: P86 quando disse que “Com o decorrer do tempo de trabalho aprende-se”, esta resposta está vaga, não deixa claro o que se aprende com o tempo e nem como o que seria aprendido.

Em relação a questão oito que trata do assunto sobre estimular a autonomia e a inclusão social da criança com deficiência 140 professores não deram exemplos, apenas se justificaram, destes 128 justificaram o conhecimento e 12 justificaram a falta de conhecimento (P22, P28, P71, P77, P90, P138, P139, P141, P142, P145, P183 e P200), 51 não responderam, nenhum deu exemplo incorreto e 11 professores (P6, P15, P46, P80, P94, P135, P147, P171, P178, P181

e P202) deram exemplos considerados corretos, considerando-se apenas que a autonomia pode ser estimulada quando é oferecido aos alunos diversas possibilidades de decidir sobre as atividades de acordo com seus entendimentos, quer seja na construção de materiais ou na organização das regras ou na construção das estratégias (LEITÃO et. al., 2011) e que o estímulo ao desenvolvimento da autonomia das crianças pode ocorrer durante as práticas corporais desde que o ambiente seja agradável (RUIZ, 2011). Nas práticas corporais as crianças podem ser estimuladas a realizar atividades sozinhas, como vestir uma roupa, tomar banho, levantar, andar, correr, manipular, segurar e arremessar, e estes movimentos faz com que elas adquiram independência e autonomia (ASSIS, 2010).

Entre os exemplos considerados adequados encontram-se: P6 relatou que a autonomia e a inclusão social podem ocorrer através “Através da dinâmica de grupo e outras”; P15 “Sim, procuramos realizar atividades em grupos, despertando para que possam fazer atividades sozinhas”; P46 “A criança precisa desse estímulo para sua auto independência”; P94 deu exemplos de atividades que poderiam ser utilizadas, e embora não disse como as utilizaria para que a autonomia ocorresse, as atividades propostas, se bem orientadas poderão promover autonomia, ele escreveu: “É legal trabalhar a música, dança, brincadeiras onde todas as crianças se interam”.

Os professores que justificaram a falta de conhecimento demonstraram que precisam de mais conhecimento e de formação profissional para conseguir estimular seus alunos a desenvolverem a autonomia e a inclusão social das crianças com deficiência.

Em relação a questão nove que trata do assunto sobre elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas nas atividades em sala, oito professores deram exemplos incorretos (P3, P53, P87, P96, P162, P185, P186, P197), 130 justificaram, destes 117 justificaram o conhecimento e 13 justificaram a falta de conhecimento (P01, P22, P32, P51, P74, P77, P78, P79, P132, P145, P151, P175 e P183), 61 não responderam e sete professores (P19, P54, P55, P147, P157, P158, P159) deram exemplos considerados parcialmente corretos considerando a exposição de Hutzler (2007) que durante a adaptação das atividades deve-se levar em consideração as relações triangulares, ou seja a relação entre a criança a tarefa e o ambiente e não apenas uma destas variáveis.

O P19 escreveu: “Sempre de acordo com a necessidade do aluno, depois de um diagnóstico”; esta resposta pode ser considerada parcialmente certa porque relata a necessidade de fazer um diagnóstico de acordo com as possibilidades da criança, porém não evidencia as adaptações nos materiais e nem nos ambientes; P157 “As adaptações são feitas nas atividades de acordo com uma avaliação prévia”, porém não deixou claro se esta avaliação é a nível da criança da tarefa e do ambiente. Martins (2009) afirmou que a adaptação das atividades é um processo constante no cotidiano dos professores e para isso o professor deve conhecer uma variedade de brincadeiras; P159 disse que faz adaptação “Através da observação e relatório individual”, neste caso também é considerada uma resposta parcialmente correta já que ele fala do processo avaliativo, mas não fala da adaptação (criança/tarefa/ambiente).

Os exemplos dos professores P3, P87, P96, P162 foram considerados inadequados por estarem relacionados às adaptações das questões voltadas apenas aos materiais, equipamentos e espaço físico, e por não ter relação com a adaptação da atividade e da criança. O P186 no seu relato deu uma resposta totalmente sem nexos “Ajudar rever onde daremos melhor”.

O P53 afirmou que “Não há adaptação, contudo não esperamos a mesma habilidade”, para este professor a adaptação não existe em suas aulas, porém Hutzler (2007) defende que para que a criança participe de forma igualitária e sem ser excluída é preciso que o professor considere suas necessidades realizando adaptações durante a realização das atividades levando em consideração o ambiente a tarefa e o indivíduo. Não basta considerar a necessidade especial da criança, é preciso também considerar as propriedades do objeto, as relações sociais que ocorrem durante a atividade, as habilidades motoras, psicológicas, sociais que a tarefa exige dentre outras.

Em relação a questão dez que trata do assunto sobre as possibilidades de movimento na educação infantil 103 apenas se justificaram, destes 79 justificaram o conhecimento e 24 demonstraram falta de conhecimento, 65 não responderam e 34 professores deram respostas adequadas (P2, P4, P6, P15, P16, P19, P33, P43, P48, P53, P54, P58, P91, P92, P93, P94, P95, P112, P135, P150, P151, P156, P158, P159, P162, P177, P180, P181, P185, P186, P193, P198, P200, P202), nenhum professor deu exemplo incorreto.

Dentre os relatos, 10 professores expuseram a dança como importante instrumento de possibilidades de movimentos corporais como também o fizeram Gaio e Góis (2006) ao proporem que a dança deve ser entendida como um meio que possibilita movimentos corporais, onde gestos, sentimentos e valores são os principais meios de comunicação e estes, podem trazer inúmeros benefícios sociais. Os relatos sobre dança foram:

- P6 disse que “É a atividade mais explorada por meio de circuito, músicas, movimentos e brincadeiras”;
- P43 “Sim! Trabalhamos com músicas e movimentos onde as crianças começam a estimular o corpo”;
- P2 afirmou que as possibilidades podem ocorrer através de “Danças”;
- P33: “Nas brincadeiras, músicas, dança, nas mímicas e outras”;
- P92: “Com músicas, com teatros, com danças”;
- P94: “Sempre temos que envolver as crianças com a dança e outros movimentos do qual eles se sentem a vontade”;
- P95: “São vários, como: música, dança, brincadeiras e etc.”;
- : “Nós professoras da turma desenvolvemos atividades de dança e brincadeiras e também temos a professora de Educação Física”;
- P162: “Proporcionar todos os movimentos corporais dança, esporte e lutas”;
- P193: “Músicas com movimentos trabalhando todas as partes do corpo com gestos”;
- P198: “Com danças teatros musicalidades e dramatização em geral”;
- P200: “A dança, a música, jogos e o pátio com brincadeiras para desenvolver a coordenação motora ampla”.

Outro aspecto que aparece ligado as possibilidades de movimento é o desenvolvimento da lateralidade como afirmou Ribeiro (2005) é através da lateralidade que a criança utiliza o corpo como um meio de construção do conhecimento e se situa no meio ambiente; três professores relataram a importância da lateralidade: P4 “A maioria dos movimentos são voltados a lateralidade e muito mais”; P8: “Através das músicas”, ex: lateralidade, esquema corporal e etc”. e P15: “Sim, as vezes realizamos atividades de lateralidade e de corridas” e isto está de

acordo com Gallahue e Ozmun (2005) que mostrou que a lateralidade se desenvolve quando é oportunizado à criança o domínio do corpo, entendendo as possibilidades de movimentação para a direita e esquerda, para frente, para trás, dentro e fora, para cima e para baixo.

Houve relato entre os professores sobre a coordenação motora, que de acordo com Ribeiro (2005) deve ser estimulada fazendo com que o aluno com deficiência tenha um desenvolvimento global das capacidades coordenativas indispensáveis ao desenvolvimento físico motor.

Dentre os professores que falaram da coordenação motora estão:

P16 “Esse movimento é muito importante pois a coordenação motora tem que ser bem trabalhada”;

P19 “Para esta faixa etária procuro basear minha atividades com base nos elementos psicomotores;

P53 “É o que mais fazemos, pois com a psicomotricidade bem desenvolvida as crianças serão mais bem desenvolvidas em outras áreas cognitivas”;

P58 “Trabalho que desenvolve a coordenação motora ampla”; P135: “Os movimentos corporais servem para estimular a coordenação motora grossa;

P150 “As crianças na educação infantil trabalham muito a coordenação motora e dependendo da dificuldade da criança ela deve ser muito usada”;

P180 “Muito importante na área de coordenação motora da criança”;

P186 “Ajudar na coordenação motora e desenvolvimento da criança”.

Cinco professores associaram jogo como possibilidade de movimento corporal: P158 “Aulas de Educação Física, dança e outras brincadeiras”; P48 “Brincadeiras dirigidas, dinâmicas e jogos”; P93 “Principalmente jogos, brincadeiras, danças que estimulem sua coordenação motora”; P151 “Com certeza na educação infantil a psicomotricidade é fundamental para a construção do conhecimento necessário para a alfabetização” e o P159 “São bem aceitas pelas crianças na sala através de danças, jogos e é realizado pela professora de Educação Física”.

Para Ribeiro (2005) o jogo possibilita o desenvolvimento psicomotor das crianças aumentando o repertório motor. As ações motoras e cognitivas podem ser potencializadas através dos jogos e das atividades lúdicas, que em consequência estimula o desenvolvimento crítico e a capacidade de atenção (CONSORTE; FARIA, 2008).

Shoval (2014) demonstrou que através de brincadeiras que envolvam a cooperação ou competição as relações pessoais podem ser potencializadas e com isso as crianças podem ser estimuladas a resolução de problemas a interagir com os colegas e com os adultos, tendo a possibilidade de escolher e compartilhar suas experiências de movimento.

Seis professores relataram sobre o correr e o pular: P5 “Busco desenvolver atividades dentro da ginástica, atividades de corrida e manipulação/construção de objetos”; P181 “Seus movimentos de subir e descer, correr, pular, para o desenvolvimento corporal motor”; P91 “Depende da deficiência, correr, pular, tato e mexer”; P112 “É de extrema importância os movimentos corporais, porque as crianças precisam correr, brincar, saltar para ter um bom desenvolvimento físico e psicológico”; P177 “Desenvolver atividades que estimulem o correr, rolar, rolar-se e pular”; P185 “Ir ao parquinho ensinar direção corporal andar de um pé só, pular elástico, amarelinha e etc.” e o 202 “Pular correr, girar, elaborar brincadeiras em grupos”.

Para Ribeiro (2005) as atividades de corrida, de saltos, amarelinha ajudam a desenvolver a força e velocidade nos membros inferiores das crianças e que ao trabalhar o esporte é necessário ter o cuidado para não ensiná-lo apenas de forma competitiva mas enfatizar o lúdico com atividades recreativas e rítmicas, normalmente em grupos, em forma de cooperação.

Entre as justificativas dadas pelos professores para seu desconhecimento sobre o assunto estão as do P3, P12, P32, P56, P75, P77, P79, P83, P86, P88, P89, P101, P127, P129, P136, P138, P139, P145, P146, P149, P157, P175, P183, P191 que referiram ter pouco ou nenhum conhecimento e disseram ter necessidade de capacitação profissional.

Uma resposta que chama a atenção foi a do P167 “De acordo com a forma que consigo fazer”, entende-se na sua fala uma certa acomodação, pois ele não está muito preocupado, se o conteúdo que irá aplicar atende ou não as necessidades dos alunos, mas sim com suas possibilidades. P144 disse “Tenho capacitação e bastante conhecimento na área” porém não elucidou quais as possibilidades de movimento corporal que propicia em sua aula.

Nenhum professor se referiu as possibilidades de desenvolvimento neuro-motor da criança que o movimento traz, e esta é uma das principais contribuições que a prática corporal oferece nesta faixa etária pois é através do movimento

corporal que ocorre o desenvolvimento das vias sensoriais e motoras e se dá a relação da criança com o mundo.

Segundo Shoval (2014), vários sentidos cinestésicos são desenvolvidos quando as crianças são estimuladas a realizarem atividades em grupo, que envolvam as práticas corporais.

Após a análise desses dados, percebe-se que, em relação ao conhecimento sobre a especificidade no trabalho com as pessoas com deficiências, 2% dos professores têm conhecimento de técnicas e dos cuidados preventivos e que 62%, nas diferentes questões, ao invés de exemplificar seus conhecimentos justificaram o conhecimento e 14% justificaram a falta de conhecimento, 4% deram exemplos inadequados e 18% não responderam.

Estes conhecimentos são necessários e importantes, pois sem eles o trabalho de inclusão pode ser prejudicado e podem ocorrer riscos à integridade física da criança, além de falta de estímulos adequados. Para um trabalho de inclusão social é essencial que o professor conheça seu aluno, suas especificidades e trace estratégias de ensino colocando em prática, quando necessário, técnicas de manipulação e transferência da cadeira, tenha cuidados especiais com a criança com deficiência visual, física, síndrome de Down e com convulsões, pois crianças com estas características já estão presentes no dia a dia escolar.

Após a análise desses dados, percebe-se que, em relação ao conhecimento sobre os critérios para avaliar as adaptações, a tarefa e o ambiente, o estímulo à autonomia e inclusão social nas atividades motoras e as possibilidades de movimento corporal, observa-se que 55% dos professores justificaram o conhecimento e 7% justificaram a falta de conhecimento, 6% deram exemplos adequados, 2% parcialmente adequados, 1% inadequados e 29% não responderam.

Com estes resultados observa-se que conhecimento dos professores está aquém do conhecimento necessário para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, entende-se, pelos dados coletados, que os professores aplicam atividades aleatórias, que os aspectos da inclusão podem não acontecer nas atividades práticas e que há discrepância entre o que eles disseram que sabiam e o que eles demonstraram saber.

É preciso que o professor tenha o conhecimento da importância do movimento corporal para o desenvolvimento integral da criança. Outros estudos apontam que o movimento corporal tem sido deixado de lado na infância (PINTO,

2004; FARIA et al., 2010) e o desconhecimento de como trabalhar com o movimento e de sua importância contribui para a falta de movimento corporal nas escolas.

E este desconhecimento não ocorre somente em relação às práticas corporais, segundo Edler Carvalho (2004) a formação recebida pelos professores ainda não é suficiente para o trabalho voltado às diversidades e além disso é preciso que o professor tenha melhores condições de trabalho para que possam através de sua motivação romper a sua própria barreira de preconceito com um repensar em relação as suas atitudes (barreira interna) para que possa trabalhar com as diferenças através de ações voltadas a diversidade propiciando mudanças pedagógicas e o repensar do trabalho docente saindo do modelo tradicional (padrões pré-estabelecidos).

3.3 Relação da percepção do conhecimento sobre o assunto e os exemplos apresentados

Quando se compara a distribuição dos dados do grupo em relação a percepção do conhecimento (detalhada no item 3.1) e a demonstração do conhecimento (detalhada no item 3.2), verifica-se discrepâncias, como pode ser observado na tabela 3.

Tabela 3 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento sobre especificidade no trabalho com pessoas com deficiência.

Tema	Nível de conhecimento percebido						Nível de conhecimento demonstrado				
	Nenhum	Escasso Precário	Regular	Bom	Muito bom	Total	Respostas incorretas	Respostas corretas	Não responderam	Justificaram	Total
Manipulação de cadeira de rodas	97	34	47	21	3	202	1	0	29	172	202
Transferência da criança da cadeira de rodas para outro acento ou chão	107	27	48	15	5	202	12	0	33	157	202
Cuidados preventivos com a criança com deficiência visual	103	29	51	15	4	202	0	6	35	161	202
Cuidados preventivos com a criança com deficiência física	70	38	58	29	7	202	0	7	45	150	202
Cuidados preventivos em atividade física com a criança com síndrome de Down	103	31	39	19	10	202	6	8	36	152	202
Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão	92	36	45	21	8	202	29	8	41	124	202

Tabela 4 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento em relação a autonomia, inclusão social e relações sociais.

Tema	Nível de conhecimento percebido					Total	Nível de conhecimento demonstrado				Total
	Nenhum	Escasso/ precário	Regular	Bom	Muito bom		Respostas incorretas	Respostas corretas	Não responderam	Justificaram	
Inclusão social entre as crianças e adultos durante atividades motoras	48	22	58	54	20	202	1	10	60	131	202
Estimulo à autonomia e a inclusão social da criança com deficiência	52	25	49	51	25	202	0	11	51	140	202

Tabela 5 - Percepção do conhecimento e demonstração do conhecimento em relação aos critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal.

Tema	Nível de conhecimento percebido						Nível de conhecimento demonstrado				
	Nenhum	Escasso/ precário	Regular	Bom	Muito bom	Total	Respostas incorretas	Respostas corretas	Não responderam	Justificaram	Total
Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas nas atividades em sala	77	25	54	34	12	202	8	7	61	126	202
Possibilidades de movimento corporal na educação infantil	5	23	48	54	25	202	0	34	65	103	202

Os itens mais discrepantes são: inclusão social entre as crianças e adultos durante atividades motoras e estímulo à autonomia e a inclusão social da criança com deficiência, pois nestes dois itens houveram 150 professores que disseram ter conhecimento sobre o assunto, porém apenas 21 demonstraram este conhecimento.

Uma análise da coletânea de Roth (2006a; 2008) também evidencia que poucos professores apresentaram conhecimentos sobre autonomia e a inclusão social e as poucas experiências apresentadas evidenciaram ações sobre a auto estima e atividades reflexivas desenvolvidas com os alunos.

Agrupando-se as questões em torno dos três temas principais: a- especificidade no trabalho com as pessoas com deficiência (questões de 1 a 6); b- autonomia, inclusão social e relação sociais (questões 7 e 8) e c- adaptações e possibilidades de movimento corporal (questões 9 e 10) verifica-se, que em relação ao tema (a) enquanto 47% dos professores relataram que não tem conhecimento, 16% que tem conhecimento escasso/precário, 24% relataram ter conhecimento regular, 10% bom e 3% muito bom. Em relação ao tema (b) enquanto 25% dos professores relataram que não tem conhecimento, 12% que tem conhecimento escasso/precário, 26% relataram ter conhecimento regular, 25% bom e 12% muito bom. Em relação ao tema (c) enquanto 32% dos professores relataram que não tem conhecimento, 12% que tem conhecimento escasso/precário, 25% relataram ter conhecimento regular, 22% bom e 9% muito bom.

Nesta fase as crianças precisam ser estimuladas a desenvolver as capacidades coordenativas de forma prazerosa. E se os professores não ficarem atentos para a importância de se trabalhar estas capacidades coordenativas, a falta de domínio das habilidades motoras básicas poderá prejudicar o desenvolvimento da criança e a inclusão social.

Os professores não estão preparados para trabalhar com a inclusão das crianças com necessidades especiais nas aulas regulares, pois eles não foram coerentes nas suas respostas considerando o que eles diziam saber e o que eles demonstraram saber. Isso pode ter acontecido em decorrência deste Estado ser um Estado novo, já que na década de 80 ainda pertencia ao Estado de Goiás e talvez devido a longa distância da secretaria de educação em Goiânia com as demais cidades do norte de Goiás, poucos eram os incentivos

educacionais. Pois naquela época não havia ensino infantil, creches e pouquíssimos alunos frequentavam a pré-escola nas cidades do norte do Estado. Além disso neste período grande parte dos professores não tinham qualificação. A capacitação dos profissionais da educação para atuar na educação infantil só veio a ocorrer a partir de 1987. Estes acontecimentos podem ter contribuído para o desconhecimento demonstrado pelos professores neste estudo.

Mas por outro lado pode-se observar, que mesmo sendo um Estado novo, as políticas educacionais de valorização dos profissionais não foram negadas, houve políticas de valorização profissional por meio da secretaria estadual de educação que assumiu a responsabilidade sobre a formação dos professores, através de encontros mensais para discutir os referenciais curriculares nacionais para a educação infantil no ano de 2000 (SOARES, 2005).

Neste mesmo ano também foram firmadas parcerias entre o governo federal, estadual e municipal através de programas de formação continuada com o propósito de habilitar os professores a trabalharem nas creches e nas séries iniciais. Levando em consideração que esta estruturação da proposta pedagógica é recente, entende-se que esta recente estruturação pode ser um dos fatores que justificam a falta de conhecimento demonstrado pelos professores nesta pesquisa. Entende-se, que estas ações a nível de Estado foram relevantes, porém precisa-se de mais tempo para que estas ações se solidifiquem e que ocorra principalmente uma mudança na postura humana, através de uma transformação de atitude em cada pessoa na sociedade, quer seja dentro da instituição escolar, na família, nos entes governamentais e na sociedade em geral.

Analisando os dados deste estudo percebe-se que muitos professores que disseram ter conhecimento não o exemplificaram e outros deram exemplos totalmente inadequados, ou seja, demonstraram que não sabem e isso é preocupante, pois os temas que foram levantados neste estudo são importantes para o trabalho deles. E esta falta de conhecimento pode prejudicar o desenvolvimento e a inclusão das crianças nas atividades, e isto tem ocorrido constantemente e as crianças se tornam as culpadas pelo insucesso da inclusão. Dizem que elas não são capazes de aprender, que a inclusão é difícil, que não dá certo, mas o que ocorre é que o professor ainda não está preparado para lidar com elas.

Especificidade no trabalho com pessoas com deficiências autonomia, inclusão social e critérios para adaptar as atividades devem ser requisitos básicos para que o professor possa trabalhar, especialmente considerando-se a necessidade de práticas corporais da faixa etária pois é necessário que o trabalho seja realizado de forma preventiva e com maior segurança, pois a maioria das instituições infantis possuem crianças com necessidades especiais e com deficiências que precisam de atenção e cuidado e se estes cuidados não forem oferecidos às crianças elas podem perder a oportunidade de se desenvolver.

Em contrapartida não é conveniente afirmar que as ações educacionais são insuficientes devido o pouco conhecimento apresentado pelos professores, pois o Plano Nacional de Educação-PNE (BRASIL, 2010) defende que a formação de professores na educação infantil deve contar com uma base comum pautada em uma formação interdisciplinar constituindo um eixo norteado pelos princípios educativo, voltado aos aspectos cognitivos e sociais.

Apesar deste estudo não deixar claro quantos são os fatores que dificultam o conhecimento destes professores o relatos deles e o conhecimento demonstrado evidenciam a necessidade de formação capacitação em todos os temas abordados. Porém entende-se que somente os cursos de capacitação não vão fazer com que estes professores mudem seus pensamentos e atitudes para com as pessoas com deficiência.

É preciso que os professores entendam que todas as pessoas, inclusive eles são responsáveis pelo estado em que as coisas se encontram e que as coisas que acontecem no mundo são frutos dos esforços acumulados de todas estas pessoas ao longo da vida, pois o ser humano está em constante transformação e para que esta transformação seja positiva é preciso que as pessoas aceitem umas as outras independentemente da cor da pele, da etnia, da opção sexual, das capacidades físicas e intelectuais. Pois estas transformações devem levar em consideração a diversidade de culturas, de idéias, de habilidades e capacidades que quando vivenciadas e compartilhadas, fortalecem o convívio social. E estas transformações são fundamentais na maneira de pensar e de viver destes professores.

O poder público pode, através de uma ação conjunta com o governo federal, Estados e municípios, discutir através de audiências públicas com as

comunidades locais e regionais, seminários, congressos e formações continuadas as questões voltadas às diversidades e qualidade do ensino.

Porém só estas ações não são suficientes, é preciso que os currículos de formação profissional propiciem o desenvolvimento da capacidade de refletir desde o início da formação levando os profissionais a serem capazes de ensinar em situações instáveis, incertas e de conflito desde que em um contexto historicamente situado (PIMENTA, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo percebe-se que mais da metade dos professores, na maioria das questões, disseram ter pouco ou nenhum conhecimento em relação a especificidade no trabalho com as pessoas com deficiência, autonomia, inclusão social, relações sociais, adaptações e possibilidades de movimento corporal. Além disso, vários professores que disseram ter conhecimento ou muito bom não responderam ou não souberam exemplificar como trabalhar com o tema, sendo que a maioria preferiu justificar-se ou apontando situações que justificassem o conhecimento, mesmo sem que estas fossem sustentáveis, ou justificaram o desconhecimento do assunto.

Além do pouco conhecimento demonstrado pelos professores sobre as especificidades dos alunos com necessidades especiais, percebe-se também pouco conhecimento em relação à adaptação das práticas corporais e promoção de inclusão social.

O tema especificidade no trabalho com pessoas com deficiências e o tema sobre autonomia, inclusão social e critérios para adaptar as atividades devem ser requisitos básicos para que o professor possa trabalhar práticas corporais de forma preventiva e com maior segurança, pois a maioria das instituições infantis possuem crianças com necessidades especiais (obesas, com epilepsia, com diabetes dentre outras) e com deficiências que precisam ter as mesmas chances de aprendizado que as outras crianças, e isto implica em conhecer suas possibilidades e necessidades para oferecer estímulos adequados.

Portanto, sugere-se que as esferas governamentais invistam não somente nas políticas públicas voltadas a formação e capacitação do professor, mas em um sistema macro que envolva diversas ações com a participação de todas secretarias, seja as de ação social, da infância e juventude, de justiça, de educação, de saúde e do esporte e lazer. Deve-se oferecer profissionais especialistas em educação inclusiva como os profissionais das equipes multidisciplinares como os professores itinerantes, professores de libras e braile, fisioterapeutas, médicos, nutricionistas e enfermeiros para que se possa fazer um trabalho interdisciplinar.

Além da política de formações é preciso também, investir em políticas que facilitem a ruptura do antigo modelo médico e tecnicista de divisão de

trabalho e busque um modelo pedagógico emancipador adequado a demanda dos alunos no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS¹

ANDRADE, L. T. et. al., Disreflexia autonômica e intervenções de enfermagem para pacientes com lesão medular. **Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**. São Paulo, v. 47, n. 1, p. 93-100, ISSN 0806234, fev.2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

APFAPE, Associação Portuguesa de Familiares, Amigos e Pessoas com Epilepsia. **Manual de cuidados preventivos na escola**. Portugal, 2012. Disponível em: <<http://www.epilepsia.pt/pdf>>. Acesso em: 23 jan.2015.

ASSIS, C. P. **A utilização da tecnologia assistiva como recurso para inclusão escolar de alunos com sequelas de mielomeningocele**. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCAR, 2010. 216p.

BARROSO, J. O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar em Portugal. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Constituição Federal**. Senado Federal, Brasília, 1988.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF. 20 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de educação fundamental. Ensino de primeira à quarta série. MEC/SEF, v.7, Brasília, 1997. 126 p.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Secretaria de educação especial. Ensino de quinta a oitava séries. MEC/SEF, Brasília, 1998a. 144 p.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. MEC/SEF, Brasília, 1998b.

¹ Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

_____. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** MEC/SEF, Brasília, 1999.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Ensino médio. MEC/SEF, Brasília, 2000a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2015.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação especial.** MEC/SEF, Brasília, 2000b.

_____. **Plano nacional de educação.** MEC/SEF, Brasília, 2000c.

_____. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica.** MEC/SEESP, Brasília, p.79, 2001.

_____. **Conferência nacional de educação.** O plano nacional de educação, suas diretrizes e estratégias de ação. MEC/SEF, Brasília, 2010.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** MEC/SEB, Brasília, 2010.

_____. Decreto 7611 de 17 novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. **Diário Oficial da União.** Brasília, 17 de novembro de 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/decreto/d7611.htm>. Acesso em: 23 de jan.2015.

_____. Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. **Diário Oficial da União,** Brasília, DF, 05 abr. 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm>. Acesso em: 23 de jan. 2015.

BRINATI, A. B. et. al., O papel da Educação Física na inclusão social. In: **Anais do IV seminário internacional de sociedade inclusiva: propostas e ações inclusivas:** impasses e avanços, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

BROLO, A. L. R. **Desenvolvimento infantil e vivências lúdicas sob a ótica da teoria bioecológica**. Dissertação de mestrado, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008, 126p.

BROMLEY, I. **Paraplegia e tetraplegia**: um guia teórico-prático para fisioterapeutas, cuidadores e familiares. 4ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

BRUNO, M. M. G. **Educação infantil: saberes e práticas de inclusão: dificuldade de comunicação sinalização: deficiência visual**. 4ª ed. elaboração. MEC, Secretaria de Educação Especial, Brasília, 2006.

BUENO, S. T.; RESA, J. A. Z. **Educacion Física para niños y niñas com necesidades educativas especiales**. Malaga: Aljibe, 1995.

CAMPOS; M. F.; MENDES, V. L. F. **Diretrizes de atenção à pessoa com síndrome de Down**. Ministério da Saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. Secretaria de atenção à saúde. Brasília, 2012.

CAMPOS, M. M. et. al., A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais brasileiras. **Caderno de Pesquisa Online**. v. 41, n. 142, p. 20-54, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 de jan.2015.

CARINHAS, M. J. A. et. al., Cuidados à pessoa com alterações da mobilidade, posicionamentos, transferências e treino de deambulação. Guia de boas práticas. **Cadernos OE**, série 1, v.1, n. 7, p. 0-0, 2013.

CHICON, J. F. Inclusão na Educação Física escolar: considerações sobre a constituição da subjetividade humana. **Revista Movimento**, Escola de Educação Física, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 41-58, enero-marzo 2011, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115319264003>>. Acesso em: 23 de jan.2015.

_____. et. al., Atividades lúdicas no meio aquático: possibilidades para a inclusão. **Revista Movimento**, Escola de Educação Física, Porto Alegre. v. 19, n. 2, abr.-jun. 2013, p. 103-122, Brasil. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/29595/25256>>. Acesso em: 23 de jan.2015.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e esporte para pessoas portadoras de deficiência**. Uberlândia: Ed. Breda., 1997.

_____. Educação Física e inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola. **Revista Integração**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Ano14. Ed. especial,. v. 1, n. 3, p. 26-30, 2002.

COELHO, V. A. C. **Inter-relações de diferentes aspectos do desenvolvimento da habilidade de arremessar por cima do ombro**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2007. 135p.

CONSORTE, E.; FARIA, M. C. Análise do cotidiano infantil. **6º Simpósio de ensino de graduação**. 6ª Mostra acadêmica da Universidade Metodista de Piracicaba, 2008.

CUNHA, A. C. B.; ENUMO, S. R. F. Desenvolvimento da criança com deficiência visual (DV) e interação mãe-criança: algumas considerações. **Psicologia, saúde & doenças**. p. 33-46, Lisboa-Portugal: 2003.

DAMASCENO, L. L. Tecnologias assistivas para autonomia do aluno com necessidades educacionais especiais. **Revista de educação especial**. In: Educação Inclusiva: ressignificando conceitos e práticas da educação especial. v.1, n.1, p. 0-0, julho 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao2.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015

DARIDO S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DE MARCO, A. (Org.). **Pensando a educação motora**. 4ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

DUARTE, S. G. **Dicionário brasileiro de educação**. Rio de Janeiro: Antares/Nobel, 1986.

DUARTE, E.; LIMA, S. M. T. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais**: Experiências e Intervenções Pedagógicas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 2003.

EDLER CARVALHO, R. **Educação inclusiva**: com os pingos nos "is". Porto Alegre, Mediação, 2004.176p.

FALKENBACH, A. P. et. al., A inclusão de crianças com necessidades especiais nas aulas de Educação Física na educação infantil. In: **Revista movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 37-53, maio/agosto, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/feef/article/download/19578/16389>>. Acesso em: 23 de jan.2015.

FARIA, M. C. M. et al. Atividades motoras cotidianas e suas influências no desenvolvimento de pré-escolares. **Revista movimento**, v.16, n.1, p. 113-130, 2010.

FERREIRA, E. L. **Atividades físicas inclusivas para pessoas com deficiência**. Confederação brasileira de dança em cadeira de rodas, Mogi das Cruzes, 2011.

FIGUEIREDO, R. V. **A educação infantil e a inclusão escolar**. Heterogeneidade, cultura e educação, 2000.

FONSECA; A. C.; SILVEIRA, E. R. **Guia prático do cuidador**. Série A. Normas e manuais técnicos. Secretaria de atenção à saúde. Secretaria de gestão do trabalho e da educação na saúde. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_cuidador.pdf>. Acesso em 22 abr. 2015.

FONTANA, R.; CRUZ, M. N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

GAIO, R.; GOIS, A. A. F. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar. In: TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (Orgs.). **Dança e diversidade humana**. Campinas: Papyrus, 2006.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**. São Paulo: Phorte, 2005.

GALVÃO FILHO, T. A. Tecnologia para a inclusão. **Revista Arede**. São Paulo: Momento editorial, v.1, n. 53, p. 0-0, nov.2009. Disponível em: <<http://www.galvaofilho.net/TecnologiaAssistiva.pdf>>. Acesso em: 30 de jan. 2015.

GIL, M. Deficiência visual. **Cadernos TV escola**. MEC/SED, Brasília, 2000. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

GOMES, M. A. S. et. al., Os fatores de inclusão do deficiente visual nas aulas de Educação Física. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, v. 1, n. 177, p. 0-0 febrero de 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

HUTZLER, Y. A Systematic Ecological Model for Adapting Physical Activities: Theoretical Foundations and Practical Examples. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 1, n. 24, p. 287-304, 2007.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Econômica) - **Pesquisa Nacional por Amostra de habitacional**, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/.../Pesquisa_Nacional_por_Amostra.../2012/.../pnad>. Acesso em: 23 jan. 2015.

KAGAN, S. L. Qualidade na educação infantil: Revisão de um estudo brasileiro e recomendações. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 142, p. 56-67, ISSN 0100-1554, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 jan.2015.

KRAMER, S. et. al., Infância e criança de seis anos: Desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.37, n. 1, p. 0-0 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEITÃO, M. C. et. al., Implicações sociais e autonomia em Educação Física escolar: uma abordagem construtivista do movimento. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 19, n. 3, p.76-85, 2011.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986. 99 p.

MANTOAN, M. T. E. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon. SENAC, 1997.

_____. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1998.

_____. **Inclusão escolar: O que é? Porque? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINS, I. C. **As relações do professor de educação infantil com a brincadeira**: do brincar na rua ao brincar na escola. Tese de doutorado. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. 169p.

MARTINS; N. A.; BORGES, G. F. Deficiência visual e as práticas de atividades físicas. **Revista digital**. Buenos Aires, Año 16, v. 1, n. 164, p.1-1. Enero 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 23 jan.2015.

MATTOS, M. G. et. al., **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em Educação Física**: construindo seu trabalho acadêmico: monografia, artigo científico, e projeto de ação. São Paulo: Phorte, 2004.

MOURA, J. F.; SANTA ROSA, M. **A atuação do professor de Educação Física dentro de uma equipe multiprofissional no tratamento do diabetes mellitus**, 2012. Disponível em: <<http://paginas.uepa.br/ccbs/edfisica/files/2012.2pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

NONINO-BORGES et. al., Dieta cetogênica no tratamento de epilepsias fármacorresistentes. **Revista Nutrição**. v.17, n.4, p. 515-521, dez. 2014.

PEDRINELLI, V. J. Educação Física adaptada: Conceituação e terminologia. In: **Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Brasília: MEC-SEDES, 1994.

PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. (orgs)- 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTEL, S. C. **Adaptações curriculares para estudantes com deficiência intelectual na escola regular**: proposta para inclusão ou para segregação? 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

PINTO, M. R. B. Tempo e espaço escolares: o (des)confinamento da infância. GT: **Ensino Fundamental**, v. 1, n.13. p.1-17, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT13/gt13423int.rtf>>. Acessado em 12/10/2012.

PRADO, A. R. A. Acessibilidade na gestão da cidade. In: ARAÚJO, Luiz Alberto David (Coord.). Defesa dos direitos das pessoas portadoras de deficiência. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, v.1, n.1, p. 28-35, 2006.

RIBEIRO, M. L. **A lateralidade na educação infantil**. Monografia de pós graduação. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2005. 48p.

RIBEIRO, S. M. **O esporte adaptado e a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física**. Tese de doutorado. Programa de educação. Universidade Metodista de Piracicaba - Piracicaba, 2009. 169p.

RIVERDITO, R. S. **Jogo e desenvolvimento: estudo com crianças de 05 a 06 anos em uma escola privada de Hortolândia-SP**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física/Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2011. 215p.

RODRIGUES, R. D. R. As contribuições dos jogos tradicionais para o desenvolvimento integral da criança. EFDeportes.com. **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, v.1, n. 168, p. 0-0 Mayo 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

ROTH, B. W. (org). **Experiências educacionais inclusivas: programa educação inclusiva: direito a diversidade**. MEC/SEF: Brasília, 2006a.

_____. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**. Deficiência física. MEC/SEF, Brasília, 2006b.

_____. **Experiências educacionais inclusivas II: programa educação inclusiva: direito a diversidade**. MEC/SEF: Brasília, 2008.

RUIZ, L. C. **O brincar em grupos de crianças com alterações visuais**. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. 159p.

SANTOS, H. A. N.; D'AMARAL, R. K. K. Assistência de enfermagem a portadores de deficiência visual. **Revista de Enfermagem**. UNISA, v. 1, n. 1, p. 117-20, 2011.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: WMA, 1999.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, ISSN 14132478, v. 14, n. 40, p.143-155, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1413>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SCHIRMER, C. R.; et. al., **Atendimento educacional especializado**. Deficiência física. Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. SEESP/SEED/MEC, Brasília, 2007. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_ee_df.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2015.

SHOVAL, E. Promovendo o desenvolvimento e aprendizagem infantil com movimento significativo. Wingate Institute/ Givat Washington, Kvuzat yavne- II. In: TOLOCKA, R. E.; FREGUGLIA, I. (Orgs.). **Anais do 1º Fórum de Desenvolvimento Infantil e Educação Básica**. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2014, 56 p.

SOARES, E. P. **Políticas públicas e educação infantil no Estado do Tocantins: história e concepções norteadoras**. Dissertação de mestrado. Programa em educação. UFG, Goiânia, 2005. 166p.

SOUZA, P. A. **O esporte na paraplegia e na tetraplegia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

SOUZA, P. A. Educação Física, esporte e saúde: efeitos preventivos, de reabilitação e terapêuticos. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

TANI, G.; et. al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU: EDUSP, 1988.

TOLOCKA, R. E.; BROLO, A. L. Atividades físicas em instituições de ensino infantil: uma abordagem bioecológica. **Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho Humano**. v. 12, n. 2, p. 140-147, 2010.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

UNESCO. **The Salamanca statement and framework for action on special needs education.** Salamanca: UNESCO, 1994. Disponível em <<http://www.unesco.org/education/pdf/salamanca/pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

WEINECK, J. **Biologia do esporte.** 2^a ed. São Paulo: Manole, 2000.

WERNER, D. **Guia de deficiências e reabilitação simplificada.** Brasília: Coordenadoria nacional para integração da pessoa portadora de deficiência - CORDE, 1994.

ANEXO A - Aprovação CEP- UNIMEP



Comitê de Ética em Pesquisa
CEP-UNIMEP

Certificado

Certificamos que o projeto de pesquisa intitulado “**Adaptação dos jogos e brincadeiras para crianças com necessidades especiais atendidas em escolas infantis em rede municipal de ensino**”, sob o protocolo nº **76/13**, da pesquisadora **Profa. Rute Estanislava Toloka** esta de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 12/12/2012, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.

We certify that the research project with title **Games and play tools for children with special needs attended in public kindergarten schools**”, protocol nº **76/13**, by Researcher **Profa. Rute Estanislava Toloka** is in agreement with the Resolution 466/12 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.

Piracicaba, 10 de dezembro de 2013

Prof. Dr. Rodrigo Batagello

Coordenador CEP – UNIMEP

APÊNDICE A - Questionário sobre a especificidade no trabalho com pessoas com deficiência; autonomia, inclusão social; critérios para avaliar as adaptações e possibilidades de movimento corporal

Por favor, leia cada questão e circule o número e que expressa o quanto você conhece o assunto, considerando:

	Nenhum	Escasso/Precário	Regular	Bom	Muito bom
Seu conhecimento sobre... é?	1	2	3	4	5

Manipulação da cadeira de rodas para deslocamentos. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções. _____ _____	1	2	3	4	5
Transferência da criança da cadeira de rodas para outro assento ou chão. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções. _____ _____	1	2	3	4	5
Cuidados preventivos no meio ambiente com crianças com deficiência visual. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções. _____ _____	1	2	3	4	5
Cuidados preventivos no meio ambiente com crianças com deficiência física. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções. _____ _____	1	2	3	4	5

<p>Cuidados preventivos com alunos com síndrome de Down em relação a atividade física ou outras atividades que envolva movimentos abruptos (bruscos) da cabeça. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções_____</p> <p>_____</p>	1	2	3	4	5
<p>Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções</p> <p>_____</p> <p>_____</p>	1	2	3	4	5
<p>As relações sociais entre as crianças e adultos durante atividades motoras. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções_____</p> <p>_____</p>	1	2	3	4	5
<p>Estimular autonomia e a inclusão social da criança com deficiência. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções_____</p> <p>_____</p>	1	2	3	4	5
<p>Elaboração de critérios para avaliar adaptações feitas nas atividades em sala. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções_____</p> <p>_____</p>	1	2	3	4	5
<p>Possibilidades de movimento corporal na educação infantil. Diga porque você respondeu nenhum (1) ou de exemplos no caso das outras opções_____</p>	1	2	3	4	5

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido-TCLE (Professores)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Pesquisa: “Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de crianças com necessidades especiais em um município do Estado do Tocantins”

Informações e justificativa do estudo: A inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas regulares esta ocorrendo já há alguns anos, sendo necessário apoio pra a formação continuada dos profissionais para que as crianças sejam estimuladas a participar das aulas, respeitando-se seus limites e incentivando suas possibilidades. **Objetivo do estudo:** Analisar o que relatam os professores que atuam no ensino infantil em relação à inclusão e as práticas corporais destas crianças.

Procedimentos e duração do estudo: O estudo foi autorizado pela secretaria municipal de educação com a assinatura do termo de compromisso e envio de e-mail para todas as instituições de ensino infantil informando sobre o projeto de pesquisa. As visitas foram agendadas pelo pesquisador através de reunião com os professores que atuam em sala de aula na qual será entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, que será lido pelo pesquisador e entregue aos professores. Esclarecidas as mesmas, os que concordaram em participar do estudo assinaram o TCLE, além disso, responderam o CDI - questionário sobre o conhecimento do desenvolvimento infantil e necessidades especiais, com questões sobre , cuidados preventivos sobre convulsão, sob as crianças com deficiência física, visual, auditiva, síndrome de Down, técnicas especiais e adaptações de atividades, e relacionadas ao movimento (APÊNDICE A) para os professores responderem.

Cuidados prévios, riscos e inconveniências:

Caso aconteça qualquer problema durante a pesquisa, as providências serão tomadas de acordo com os próprios procedimentos já tomados pela escola, que são: o acompanhamento do professor; não sendo possível a solução pela própria escola, em casos sérios chama-se imediatamente o serviço especializado. Se houver algum dano com nexos causal inerente a este estudo, compensações serão feitas conforme indica a Resolução 466/2012. Ao final do estudo possivelmente será realizado um fórum para tratar das ações realizadas. Se houver qualquer dúvida em relação aos procedimentos, etapas, resultados, os senhores podem procurar antes, durante e após o programa, pelo Prof. Alexandre Freitas de Carvalho (63) 8448- 7840 alexfreitas33@hotmail.com ou pela prof. Dra. Rute Estanislava Tolocka (19) 3124.1515, email rute@nupem.org

Liberdade de participação: Os senhores podem desistir de participar desse estudo a qualquer momento, sem quaisquer prejuízos nesta instituição, sendo solicitado apenas que avisem ao pesquisador. Os senhores não pagarão nenhuma taxa para participar do programa e também não receberão nenhuma compensação financeira.

Benefícios do estudo: Este estudo será importante para levantar subsídios para o trabalho com crianças com necessidades especiais em instituições infantis, contribuindo para a formação profissional continuada.

Confidencialidade: Todas as informações que dizem respeito a sua identidade serão mantidas em sigilo e os dados coletados, utilizados somente para fins didáticos e de pesquisa. Solicitamos sua autorização para uso das gravações para estes fins.

Acredito ter sido suficientemente esclarecido a respeito das informações que foram lidas por mim, descrevendo o estudo que visa analisar o conhecimento que tenho sobre as necessidades especiais. Os propósitos desse estudo, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes ficaram claros para mim. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos meus dados quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e posso retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades, prejuízos ou perdas e se decidir desistir, informarei a professora Dra. Rute Estanislava Tolocka ou Professor Alexandre Freitas de Carvalho.

Data: ____/____/____

Assinatura do (a) profissional

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do voluntário para a participação neste estudo.

Assinatura do pesquisador: Alexandre Freitas de Carvalho.

APÊNDICE C - Modelo de Autorização para realização do estudo

Autorização para realização do estudo

Projeto de: Dissertação de Mestrado Pesquisador: Alexandre Freitas de Carvalho
Intitulado: “Professores do ensino infantil, práticas corporais e a inclusão de crianças com necessidades especiais em um município do Estado do Tocantins”.

Objetivos

Assim o objetivo geral deste estudo foi analisar o que relatam os professores que atuam no ensino infantil em relação à inclusão e as práticas corporais das crianças com necessidades especiais em aulas regulares. Os objetivos específicos foram: verificar a percepção e o conhecimento dos professores regentes de classe e dos professores de Educação Física em relação aos seus conhecimentos sobre necessidades especiais e adaptações para a prática corporal, bem como sobre autonomia e inclusão social; observar o que estes profissionais relatam sobre suas condições de trabalho em relação aos equipamentos, materiais e espaço físico; e identificar o pensamento destes profissionais em relação ao serviço de apoio especializado e sua atuação prática.

Benefícios do estudo

A instituição e os funcionários participantes terão contato com o pesquisador, podendo obter dados e informações importante sobre seus resultados.

Tais dados serão de suma importância para que os gestores, professores possam refletir sobre a inclusão, levando em consideração os seguintes temas: a- especificidade no trabalho com as pessoas com deficiência; b- autonomia, inclusão social e relação sociais e c- adaptações e possibilidades de movimento corporal (questões 9 e 10).

Confidencialidade (garantia de sigilo)

A menos que seja solicitado por lei, somente o responsável pelo estudo, seus agentes e os comitês de ética terão acesso às informações confidenciais que identifica esta instituição. Para o caso de haver interesse da divulgação do nome da instituição em algum relato de experiência vivida, deverá ocorrer mediante autorização por escrito do responsável pela instituição.

APÊNDICE D - Manipulação de cadeira de rodas para deslocamentos

	Questão 1	
Profissionais	Manipulação de cadeira de rodas para deslocamentos	Resposta numérica
PROF.1	Ainda não trabalhei com criança com essa necessidade	1
PROF.2	Não respondeu	3
PROF.3	Observo quando em contato com outras pessoas	3
PROF.4	Nunca tive contato com cadeirante	1
PROF.5	Porque na instituição não há cadeirante	1
PROF.6	Meu filho quebrou a perna e precisou usar por um pequeno período	2
PROF.7	Nunca trabalhei com aluno com deficiência	1
PROF.8	Na escola não tem aluno com essa necessidade	1
PROF.9	Não tive conhecimento na faculdade	1
PROF.10	Considero ter noções básicas	3
PROF.11	Porque eu tive contato direto	3
PROF.12	Trabalhei anteriormente em hospital	4
PROF.13	Já tive uma experiência	4
PROF.14	Não tive aluno com essas condições e nenhuma capacitação	1
PROF.15	Já trabalhei, mas não sei se a forma como eu empurrava era correta	2
PROF.16	Já tive um aluno que precisava ajudá-lo	4
PROF.17	Nunca trabalhei com essas pessoas que necessitam de cadeiras	1
PROF.18	Tenho pessoas na família que é cadeirante	4
PROF.19	Particpei de uma formação, mas nunca coloquei em prática	3
PROF.20	Por falta de formação	2
PROF.21	Ainda não tenho curso nesta área, mas já li algo sobre, acho que conseguiria lhe dar com essa situação	3
PROF.22	Porque sei empurrar	3
PROF.23	Nunca tive essa experiência	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Só sei empurrar a cadeira	3
PROF.26	consigo manipular, mas não tenho total domínio. Preciso de capacitação	3
PROF.27	Não respondeu	1
PROF.28	Apenas empurrar a cadeira	2
PROF.29	Já manipulei cadeiras de rodas com meu tio, sei empurrar	3
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Eu sei empurrar, não manusear, como fechar, parar e etc	3
PROF.33	Por falta de treinamento	3
PROF.34	Pois na escola não há cadeirante. Não sei fazer a manipulação	1
PROF.35	Noções adquiridas na universidade por meio de estágios práticos	3
PROF.36	Ainda não fiz nenhum curso nessa área	1
PROF.37	Porque nunca experimentei	1
PROF.38	Temos somente uma criança com deficiência física e ela não usa uma cadeira de rodas e sim um carrinho	3

PROF.39	Já participei de oficinas sobre o uso de cadeira de rodas	3
PROF.40	Nenhum conhecimento	1
PROF.41	Participei de um seminário	2
PROF.42	Já manipulei, sem conhecimento da técnica	2
PROF.43	Nenhuma experiência	1
PROF.44	Nenhum conhecimento	1
PROF.45	Eu estive num curso e tenho um pouco de conhecimento	4
PROF.46	Conhecimentos básico, nada específico	3
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Nunca manipulei uma cadeira de rodas e não sei como manusear uma	1
PROF.49	Na sala de aula ainda não tive essa experiência, mas fora sim	3
PROF.50	Não tenho formação nesta área	1
PROF.51	Já cuidei de uma pessoa da família	3
PROF.52	Já convivi com casos em família	3
PROF.53	Trabalhei em uma escola que algumas vezes conduzi a criança na cadeira de roda, mas em locais acessíveis	2
PROF.54	Já tive um aluno cadeirante numa outra escola que já trabalhei	3
PROF.55	Porque tenho pouco conhecimento sobre o assunto	2
PROF.56	O meu conhecimento ainda é pouco	2
PROF.57	Nunca tive nenhum contato	1
PROF.58	Experiência na família com cadeirante	3
PROF.59	Estou iniciando agora não tem cadeirante e não fiz curso	1
PROF.60	Não respondeu	4
PROF.61	Não respondeu	3
PROF.62	Já lidei com crianças e adultos mas, não fiz nenhum curso específico	3
PROF.63	Não tenho contato com o cadeirante	2
PROF.64	É precário, pois não participei de capacitações, então agiria com bom senso	2
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Manipulação de cadeira de rodas para deslocamentos é um conhecimento regular, pois tenho contato com meu irmão	3
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	4
PROF.69	Porque nunca tive oportunidade de manusear nenhuma. Eu já andei em hospital, mas empurrar nunca	2
PROF.70	Tem a pequena experiência, pois tenho uma tia cadeirante	2
PROF.71	Não tive a oportunidade de precisar agir nestes caso e nunca tive conhecimento sobre este assunto	1
PROF.72	Já ouvi em palestras, no seminário de inclusão aonde tivemos noções sobre o tema com uma fisioterapeuta	2
PROF.73	Porque tenho na família pessoa cadeirante	4
PROF.74	Tenho um pouco de convívio com um jovem cadeirante, ficaria tranquila e deixava ele me orientar para saber como me relacionar com ele	3
PROF.75	A manipulação do cadeirante como auxílio de sua tarefas (cuidados fisiológicos)	3
PROF.76	Por não conhecer os vários modelos de cadeiras, eu não saberia como manipular	1

PROF.77	Tenho conhecimento sobre o assunto, mas nunca trabalhei com criança com essa deficiência	4
PROF.78	Não tenho muito contato com cadeirantes	2
PROF.79	Porque eu ainda não tenho experiência	1
PROF.80	Tenho experiência em cursos	4
PROF.81	Sim já trabalhei em outras escolas	4
PROF.82	Ainda não trabalhei com crianças cadeirantes	1
PROF.83	Já desenvolvi um trabalho com idosos, porém com criança não, mas creio que deve ser parecido	3
PROF.84	Já manipulei, mas não tenho certeza se usei as técnicas corretamente	3
PROF.85	Não respondeu	2
PROF.86	Nunca trabalhei e nem fui capacitado para isso, mas se for o caso fazemos	2
PROF.87	Poucas vezes manipulei uma cadeira	2
PROF.88	Experiência prática	3
PROF.89	Nunca	2
PROF.90	Não tenho orientação	1
PROF.91	Porque nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.92	Nunca trabalhei com crianças com esse uso de cadeira	1
PROF.93	Não possuo experiência com este tipo de situação	1
PROF.94	Nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.95	Nunca tive experiência com cadeirante, nem tive oportunidade de formação à respeito	1
PROF.96	Como tenho cadeirante na família já tenho uma pequena prática	3
PROF.97	Convivo com uma cadeirante	3
PROF.98	Nenhum, porque não tive nenhum aluno com esse problema	1
PROF.99	Não trabalhei com crianças que utilizam de cadeira de rodas	1
PROF.100	Não tenho nenhum conhecimento sobre cadeira de rodas, pois nunca manipulei esse instrumento	1
PROF.101	Não trabalho e não trabalhei com crianças com tais necessidades	1
PROF.102	Não vivenciei nenhuma experiência desse tipo	1
PROF.103	Ainda não trabalhei com crianças com essas necessidades	1
PROF.104	Não respondeu	1
PROF.105	Nunca tive relacionamento nenhum com cadeirante	1
PROF.106	Porque nunca participei de nenhum curso	1
PROF.107	Porque tenho conhecimento	4
PROF.108	Não realizei nenhum trabalho com cadeirante e não tive capacitação para manipulação de cadeira de rodas	1
PROF.109	Precisa-se de capacitação na área	1
PROF.110	Não respondeu	3
PROF.111	Fato não vivenciado no decorrer de minha prática de sala	2
PROF.112	A cadeira de rodas é um ótimo instrumento para o conforto do deficiente	5
PROF.113	A única experiência que tive, é que tinha acompanhante este aluno	2
PROF.114	Não respondeu	3
PROF.115	Não respondeu	4
PROF.116	Conheço mas ainda não tive contato com nenhum cadeirante	2
PROF.117	Não respondeu	2

PROF.118	Não respondeu	3
PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Conheço a teoria, estudo no curso magistério	2
PROF.122	Nunca tive oportunidade nem necessidade	1
PROF.123	Não estudei e não tive contato direto ou indireto	1
PROF.124	Não tenho nenhum conhecimento, nunca trabalhei	1
PROF.125	Já ajudei manusear cadeira de rodas poucas vezes	2
PROF.126	Não tive treinamento e nem prática	1
PROF.127	Porque não estudei a respeito e nem vivenciei essa situação	1
PROF.128	Porque não trabalhei	1
PROF.129	Porque nunca estudei sobre o assunto	1
PROF.130	Nunca trabalhei com crianças que usam cadeira de rodas	1
PROF.131	Não tenho experiência	1
PROF.132	Porque na minha percepção imaginava que para manipular uma cadeira de rodas não precisava ter esse conhecimento	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não tive capacitação	1
PROF.135	O meu conhecimento é apenas teórico	1
PROF.136	não tive aulas sobre cadeira de rodas	1
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Não tenho conhecimento teórico, mas conversei com deficientes físicos e a manipulação era feita normalmente tendo o cuidado com os freios. Necessito de capacitação	4
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	1
PROF.145	Não conheço ninguém	1
PROF.146	Nenhum, porque nunca tive contato direto com cadeirante, porém acredito que conseguiria empurrar	1
PROF.147	Não tive técnicas teóricas, mas práticas e muitas das vezes tem sido desconfortável, exigindo esforços físicos	3
PROF.148	Não respondeu	4
PROF.149	Trabalhei alguns meses no ensino médio com aluna cadeirante	3
PROF.150	Não tive contato com crianças ou familiares	1
PROF.151	Já manipulei cadeirantes na família	2
PROF.152	Já auxiliiei pessoas que usaram cadeira de rodas	2
PROF.153	Possuo conhecimento sobre o assunto, por ter conhecido portadores dessa especificidade (cadeirante)	3
PROF.154	Deslocamento, manipulação, caso somente na família	2
PROF.155	Porque não tenho nenhum contato com criança cadeirante	2
PROF.156	Não trabalhei com nenhuma criança e também não tive capacitação	1
PROF.157	Nunca utilizei	1
PROF.158	Nunca manipulei uma cadeira de rodas e não sei como manusear uma	1

PROF.159	Não trabalhei ainda com criança que seja necessário usá-la e não participei de capacitação e nem fui orientada	1
PROF.160	Nunca tive orientação e nem aluno cadeirante	1
PROF.161	Sim nos preocupamos e agir com mais cuidado	3
PROF.162	Pátio da escola, corredor, espaço físico amplo para deslocamentos	4
PROF.163	Já tive muito contato com pessoas que usam cadeiras de rodas	4
PROF.164	Tenho pessoa na família	3
PROF.165	Se eu fosse trabalhar seria normal	2
PROF.166	Não trabalhei ainda com esta situação	1
PROF.167	Tenho pouco conhecimento	2
PROF.168	Não respondeu	1
PROF.169	Tenho curso em enfermagem, ter rampa para acessibilidade, jamais descer a cadeira de frente	5
PROF.170	As vezes deixa a criança constrangida, nem sempre o usuário tem paciência	3
PROF.171	Porque nunca manuseei uma cadeira de roda	1
PROF.172	Porque eu nunca tive a oportunidade de manusear uma pessoa que usa cadeira de roda	1
PROF.173	Porque eu nunca tive a oportunidade de manusear uma cadeira de rodas	1
PROF.174	Nunca manipulei, nem fiz curso de capacitação sobre o assunto	1
PROF.175	Sim, já manuseei com idoso	3
PROF.176	Não tenho nenhum conhecimento ainda sobre o assunto	1
PROF.177	Sou nova na educação, precisaria de capacitação	1
PROF.178	Eu trabalhei, foi muito bom	5
PROF.179	Porque nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.180	Não sei porque nunca trabalhei	1
PROF.181	Não tenho conhecimento, nunca trabalhei	1
PROF.182	Não sei como manusear a cadeira de rodas	1
PROF.183	Nenhum	1
PROF.184	Regular, pois tive uma pessoa na minha família que necessitava do uso da cadeira de rodas	3
PROF.185	Fiz pós em educação infantil e tive experiência em uma escola que tinha criança especial	4
PROF.186	Nenhum estudo sobre esse assunto	1
PROF.187	Não trabalhei com crianças nesta situação	1
PROF.188	Não fiz esse deslocamento	1
PROF.189	Não respondeu	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Foi porque não tive nenhuma instrução ainda sobre o assunto	1
PROF.192	Não tive ainda a oportunidade de estar e de participar de nenhuma participação	1
PROF.193	Porque ainda não trabalhei com crianças que necessitam de cadeira de rodas	2
PROF.194	Não tive oportunidade	1
PROF.195	Já tive experiência e é muito bom, ajuda tanto nós como o aluno	4
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Experiência com cadeirantes anteriores	4

PROF.198	Trabalhei em uma instituição onde tínhamos um cadeirante e os pais deram algumas orientações	3
PROF.199	Não respondeu	1
PROF.200	Porque vi na TV muito pouco, não vi sobre como fazer esta manipulação	2
PROF.201	Sim! Já trabalhei a acho que nunca deixei a desejar	4
PROF.202	Nunca fiz esta ação, só fiz observação de outras pessoas	2

APÊNDICE E - Transferência de criança da cadeira para o chão

	Questão 2	
Profissionais	Transferência de criança da cadeira para o chão	Resposta numérica
PROF.1	Não fiz este trabalho	1
PROF.2	Sem prática	1
PROF.3	Contato com pessoas da família	3
PROF.4	Não tive contato com cadeirante	1
PROF.5	Porque na instituição não há cadeirante	1
PROF.6	A exemplo do meu filho, ele ajudava com a outra perna	2
PROF.7	Nunca trabalhei com criança deficiente	1
PROF.8	Porque a criança necessita ter contato com outro assento	3
PROF.9	Nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.10	Considero ter noções básicas	3
PROF.11	Ficou algum tempo ligado com um familiar	3
PROF.12	Locomoção de paciente hospitalar	3
PROF.13	Não tive essa experiência ainda	2
PROF.14	Não trabalhei com crianças nessas circunstâncias	1
PROF.15	Já transporte carregando no colo e levando ao chão, pegando com as mãos embaixo das pernas e nas costas	3
PROF.16	Já tive aluno que precisava dessa ajuda	4
PROF.17	Não fiz e não sei fazer este trabalho	1
PROF.18	Apresento um pouco de dificuldade	3
PROF.19	Participei de uma formação, mas nunca coloquei em prática	3
PROF.20	Nunca tive, não sei como fazer	2
PROF.21	Ainda não tenho curso nesta área, mas já li algo sobre, acho que conseguiria lidar com essa situação	3
PROF.22	Porque nunca trabalhei com crianças com necessidades especiais	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Consigo transferir, mas não tive orientações da maneira mais correta para trabalhar com crianças na cadeira de rodas	3
PROF.26	Consigo transferi-lo, com alguns cuidados, porém necessito de orientação básica	3
PROF.27	Não respondeu	1
PROF.28	Bom! Nunca para esta experiência, eu não sei se é somente pegar a criança no colo e por no chão	2
PROF.29	Nunca locomovi nenhuma pessoa nesses casos	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não tenho experiência	3
PROF.33	Somente ajudava a cuidadora	4
PROF.34	Na escola não possui cadeirante. Não tenho experiência	1
PROF.35	Tem pouco tempo que estou exercendo a profissão e não tive ainda a oportunidade de vivenciar isto na escola	2
PROF.36	Não sabia que havia alguma maneira adequada	1

PROF.37	Porque nunca experimentei	1
PROF.38	Pela prática usada com a criança citada acima	4
PROF.39	Não respondeu	2
PROF.40	Não tive experiência	1
PROF.41	Nunca tive experiência com manipulação de cadeirante	1
PROF.42	Nunca fiz Transferência, nunca vi ninguém fazendo	1
PROF.43	Não tenho experiências	1
PROF.44	Nenhum conhecimento, porque nunca trabalhei com crianças de cadeira de rodas	1
PROF.45	Nós precisamos de mais conhecimentos por causa da dificuldade que nos temos e qualificar mais profissionais	4
PROF.46	Já vi outros fazerem, porém eu mesma não o fiz	3
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Nunca trabalhei com criança cadeirante	1
PROF.49	Ainda não fiz mas, pela experiência de vida consigo sim	2
PROF.50	Não tenho experiência para trabalhar com crianças especiais	1
PROF.51	já tive experiência com uma pessoa adulta, creio que uma criança é diferenciada	3
PROF.52	Ainda não convivi com este tipo de situação	1
PROF.53	Não possuo formação teórica e prática	1
PROF.54	A vivência que tive, o máximo que auxiliava era segurar a cadeira, pois o aluno era bem independente	3
PROF.55	Não tenho conhecimento sobre o assunto	1
PROF.56	Não tive formação nessa área	1
PROF.57	Nunca tive contato	1
PROF.58	Pedir ajuda a outra pessoa	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	3
PROF.62	Não respondeu	3
PROF.63	Nunca precisei fazer transferência de cadeirante com outro espaço	2
PROF.64	Realizaria a transferência com cuidado	2
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	4
PROF.69	Nunca tive oportunidade, mas acho que dependo da criança, depende de ajuda.	1
PROF.70	Porque não tive formação nessa área	1
PROF.71	não sei como agir	1
PROF.72	Não tive aluno nesta situação, mas se tiver e saber em que condição a mãe faz em casa para não prejudicar	1
PROF.73	Porque já trabalhei com o aluno cadeirante	5
PROF.74	Dependendo do grau da deficiência ele precisa de pouco auxílio, você fica ali só para prevenir	3
PROF.75	Não tenho nenhuma experiência	1
PROF.76	Eu faria de maneira comum e normal, como se pegasse uma criança normal	1

PROF.77	Peço ajuda a outra pessoa para ajudar	5
PROF.78	Já ajudei alguns amigos com seus filhos	2
PROF.79	Olha eu respondi nenhum, pois ainda não tive nenhum aluno deficiente	1
PROF.80	Dependendo da ocasião preciso de ajuda de outra pessoa	4
PROF.81	Não é fácil	3
PROF.82	Não saberia lidar uma vez que minha escola não existe salas adaptadas para atender esse tipo de necessidade	1
PROF.83	Pelo mesmo motivo da primeira, e com cuidado acho que consigo	3
PROF.84	Acredito ter sido bom, pois segui as instruções da mãe	4
PROF.85	Nenhum porque nunca tive contato direto com crianças com necessidades especiais	1
PROF.86	Não tenho habilidades	1
PROF.87	Nunca trabalhei com crianças com esta deficiência	1
PROF.88	Experiência prática	3
PROF.89	Ainda não trabalhei com crianças com necessidades especiais	1
PROF.90	Falta capacitação	1
PROF.91	Nunca trabalhei	1
PROF.92	Nunca fiz esta transferência e nunca nos capacitaram para tal ação	1
PROF.93	Além de não possuir experiências, não obtive capacitação nesse sentido	1
PROF.94	Não tenho experiência	1
PROF.95	Idem anterior	1
PROF.96	Ex: Pessoa cadeirante na família	3
PROF.97	Ajudo a cuidar de uma cadeirante	3
PROF.98	Nenhum. Porque nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.99	Não tenho experiência com crianças com deficiência	1
PROF.100	Nenhum, pois nunca tive contato com essas crianças	1
PROF.101	Não tenho tal experiência, nem familiar e nem profissional	1
PROF.102	Não vivenciei nenhuma experiência com criança cadeirante	1
PROF.103	Eu nunca trabalhei com cadeirante e também nunca busquei conhecimento no tema	1
PROF.104	Porque não trabalhei com os mesmos (cursos)	1
PROF.105	Não respondeu	1
PROF.106	Eu pegaria no colo, depois eu sentava ele no chão	4
PROF.107	Porque tenho acesso a criança portadora	3
PROF.108	Mesmo tendo criança cadeirante na instituição ainda não realizei tal atividade	1
PROF.109	Não respondeu	3
PROF.110	Não respondeu	3
PROF.111	Fato não vivenciado no decorrer de minha prática de sala	2
PROF.112	Bom, eu tenho pouca convivência com o cadeirante, portanto, não sei realmente como lidar com segurança	3
PROF.113	Idem anterior	2
PROF.114	Não respondeu	2
PROF.115	Não respondeu	4
PROF.116	Nenhuma experiência a declarar	2
PROF.117	Não respondeu	2

PROF.118	Não respondeu	3
PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Nunca tive oportunidade nem necessidade	1
PROF.123	Não estudei, mas tive contato direto	1
PROF.124	Nunca trabalhei	1
PROF.125	Ainda não tive experiência	1
PROF.126	Não estudei este item e não vi na prática	1
PROF.127	Não vivenciei a situação	1
PROF.128	Porque não surgiu oportunidade	1
PROF.129	Nunca tive a oportunidade de trabalhar com cadeirante	1
PROF.130	Ainda não trabalhei com crianças que usa cadeira de rodas	1
PROF.131	Não tenho experiência	1
PROF.132	Imagino que é só pegar a criança da cadeira e colocar no chão	2
PROF.133	No ensino superior só fomos preparados para trabalhar com essas deficiências	1
PROF.134	Não tive capacitação	3
PROF.135	Não respondeu	1
PROF.136	Não foi abordado esse assunto	1
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Já trabalhei com alunos no ensino fundamental e a transferência do lugar era feita com a ajuda de pelo menos um colega. Uma pega em baixo do braço e outra nas pernas	3
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	1
PROF.145	Não conheço ninguém	1
PROF.146	Nenhum, porém devido à pouca divulgação quanto ao assunto, não saberia como agir, até mesmo por medo	1
PROF.147	Muita das vezes, por falta de suportes, tem dificultado essa prática, segundo minhas experiências	3
PROF.148	Tenho uma filha portadora de necessidade especial e já trabalhei com portador de deficiência	4
PROF.149	Durante as atividades extras sempre teve auxílio dos colegas	3
PROF.150	Por trabalhar com crianças/bebês acredito que quando a movimentação poderei retirar e colocá-la em outro lugar	2
PROF.151	Nunca tive essa experiência, entretanto acho importante esse conhecimento	1
PROF.152	Ainda não trabalhei com crianças com essa necessidade	1
PROF.153	Já fiz este procedimento	3
PROF.154	Não tenho muito contato, somente com o adulto na família	2
PROF.155	Transferência com ajuda de outro profissional	2
PROF.156	Nunca tive oportunidade	1
PROF.157	Nunca precisei utilizar, mas já vi colegas fazendo	2

PROF.158	Nunca trabalhei com crianças que dependem desse instrumento	1
PROF.159	Porque não tenho conhecimento e orientações específicas	1
PROF.160	Nunca tive capacitação e nem aluno cadeirante	1
PROF.161	Sim, a criança não deve ficar o tempo todo na cadeira de rodas	3
PROF.162	Nunca precisei fazer o mesmo, devido o andamento da atividade	1
PROF.163	Pelas experiências que tive	3
PROF.164	Tenho pessoa na família e já dei aula para cadeirante	5
PROF.165	Não respondeu	3
PROF.166	Não trabalhei e nem estudei sobre esta situação	1
PROF.167	Da forma que consigo	2
PROF.168	Sei mas não tive nenhuma preparação	3
PROF.169	Colocar a cadeira próxima ao outro assento, ficar de frente para a criança, pedir que ela firme no condutor segurar a criança abraçando-a, suspendê-la e decolar para o outro assento	5
PROF.170	Acho que facilita a socialização. A criança se sente do grupo	3
PROF.171	Nunca tive contato com este tipo de problema	1
PROF.172	Porque eu nunca trabalhei com criança com esse tipo de necessidade	1
PROF.173	Porque nunca convivi com uma criança com essa necessidade	1
PROF.174	Nunca manipulei, nem fiz cursos de capacitação sobre o assunto	1
PROF.175	Carregar no colo e colocar no local adequado	3
PROF.176	Precisamos de capacitação	1
PROF.177	Idem	1
PROF.178	É um pouco difícil você colocar ele no chão, mais coloquei ele no colo	3
PROF.179	Carregar no colo e colocar no local adequado	4
PROF.180	Porque não trabalhei com cadeirante se tivesse carregaria no colo	1
PROF.181	Carregaria no colo	4
PROF.182	Desconheço o assunto, não sei como proceder neste caso	1
PROF.183	Não tive estudo sobre o assunto	1
PROF.184	Pelo mesmo motivo da questão anterior	3
PROF.185	Cuidar não é uma tarefa fácil, mas dedicação e amor faz toda a diferença no manuseio e cuidado com o indivíduo	4
PROF.186	No meu período de estudo não tive oportunidade de vê-lo e não trabalhei ainda	2
PROF.187	Não respondeu	1
PROF.188	Ainda não fiz essa transferência	1
PROF.189	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Nunca lidei com essa situação, mas me deixou curiosa	1
PROF.192	No caso de ter que fazer uma transferência, se for uma criança pesada pedirei ajuda	2
PROF.193	Não tenho experiência sobre o assunto, mas colocaria em outro assento	1
PROF.194	Não trabalhei com crianças	5
PROF.195	É um pouco difícil, porque depende da ajuda de outras pessoas	4
PROF.196	Não respondeu	1
PROF.197	Experiência apenas com crianças pela orientação dos pais	3
PROF.198	No caso da criança em específico era para se ter cuidado com a	3

	coluna (nos foi orientado por familiares	
PROF.199	Não respondeu	3
PROF.200	Tive pouco conhecimento, nunca fiz, somente vi outras pessoas fazendo, não sei se era certo	2
PROF.201	Achei normal e acessível	4
PROF.202	Nunca fiz e nunca vi ninguém fazendo esta ação	1

APÊNDICE F - Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência visual

	Questão 3	
Profissionais	Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência visual	Resposta numérica
PROF.1	Ainda não fiz este trabalho e não sei fazer essa transferência	1
PROF.2	Objetos no chão	4
PROF.3	Como segurá-la para descer os degraus	3
PROF.4	Adequação da sala com maior espaço para locomoção	2
PROF.5	Aqui não há criança deficiente visual	1
PROF.6	No normal sabemos que este precisa de espaço para deslocar	2
PROF.7	Nunca trabalhei com criança com deficiência	1
PROF.8	Nunca tive contato	1
PROF.9	Não tive conhecimento na faculdade	1
PROF.10	Tive noções básicas	3
PROF.11	Até o momento não tive contato, mas creio que é mais na alimentação	1
PROF.12	Nunca trabalhei	1
PROF.13	Auxiliei proporcionando um ambiente favorável	4
PROF.14	Não trabalhei ainda com alunos com essa especialidade	1
PROF.15	Evitar deixar materiais que prejudiquem a movimentação no chão ou nos locais próximos a cabeça	4
PROF.16	Nunca tive alunos com tais necessidades	1
PROF.17	Auxiliando para que não aconteça acidente e para seu aprendizado	3
PROF.18	Por não ter trabalhado com crianças portadoras de deficiência visual	1
PROF.19	Participei de uma formação, mas nunca coloquei em prática	2
PROF.20	Ter cuidados com degraus com paredes e objetos na sala	3
PROF.21	A criança independente da deficiência ela precisa ser incluída em outros ambientes	3
PROF.22	Nunca trabalhei com crianças com deficiência visual, mas tenho algumas noções de como cuidar	3
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho nenhum curso, mas tenho noção de como ter cuidados preventivos	3
PROF.26	Tenho noção de cuidados básicos	3
PROF.27	Não respondeu	2
PROF.28	Bom cuidado eu acho como se tivesse com qualquer outra criança, porém nunca passei por esta experiência	3
PROF.29	Não tenho experiências, mas creio que sejam similares as das outras crianças lembrando que há mais cuidados a serem tomados	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não fiz nenhum curso sobre deficiente visual, mas acredito que tenho noção de alguns cuidados preventivos	3
PROF.33	Não respondeu	1
PROF.34	Pois há uma cuidadora para essa criança, mas a mesma não possui	4

	conhecimento sobre Libras. Eu também não.	
PROF.35	Tirar todos os objetos, brinquedos ou materiais cortantes que ponham em risco a integridade física do aluno	2
PROF.36	De andar com mais segurança auxiliando ele	3
PROF.37	Apenas bom senso retirando objetos do caminho	2
PROF.38	Fiz estudo, mas não tive contato com nenhuma criança com deficiência visual	3
PROF.39	Nunca participei de nenhuma formação sobre o assunto e nem tive contato com crianças cegas	1
PROF.40	Não respondeu	1
PROF.41	Nenhuma experiência no assunto	1
PROF.42	Já li sobre o assunto	3
PROF.43	Não tenho conhecimento	1
PROF.44	Temos que ter um cuidado especial	1
PROF.45	Porque nunca trabalhei com este assunto	1
PROF.46	Sei que é preciso dar atenção especial a essa criança	5
PROF.47	Não tenho alunos com deficiência visual	1
PROF.48	Não deixar obstáculos que possam causar acidentes e obstruir a movimentação da mesma	3
PROF.49	Além de não ter vivenciado não estudei sobre isso ainda	1
PROF.50	Ainda não tive a oportunidade de trabalhar	1
PROF.51	Cuidei de uma criança	4
PROF.52	Tenho conhecimentos, na teoria através de seminários	3
PROF.53	No ambiente da educação infantil as crianças são bem agitadas, nesse sentido se não houver prevenção a criança se machuca	3
PROF.54	Faz-se necessário, pois as aulas ocorrem muito embaixo de árvores frutíferas, e possíveis choques com os alunos	3
PROF.55	Já assisti uma palestra sobre o assunto	3
PROF.56	Não tenho conhecimento	1
PROF.57	Não respondeu	3
PROF.58	Cuidado com o espaço para que não ocorra acidentes	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não tive experiência	1
PROF.62	Preciso de uma especialização da área e capacitar	2
PROF.63	Mudar móveis para facilitar a mobilidade da criança	3
PROF.64	Retirar e sinalizar os obstáculos	3
PROF.65	Não tive nenhum contato com a deficiência visual	1
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	5
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	Ainda não fiz estudo nessa área	1
PROF.71	Não tenho nenhuma informação	1
PROF.72	Nunca recebi uma criança totalmente cega	1
PROF.73	Não porque não tenho e nunca tive afincado com essa deficiência	1
PROF.74	Ele precisa conhecer o ambiente para se sentir seguro, tenho que fazer ele conhecer falar com o que é o ambiente para ele	3

PROF.75	Pouca capacitação em relação a essa deficiência	1
PROF.76	Eu não saberia, pois não recebi nenhuma formação a respeito desta deficiência	1
PROF.77	Não tenho nenhuma capacitação para trabalhar com crianças com essa deficiência	1
PROF.78	Não tive contato	1
PROF.79	É muito bom ter esses tipos de cuidados, pois estes tipos de assuntos que devemos lutar	4
PROF.80	A escola deve se adaptar utilizando meios para que essa pessoa venha se locomover com segurança	4
PROF.81	Pouco conhecimento	2
PROF.82	Ainda não trabalhei com crianças portadoras desse tipo de necessidade	1
PROF.83	Nunca tive aluno assim, preciso praticar, para poder me avaliar	2
PROF.84	A atenção deve ser maior, pois trata-se de uma criança especial	4
PROF.85	Não respondeu	1
PROF.86	Não possuo conhecimento nessa área	2
PROF.87	Não sei o que fazer	1
PROF.88	Pouca orientação	1
PROF.89	Não tenho preparo	1
PROF.90	Falta capacitação	1
PROF.91	Acredito que deve haver um profissional habilitado para esse tipo de deficiência	3
PROF.92	Porque eu no meu modo de pensar tem que haver uma cuidadora para prestar atenção e guiá-lo nas atividades	3
PROF.93	Apesar de receber capacitação nesse sentido, não possuo experiência	2
PROF.94	É normal ter sempre muito cuidado com algum tipo de deficiência	4
PROF.95	Na disciplina de educação especial vi um pouco, mas superficial	2
PROF.96	Nunca participei de nenhuma formação, então é meio complicado direcionar essa criança	1
PROF.97	Não passei por essa experiência, com nenhum aluno ou conhecido	1
PROF.98	Nenhum. Não tive oportunidade de receber criança com essa deficiência	1
PROF.99	Não tenho experiência com crianças com deficiência	1
PROF.100	Nenhum, pois não tenho conhecimento do assunto	1
PROF.101	Desconheço tal experiência	1
PROF.102	Nunca trabalhei com criança com deficiência auditiva	1
PROF.103	Ainda precisa haver mais investimento tanto humano, como material pedagógico	2
PROF.104	(Cursos) nenhum	1
PROF.105	Li artigos sobre o assunto	2
PROF.106	Porque nunca participei de nenhum curso	1
PROF.107	Não tenho conhecimento	1
PROF.108	Participei de capacitação referente a poluição visual	3
PROF.109	Capacitação na área	1
PROF.110	Ainda não tive nenhuma experiência e nem curso sobre o assunto	1
PROF.111	Não tive experiência ainda com o deficiente visual	1
PROF.112	Minha experiência com o deficiente visual é pouca, mas preciso compreender melhor para quando for necessário saber trabalhar	3

PROF.113	Não vivi esta experiência	2
PROF.114	Nunca trabalhei com crianças com deficiência visual	1
PROF.115	Não respondeu	2
PROF.116	O conhecimento que tive na graduação não foi suficiente	2
PROF.117	Não respondeu	2
PROF.118	Não respondeu	2
PROF.119	Não respondeu	1
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Não respondeu	3
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não estudei e não tive contato	1
PROF.124	Nunca trabalhei com crianças com deficiência	1
PROF.125	Ainda não tive contato com crianças com essa deficiência	1
PROF.126	Ainda não tive aluno com esta deficiência	1
PROF.127	Aprendi na teoria na faculdade	3
PROF.128	Não tenho conhecimento	1
PROF.129	Não trabalhei com crianças com deficiência visual	1
PROF.130	Ainda não tive a oportunidade de trabalhar com criança com deficiência visual	1
PROF.131	Até o momento não participei de cuidados com crianças deficientes visual	1
PROF.132	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não tive capacitação	1
PROF.135	Não respondeu	1
PROF.136	Sou leiga nesse assunto	1
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Nunca trabalhei com crianças assim. Necessito de capacitação	1
PROF.142	Precisamos de capacitação	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	1
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Para lidar com essas situações temos que ter formação continuada na área específica	1
PROF.147	Ainda não tive essa experiência, não posso declarar	2
PROF.148	Não respondeu	3
PROF.149	Organizei de forma que o aluno não sofresse nem um dano, falando com mais influência	4
PROF.150	Não tive nenhuma experiência prática só teoria	1
PROF.151	Já assisti palestras sobre o assunto, mas não é o suficiente	2
PROF.152	Ainda não trabalhei com criança com esse tipo de necessidade	1
PROF.153	Falta de capacitação quanto a deficiência visual	2
PROF.154	Não tenho conhecimento ou contato com crianças com esse tipo de deficiência	1

PROF.155	A criança visual encontra dificuldades devido as estruturas físicas no campo social	3
PROF.156	Atenção para não acontecer nenhum acidente	2
PROF.157	Já fiz um curso de braile	3
PROF.158	Descida de calçada	2
PROF.159	Nunca participei de palestra, seminários para orientações	1
PROF.160	Já participei de seminário sobre o assunto	3
PROF.161	Ela deve ter sempre alguém para ajudá-la e orientá-la	4
PROF.162	Utilizar estímulos, com rodinhas e faixa nos olhos explicando os cuidados através de brincadeiras e objetos	3
PROF.163	Pelas experiências que tive a preocupação em desenvolver um bom trabalho	3
PROF.164	Nunca trabalhei com criança com deficiência visual	1
PROF.165	Não respondeu	3
PROF.166	Meu conhecimento só através de informações	3
PROF.167	Nunca estudei sobre o assunto	1
PROF.168	Nunca trabalhei com criança com deficiência visual	1
PROF.169	Conduzir a criança devagar, orientar quando houve obstáculo	3
PROF.170	É uma riqueza para o conhecimento da criança, ela se sentia incluída	5
PROF.171	Nunca estudei sobre esse assunto	1
PROF.172	Porque eu nunca trabalhei com criança com esse tipo de necessidade	1
PROF.173	Em outro ambiente sem ser a escola tive uma criança assim	3
PROF.174	Não fiz nenhum curso de capacitação e não trabalhei com criança especial	1
PROF.175	Não estudei e também não lidei com esse tipo de situação	1
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem	1
PROF.178	Para mim ela é igual outras crianças, mas com tratamentos diferenciados como na leitura	4
PROF.179	Cuidado para não cair, esbarrar nos colegas	3
PROF.180	Muito cuidado para ela não barrar nos coleguinhas e auxiliar na melhor maneira possível	5
PROF.181	Auxiliá-la em questão de topadas, esbarrões, ter cuidados para que não se machuquem	3
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Nenhuma experiência com a situação	1
PROF.184	Nunca tive essa experiência	1
PROF.185	Ensinar que todos os objetos deve ser descartados em local adequado para serem descartados adequadamente	4
PROF.186	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.187	Não respondeu	1
PROF.188	Não trabalhei ainda com crianças com esse tipo de deficiência	1
PROF.189	Não respondeu	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Já participei de uma formação e aprendi muito como lidar com elas	3
PROF.192	Procuraria não deixar obstáculos na sala para evitar que a criança se machuque	3
PROF.193	Porque a criança precisa de ajuda para não correr o risco de machucar, segurar na mão até o local	3

PROF.194	Só um pouco de conhecimento	3
PROF.195	Não tive conhecimento	3
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Organizar o espaço seguro, estimular a criança ao reconhecimento do espaço e acompanhá-la	4
PROF.198	Não tive contato ou capacitações específicas	2
PROF.199	Não respondeu	3
PROF.200	Sim fiz cursos nessa área, temos que observar se tem alguns materiais ou espaço que ofereça risco	4
PROF.201	Falta ainda muita coisa para melhorar, principalmente a falta das rampas	3
PROF.202	Já tive convívio social com alguém assim	2

APÊNDICE G - Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência física

	Questão 4	Resposta numérica
Profissionais	Cuidados preventivos em ambientes com crianças com deficiência física	
PROF.1	Não fiz esse trabalho	1
PROF.2	Obstáculos	4
PROF.3	Espaços adequados	3
PROF.4	Necessito de estrutura apropriada para locomoção, rampas, corrimão e banheiros	2
PROF.5	Os cuidados são satisfatórios	4
PROF.6	Na faculdade aprendemos sobre acessibilidade, rampas, espaço e moveis	3
PROF.7	Nunca trabalhei com criança deficiente	1
PROF.8	Os cuidados devem ser com os obstáculos	3
PROF.9	Nunca trabalhei com cadeirante	1
PROF.10	Considero que tenho noções básicas	3
PROF.11	Eu sempre despertava nos outros colegas a dar preferência a eles	3
PROF.12	Não tenho experiência nesta área	1
PROF.13	Auxiliando e contribuindo	4
PROF.14	Ajudando a se locomover	3
PROF.15	Os locais tem que ser adaptados, como os pisos, os banheiros, as calçadas dentre outros	4
PROF.16	Esse cuidado é importante para que a criança não se machuque	4
PROF.17	Sempre com bastante atenção para que não se machuque	3
PROF.18	Porque já trabalhei com criança com deficiência física	2
PROF.19	Pouco conhecimento, já ministrei aula para três crianças	3
PROF.20	es em que todas tenham acesso e participe	3
PROF.21	Precisamos de orientação, ou seja, cursos de formações nesta área.	3
PROF.22	Porque nunca trabalhei com crianças com deficiência física	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Tenho noção, mas não convivo com crianças com deficiência física	3
PROF.26	Noções básicas	3
PROF.27	Não respondeu	2
PROF.28	Nunca passei por estas experiências	1
PROF.29	Não sei quais os cuidados necessários, pois não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não tenho experiência	3
PROF.33	Já trabalhei com uma criança que eu tinha que carregá-la	3
PROF.34	Na escola tem uma pessoa que cuida dessa criança, mas eu tenho dificuldade	4

PROF.35	Ter acompanhamento exclusivo dependendo do nível de deficiência	3
PROF.36	Olhar se tem acesso adequado a ele que facilite a vida do aluno	3
PROF.37	Depende da deficiência física. Mas também bom senso com objetos e móveis no ambiente	2
PROF.38	Fiz estudo, e tenho aluna com deficiência física	4
PROF.39	Já tive uma aluna cadeirante	3
PROF.40	Ter cuidado com espaço para recebê-la	3
PROF.41	Nunca trabalhei com crianças com deficiência física	1
PROF.42	Já observei outra professora	2
PROF.43	Ide acima	1
PROF.44	Nenhum conhecimento	1
PROF.45	Já trabalhei mas tenho pouco conhecimento	3
PROF.46	Idem acima	5
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Acompanhá-la para que a mesma possa se locomover caso necessite de auxílio	3
PROF.49	Somente com experiências de vida	2
PROF.50	Não tenho experiência	1
PROF.51	já tive criança na sala, temos que ter muito cuidado	3
PROF.52	Também conhecimentos na teoria, através de palestras	3
PROF.53	Nenhum! Temos em sala uma criança que interage muito bem	5
PROF.54	Também é necessário cuidados pois os alunos necessitam de apoio para deslocamento	3
PROF.55	Já trabalho com criança com deficiência física o cuidado é normal	4
PROF.56	Sim, preciso ter conhecimentos sobre cuidados preventivos com este tipo de criança	3
PROF.57	Nunca tive contato ou estudei	1
PROF.58	Preparar o espaço para a criança	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	4
PROF.62	Pelo que fiz em meio curso de Pedagogia tenho noções	3
PROF.63	Deixar o espaço mais acessível possível	2
PROF.64	Mas ela interage muito bem, apenas ficamos atento, temos uma criança com esse tipo de deficiência para intervir	4
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	4
PROF.69	Não respondeu	2
PROF.70	Não participei de estudos e nem convivi com crianças com essas deficiências	1
PROF.71	Sem conhecimento	1
PROF.72	Nunca trabalhei com criança na sala	1
PROF.73	O mesmo que o anterior	1
PROF.74	A criança tem que se sentir segura para poder socializar	3
PROF.75	Aprendizagem em sala de aula (magistério)	2

PROF.76	Nunca trabalhei, portanto não tenho conhecimento	1
PROF.77	Elas caem muito, não tem equilíbrio nenhum	4
PROF.78	Poucos contatos	2
PROF.79	Para melhor inclusão social entre todos	5
PROF.80	Deve orientar a crianças a andar e retirar alguns objetos que venha causar alguns acidentes	4
PROF.81	Temos que ter conhecimento local	3
PROF.82	Ainda não trabalhei com esse tipo de necessidade	1
PROF.83	também tive aluno assim, creio que com cuidado, posso desenvolver um trabalho regular	2
PROF.84	Muito bom, pois temos que cuidar	4
PROF.85	Não respondeu	1
PROF.86	Não possuo conhecimento nessa área	1
PROF.87	Não respondeu	1
PROF.88	Pouca orientação	2
PROF.89	Não tenho capacitação	1
PROF.90	Não tenho qualificação	1
PROF.91	O meio tem que ser adaptado para o mesmo	3
PROF.92	Sim, temos que ficar de olho o tempo todo, manter perto de você, aprender a linguagem de gestos e interpretar	5
PROF.93	Esses cuidados com certeza precisam ser diferenciados	3
PROF.94	A palavra deficiência já fala para termos cuidado	3
PROF.95	Não tenho experiência na área	1
PROF.96	Sala com bastante espaço, onde a criança possa se locomover	2
PROF.97	Ajudo a cuidar de uma cadeirante	3
PROF.98	Nenhum. Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência com crianças com deficiência	1
PROF.100	Não tenho conhecimento com o trabalho	1
PROF.101	Não tenho experiência	1
PROF.102	Não respondeu	1
PROF.103	O estabelecimento não tem acessibilidade, falta	2
PROF.104	(Cursos) não trabalhei com os mesmo	1
PROF.105	Não respondeu	2
PROF.106	Não respondeu	1
PROF.107	Não tenho conhecimento	1
PROF.108	Acredito que necessito de formação acerca do assunto	2
PROF.109	Não respondeu	1
PROF.110	Não respondeu	2
PROF.111	Participação em algumas formações a respeito	3
PROF.112	Já tive um aluno com deficiência física, e foi muito difícil lidar com eles nos momentos de intervalo(recreio)nas apresentações	4
PROF.113	Não vivi esta experiência	2
PROF.114	Não respondeu	3
PROF.115	Não respondeu	4
PROF.116	Não respondeu	2
PROF.117	Não respondeu	2
PROF.118	Não respondeu	4

PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	1
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não estudei mas tive contato direto	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	Ainda conheço pouco sobre o tema	1
PROF.126	Não tive estudo, mas aprendi na prática	4
PROF.127	Estudei sobre, mas nunca coloquei em prática	3
PROF.128	Conhecimento só de estudo	3
PROF.129	O local deve ser adequado a necessidade de cada um	2
PROF.130	Por falta de experiência	1
PROF.131	Não respondeu	1
PROF.132	Não tenho nenhuma formação nessa área	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não tive capacitação	1
PROF.135	Evitar rampas, ambientes (adaptados) deverão ser adaptados	4
PROF.136	Não estudei esse assunto no meu curso	2
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Tenho experiência só da família	2
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	1
PROF.145	Não respondeu	1
PROF.146	Só conheço o que é divulgado na mídia e o que pesquiso	1
PROF.147	O espaço físico é amplo, dando acesso e facilitando a locomoção	4
PROF.148	São cuidados diferenciais de acordo com o caso	4
PROF.149	Sempre busquei o melhor procurando ajuda	3
PROF.150	Tenho conhecimento teórico, mas não na prática	2
PROF.151	Já assisti palestras sobre o assunto, mas não é suficiente	2
PROF.152	Já trabalhei com crianças com esse problema	3
PROF.153	Falta capacitação e acessibilidade para receber alguns tipos de deficiências	2
PROF.154	Caso que necessita de apoio e atenção de todos	2
PROF.155	O espaço físico são precários e não oferece o que necessita	3
PROF.156	Procuro atender a criança, oferecendo ajuda para que possa se socializar com as demais crianças	2
PROF.157	Como professora já fiz alguns cursos e palestras sobre o assunto	4
PROF.158	Oferecer atividades em que a criança tenha condição de fazer	3
PROF.159	Através de leituras	3
PROF.160	Recebi algumas orientações na faculdade	3
PROF.161	Não respondeu	1
PROF.162	Não tenho alunos com deficiência física	1

PROF.163	Pelos estudos que fiz e as experiências que tive	4
PROF.164	Só trabalhei com alguns tipos de deficiente físico	3
PROF.165	Não respondeu	5
PROF.166	já pensei uma vez sobre este assunto	2
PROF.167	Obter um cuidado maior voltado para a criança	2
PROF.168	Tomamos cuidado com a criança no caso de mordidas	4
PROF.169	Banheiros adaptados	3
PROF.170	Também facilita a inclusão da criança	5
PROF.171	Nunca estudei sobre esse assunto	1
PROF.172	Dando palestras para ajudar	1
PROF.173	Em um ambiente sem ser a escola tive uma criança	3
PROF.174	Vimos sobre o assunto na faculdade	4
PROF.175	Não estudei e também não lidei com essa situação	1
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Não deixar objetos espalhados pela sala	2
PROF.178	Ela é igual outra criança, mas tem horas que é muito difícil	2
PROF.179	Temos que ter-se um cuidado especial	3
PROF.180	Auxiliando da melhor maneira e com muito carinho	5
PROF.181	Auxiliá-la da melhor forma possível, mas interagi-la de acordo com sua necessidade	3
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Nenhum conhecimento no assunto	1
PROF.184	Tenho que tirar os obstáculo de sua frente	4
PROF.185	Orientar que tudo o que utilizamos na higiene pessoal deverá ser armazenados adequadamente no lixo	4
PROF.186	Orientar a acompanhar alertando sobre os perigos	1
PROF.187	Mas estou apta a aprender	1
PROF.188	Afastar os móveis para as crianças não se machucarem	3
PROF.189	Não respondeu	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Pouca instrução a respeito	2
PROF.192	Evitar deixar a criança subir em algo que possa lhe machucar	3
PROF.193	Toda criança precisa de ajuda no caso de deficiência física	4
PROF.194	Não trabalhei ainda	1
PROF.195	Não respondeu	3
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Organização dos espaços para se tornar seguro	3
PROF.198	Nos é oferecido algumas capacitações e sempre procuramos fazer pesquisa de campo	3
PROF.199	Não respondeu	4
PROF.200	Regular, falta aperfeiçoamento na prática, mas temos que observar o piso, e as adaptações no local	3
PROF.201	O espaço infelizmente não responde as necessidades	2
PROF.202	Cuidados com o espaço físico principalmente	3

APÊNDICE H - Cuidados preventivos com os alunos com síndrome de Down

	Questão 5	
Profissionais	Cuidados preventivos com os alunos com síndrome de Down	Resposta numérica
PROF.1	Desenvolvo atividade que não prejudica o desenvolvimento corporal da criança	3
PROF.2	Nunca vivenciei	1
PROF.3	Uma relação objetiva favorece todo processo	3
PROF.4	Não tive capacitação na área por isso não conhece	1
PROF.5	As crianças com síndrome de Down tem acompanhamento diferenciado	5
PROF.6	Tenho aluno sabemos suas limitações principalmente as que envolvam a coordenação motora	4
PROF.7	Não trabalhei com criança assim	1
PROF.8	Dificuldade de acompanhar os movimentos	3
PROF.9	Conhecimento básico	3
PROF.10	A criança com Down precisa de um tempo maior para o fortalecimento muscular	3
PROF.11	Cuidado de colocar ele em um lugar a vista para não se machucarem	3
PROF.12	Nunca trabalhei	1
PROF.13	Ainda não tive essa experiência	2
PROF.14	Não trabalhei com alunos especiais, e não tive capacitação	1
PROF.15	Não tenho conhecimento sobre este assunto, não estudei nada sobre isso.	1
PROF.16	Nunca tive alunos com essa necessidade	1
PROF.17	Nunca trabalhei e por isso ainda não sei o que fazer	1
PROF.18	Ainda não trabalhei com essa necessidade	1
PROF.19	Já ministrei aula com muito cuidado	3
PROF.20	Ter o cuidado com a realização dos movimentos	3
PROF.21	Precisa- se de orientações específicas	1
PROF.22	Não tenho experiências	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho experiência	1
PROF.26	Cuidados diferenciados	3
PROF.27	Não respondeu	2
PROF.28	Não tenho experiência	2
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não tenho experiência, gostaria de participar de um curso	1
PROF.33	Ficava atento com alguns materiais para que ela não colocasse na boca as atividades de brincadeiras	4
PROF.34	Na escola não tem crianças com síndrome de Down, eu não sei sobre o assunto	1
PROF.35	Geralmente os alunos com Down tem a cervical fragilizada, evitar que o professor evite atividades que ponham a integridade física do aluno em risco	3

PROF.36	Sim tenho um certo conhecimento em relação a atividade com crianças com síndrome, as atividades não podem ser atividades bruscas, como rolamentos entre outras	3
PROF.37	Articulações frágeis requerendo maior atenção	3
PROF.38	Estudo e prática	4
PROF.39	Nunca tive experiência	2
PROF.40	Nenhum conhecimento	1
PROF.41	Nunca tive experiência	1
PROF.42	Nunca trabalhei com crianças com síndrome de Down	1
PROF.43	Com as crianças com síndrome de Down os cuidados tem que ser mais	2
PROF.44	Nenhum conhecimento	1
PROF.45	Olha eu nunca trabalhei com crianças com Síndrome, por isso eu não tenho conhecimento	1
PROF.46	Nunca trabalhei com crianças com Down	3
PROF.47	Não trabalho e ou trabalhei com alunos com síndrome de Down	1
PROF.48	já trabalhei com crianças com síndrome de Down, mas não tenho nenhuma formação para lidar com elas	2
PROF.49	Tenho um aluno com síndrome e ele participa de todas as atividades propostas inclusive brincar no pula-pula	4
PROF.50	Nunca trabalhei com alunos com essas necessidades especiais	1
PROF.51	São crianças que requer muito cuidado, pois já trabalhei com essas crianças	5
PROF.52	Não convivi com nenhuma situação do tipo, mas procuro me informar	2
PROF.53	Sem exemplos	2
PROF.54	Já tive uma boa vivência com este público de alunos	4
PROF.55	Não tenho conhecimento sobre o assunto	1
PROF.56	Nunca trabalhei com criança com síndrome de Down	1
PROF.57	Nunca tive contato ou estudei	1
PROF.58	Não respondeu	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	2
PROF.61	Não respondeu	1
PROF.62	Tenho algumas habilidades	4
PROF.63	Cuidados com situações que envolvam exercícios físicos por seus membros serem muito flexíveis, como braços pernas e cabeça	4
PROF.64	Teria cautela, pois não tive curso e nem capacitação nessa área	2
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	5
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	Tivemos o caso de uma aluno na instituição, mas tínhamos uma professora exclusiva para atendê-lo	2
PROF.71	Sem conhecimento	1
PROF.72	Não convivi diretamente com a criança, tinha uma professora exclusiva para acompanhar	2
PROF.73	Já tive aluno e já trabalhei em salas de recursos	3
PROF.74	Não tenho nenhuma experiência com algum, com essa síndrome, nem	1

	sei falar	
PROF.75	Nenhuma experiências	1
PROF.76	Não recebi nenhuma capacitação por isso em primeiro momento não saberia	1
PROF.77	Nunca tive capacitação	1
PROF.78	Tive alguns contatos e eles só anseiam por muita atenção	3
PROF.79	É muito bom, pois todos merecem o mesmo tipo de atenção, alguns até mais	5
PROF.80	Deve evitar certos exercícios que venha causar movimentos de impactos	5
PROF.81	Não tenho experiências com isso	1
PROF.82	Trabalhei um ano, era difícil manter crianças no grupo, uma vez que os cuidados eram redobrados, a criança era super elevada e com distúrbio de comportamento	3
PROF.83	Devido eu nunca ter prática e nem teoria sobre o conteúdo	1
PROF.84	Não conheço os meios certos de como socorrer corretamente. Cuidar bem desses movimentos, pois as vezes eles ficam agressivos	5
PROF.85	Não respondeu	2
PROF.86	Meu trabalho de TCC foi nessa área específica	3
PROF.87	Nunca trabalhei com crianças com síndrome de Down	1
PROF.88	Pouca orientação	3
PROF.89	Não tenho capacitação	1
PROF.90	Falta capacitação	1
PROF.91	Trabalharia exercícios mais vulnerável a sua capacidade	4
PROF.92	Mas eu acho que temos que incluir com cuidado nas atividades e não deixá-los rejeitados, mas fazer com que participem com atenção	1
PROF.93	Teoricamente estudei bastante, porém não utilizarei na prática	2
PROF.94	É sempre muito bom termos cuidados com atividades físicas que envolva movimentos	4
PROF.95	No magistério não tem uma disciplina que trata a respeito, e na faculdade não é suficiente, pois uma disciplina da conta de todas	1
PROF.96	Não participei de formações e sinto-me impossibilitado para trabalhar com essas crianças	1
PROF.97	Não tive nenhum aluno com síndrome de Down	2
PROF.98	Nenhum. Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Nenhum, pois não tive oportunidade de conviver com eles	1
PROF.101	Sem experiência	1
PROF.102	Não respondeu	4
PROF.103	Não respondeu	1
PROF.104	(Cursos) pouco conhecimento	1
PROF.105	Tenho poucas informações sobre o assunto	2
PROF.106	Não respondeu	1
PROF.107	Não tenho conhecimento	1
PROF.108	A síndrome de Down pouco é citada nas formações	2
PROF.109	Capacitação na área	1
PROF.110	Não respondeu	2
PROF.111	Não tive experiência com aluno com síndrome de Down	2

PROF.112	Tenho um conhecimento até razoável, pois tenho um primo Down, então aprendi bastante	4
PROF.113	Sim, conhecimento sobre o assunto e não tive experiência	1
PROF.114	Nunca trabalhei com crianças com síndrome de Down	1
PROF.115	Não respondeu	3
PROF.116	Não tive nenhum contato	1
PROF.117	Não respondeu	2
PROF.118	Não respondeu	5
PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	1
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não estudei e não tive contato direto	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	Não tenho nenhuma experiência, pois nunca conheci uma criança com síndrome de Down	1
PROF.126	Temos cuidados redobrados, pois esta criança necessita de mais atenção	4
PROF.127	Não conheço sobre essa atividade na prática	1
PROF.128	Não tive oportunidade para trabalhar	1
PROF.129	Não tive a oportunidade de trabalhar com crianças com síndrome de Down	1
PROF.130	Ainda não passei por essa experiência	1
PROF.131	Pois já acompanhei aluno que usava cadeira de roda	3
PROF.132	Não, nunca tive nenhuma experiência com criança que te síndrome de Down	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não tive capacitação, estou aprendendo na prática na sala de aula	3
PROF.135	Não respondeu	1
PROF.136	Sem orientação	2
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Necessito de capacitação	1
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Já tive experiência em sala de aula relacionado ao auxílio com a criança	3
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Pouco conhecimento à respeito, pois ainda não fiz nenhuma capacitação ou formação na área	3
PROF.147	Segundo minhas experiências, não tenho tido muita dificuldade, pois sei que isso exige muito cuidado, destreza e paciência	4
PROF.148	Tenho pouco conhecimento com criança com síndrome de Down	3
PROF.149	Não tive nenhum contato com aluno dessa natureza	1
PROF.150	Tentar colocá-lo e acalmar utilizando atividades e materiais pedagógicos	3
PROF.151	Nunca trabalhei com criança com essa deficiência, estudei um pouco mais ainda não me sinto capacitado	1

PROF.152	Não tenho conhecimento com o caso	1
PROF.153	Falta capacitação, salas preparadas e pessoal preparados	2
PROF.154	Não tem recursos na nossa instituição de ensino para trabalhar com crianças com deficiência	1
PROF.155	Porque falta profissionais qualificados para trabalhar com essas crianças	2
PROF.156	Não tenho conhecimento	1
PROF.157	Nunca realizei essas atividades	1
PROF.158	Acredito que é uma criança que não necessita desse tipo de cuidado	3
PROF.159	São poucos, mas no Cemei tem criança com síndrome de Down	3
PROF.160	Recebi orientações com várias leituras, seminários e na graduação	4
PROF.161	Meu conhecimento é pequeno quanto a esta pergunta	2
PROF.162	Não faço este tipo de atividade física, mas socializo com outras, coordenação, lateralidade, tempo e espaço	1
PROF.163	Algo que aprendi na faculdade e sempre procurei colocar em prática	5
PROF.164	Nunca coloquei em prática, só sei alguma coisa na teoria	2
PROF.165	Não respondeu	2
PROF.166	Não sei sobre este problema	1
PROF.167	Nunca trabalhei com crianças nesse nível	1
PROF.168	Sei que é uma criança especial e necessita de cuidados diferenciados	3
PROF.169	Não respondeu	3
PROF.170	Que bom se essa criança conseguir essa atenção	5
PROF.171	Nunca estudei sobre esse assunto	1
PROF.172	Precisamos de palestras para nos auxiliar como lidar com pessoas com deficiência	3
PROF.173	Porque não tive a oportunidade de trabalhar com uma criança assim	1
PROF.174	Estudei na faculdade	3
PROF.175	Não estudei e também não convivi com essa situação	1
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem primeira	1
PROF.178	Nunca trabalhei	1
PROF.179	Nem uma prevenção, eles não requer muitos cuidados	5
PROF.180	Cuidando para não machucar, mais deixando ele participar das atividades	4
PROF.181	A criança com síndrome de Down deve participar de toda atividade normalmente	4
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Nenhum curso para atividade voltadas para a síndrome	1
PROF.184	Não tenho experiência	1
PROF.185	As crianças com síndrome de Down precisam de uma atenção especial, pois caem facilmente	4
PROF.186	Não estudei sobre o caso	1
PROF.187	Não respondeu	1
PROF.188	Não trabalhei com crianças com síndrome de Down	1
PROF.189	Não respondeu	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Nunca tive nenhum contato ainda com alguém assim	1
PROF.192	Não tenho conhecimento algum para lidar com o Down, pois nunca participei de capacitação	1

PROF.193	Porque sua capacidade de desenvolvimento e menor, precisa de mais atenção	3
PROF.194	Não tive a oportunidade de trabalhar ainda	1
PROF.195	Não respondeu	3
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Evito rolamentos frontal e a inclinação da coluna cervical	4
PROF.198	Já fiz alguns cursos particulares referente a síndrome	3
PROF.199	Não respondeu	3
PROF.200	Já tive aluno, mas não sei qual problema tem no pescoço que não podem fazer movimentos bruscos	3
PROF.201	Normal, com toda segurança	4
PROF.202	Cuidados com as limitações, tropeços e até mesmo a compreensão da fala	2

APÊNDICE I - Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão

	Questão 6	
Profissionais	Critérios para lidar com uma criança durante uma convulsão	Resposta numérica
PROF.1	Não saberia lidar com essa situação	1
PROF.2	Sem conhecimento	1
PROF.3	Manter a pessoa e o ambiente calmo e desobstruir roupas que possam dificultar	5
PROF.4	Afastar as outras crianças para não sufocar e colocar algo abaixo da cabeça	2
PROF.5	Até o momento não presenciei uma criança com convulsão	1
PROF.6	Também foge do meu conhecimento	1
PROF.7	Não trabalhei	1
PROF.8	Já participei de palestra	3
PROF.9	Não respondeu	2
PROF.10	Tenho capacitação de primeiro socorros feito pelos bombeiros	3
PROF.11	Colocar o aluno em local visível, deixa-lo de lado e colocar uma colher de plástico na boca dele	5
PROF.12	Não tenho nenhuma formação nesta área	1
PROF.13	Já tive essa experiência com uma aluna que tinha convulsão, Porém aconteceu só uma vez	3
PROF.14	Não presenciei uma convulsão e nem capacitação	1
PROF.15	Tenho que tirar as pessoas de perto para não sufocar	3
PROF.16	Nunca tive	1
PROF.17	Não sei pois nunca trabalhei	1
PROF.18	Afastar todos os objetos de perto da criança e colocá-la na posição que não venha se engasgar com a saliva	4
PROF.19	Não saberia reagir nessa situação	2
PROF.20	Deitá-la de lado tendo o cuidado para não bater a cabeça ou se machucar	4
PROF.21	Não respondeu	1
PROF.22	Não tenho experiências, mas chamaria alguém da direção	3
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não saberia lidar com essa situação	1
PROF.26	Chamar o atendimento médico imediatamente e encaminhá-la	3
PROF.27	Não respondeu	2
PROF.28	Eu acho que não saberia lidar com a situação	2
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Chamaria o SAMU, pois não saberia lidar com a situação	2
PROF.33	Virar a criança para que ela não se engasgue	4
PROF.34	Pois tenho um pequeno conhecimento de primeiro socorros até a chegada dos profissionais. Retiro os materiais próximos	3
PROF.35	Adquiriti conhecimentos básicos sobre procedimentos a adotar na Universidade e presenciei uma assistência correta uma vez	3

PROF.36	Também encaminho a orientação educacional e ela age de acordo com as necessidades	1
PROF.37	Conhecimento adquirido em treinamentos de primeiro socorros	4
PROF.38	Tivemos um mini curso de primeiros socorros	3
PROF.39	Só conheço por meios de leituras	2
PROF.40	Ter cuidado com a cabeça da criança	3
PROF.41	Participei de um seminário	3
PROF.42	Palestra do SAMU na instituição	3
PROF.43	Ide acima	1
PROF.44	Nenhum conhecimento	1
PROF.45	Cada profissional deveria em ter alguma profissão nessa área, primeiro fazendo uma massagem e levar imediatamente ao médico	2
PROF.46	Não lidei com essa situação, mas acabamos tendo conhecimento na teoria	3
PROF.47	Não respondeu	2
PROF.48	Tenho um pouco de conhecimento por ter uma filha com esse problema. Nunca tive formação	3
PROF.49	Ainda não estudei sobre o assunto	1
PROF.50	Peço ajuda para alguém que tem habilidades nessa área	1
PROF.51	Meu conhecimento é livros e vejo pela TV, lidar com crianças durante uma convulsão não	2
PROF.52	Assisti uma palestra com bombeiros, acredito que saberia como agir em uma situação do tipo	3
PROF.53	Embora não presenciando na prática, sempre temos formação com outros profissionais de áreas distintas	4
PROF.54	Não tive esta capacitação durante minha formação e não tive contato com o caso de crianças com convulsão, mas se caso ocorrer comunico a direção e o SAMU	2
PROF.55	Ligar para o SAMU imediatamente	2
PROF.56	O CEMEI fez uma formação com o corpo de bombeiros sobre este exemplo	4
PROF.57	Sempre convivi desde recém nascida com a irmã	5
PROF.58	Pedir ajuda a uma outra pessoa capacitada	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	3
PROF.62	Não respondeu	3
PROF.63	Nunca me deparei com a situação e não saberia o que fazer, mesmo já tendo participado de aula de primeiros socorros	1
PROF.64	Tive um dia de capacitação sobre esse tema. Se tivesse um aluno assim no momento da crise, iria isolar e retirar os objetos para ele não se machucar durante as crises	3
PROF.65	Não tive nenhum contato com esse tipo de caso	1
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	5
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	Participei de uma palestra de pequenos socorros promovida pela secretaria de educação	3
PROF.71	Participei de oficinas (palestras) que abordaram o tema, mas na prática	2

	não sei	
PROF.72	Tivemos orientações dos alunos de medicina da Universidade Federal do Tocantins com primeiros socorros. Ex: desobstruir as vias respiratórias	5
PROF.73	Nunca presenciei	1
PROF.74	Tenho que tirar ela de lugar abafado, colocar num lugar tranquilo e chamar um profissional	3
PROF.75	Constatar com urgência a temperatura da crianças e buscar auxílio médico	3
PROF.76	Não saberia o que fazer, ou chamaria a orientadora	1
PROF.77	Nunca tive capacitação	1
PROF.78	Ainda não tive essa experiência	1
PROF.79	Ainda não tive tal experiência e nem estudei sobre o assunto	1
PROF.80	Deve deixar a criança em um lugar ventilado e assegurar só na cabeça com cuidado	5
PROF.81	Já me vi nesta situação	3
PROF.82	Já aconteceram alguns casos, agir de forma desesperada	1
PROF.83	Porque participo anualmente do curso de brigada de incêndio e de primeiros socorros	4
PROF.84	Segurar para não bater a cabeça e nem afogar	3
PROF.85	Não respondeu	1
PROF.86	Não saberia como agir	1
PROF.87	Não sei o que fazer	1
PROF.88	Pouca orientação	1
PROF.89	Não tenho capacitação	1
PROF.90	Não tenho conhecimento de como agir	1
PROF.91	Ligaria para a emergência como bombeiros, para orientação de primeiros socorros	3
PROF.92	Eu viraria ela de lado e mantinha ela virada e ligaria para os bombeiros se caso não houvesse o orientador na escola	1
PROF.93	Na prática ainda não tive que lidar, porém obtive bastante instruções, exemplo deixar o indivíduo na posição de lado e ligar para um especialista	3
PROF.94	Ligaria para os bombeiros e pediria ajuda	1
PROF.95	Nesse caso o melhor seria afastar as outras crianças, móveis, virar a cabeça de lado e chamar socorro de especialista	3
PROF.96	Manter calma as crianças que estão perto e cuidados com as crianças que estão com o problema	3
PROF.97	Pouco conhecimento a respeito	2
PROF.98	Nenhum. Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Nenhum conhecimento	1
PROF.101	Sem conhecimento do assunto	1
PROF.102	Nunca trabalhei com criança	1
PROF.103	Não respondeu	2
PROF.104	(cursos) não trabalhei	1
PROF.105	Já tive contato com crianças neste estado	2
PROF.106	Não respondeu	1
PROF.107	Não respondeu	1

PROF.108	Não tive formação referente ao assunto nem mesmo na faculdade	1
PROF.109	Não respondeu	4
PROF.110	Não respondeu	2
PROF.111	Não passei por momento de formação para tal	2
PROF.112	Nunca vi nenhuma criança tendo convulsão, mas já li artigos sobre como lidar na hora de uma situação como essa	1
PROF.113	Deve segurar braços e pernas e a língua para não sufocar	2
PROF.114	Não respondeu	2
PROF.115	Não respondeu	2
PROF.116	Não respondeu	4
PROF.117	Não respondeu	3
PROF.118	Não respondeu	4
PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Não respondeu	1
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não estudei, mas tive contato direto	1
PROF.124	Conhecimento como tomar iniciativa nos primeiros atendimentos	3
PROF.125	Já vi poucas vezes pessoas com convulsão	2
PROF.126	Pois não tive nenhum estudo sobre este item, nem mesmo presenciei acontecer	1
PROF.127	Ainda não passei por esta situação	2
PROF.128	Porque não vivi esta situação	1
PROF.129	Nunca presenciei uma crianças com crise convulsiva	1
PROF.130	Porque não passei por essa experiência	1
PROF.131	Não tenho tanto conhecimento, pois participei de cursos muito rápidos	2
PROF.132	Não tenho conhecimento de como proceder	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não tive capacitação	1
PROF.135	Não respondeu	1
PROF.136	Não tenho conhecimento	1
PROF.137	Não tive capacitação	1
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Assisti uma palestra do corpo de bombeiros. Não segurar a criança, tirar de perto objetos e deitá-la de preferência em colchão	2
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Tive conhecimento básico em o que fazer nesta situação	4
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Não saberia o que fazer, mas buscaria ajuda imediata	1
PROF.147	Não tive essa experiência com crianças convulsivas, mas creio que eu não saberia bem o que fazer	1
PROF.148	Mantê-lo em local isolado dando suporte de cuidados até a chegada do serviço de urgência	4
PROF.149	Diante de tal situação chamaria alguém para ajudá-lo	1

PROF.150	Não tenho conhecimento	1
PROF.151	Já tive alunos com esse problema e estudei sobre o assunto	4
PROF.152	Não tenho experiência com essa situação	1
PROF.153	Já tivemos alguns momentos de aulas práticas com o tema mencionado	2
PROF.154	Ainda não tive essa experiência, mas nesse caso acionar uma equipe de profissional	1
PROF.155	Não tenho conhecimento sobre o caso	1
PROF.156	Nessa hora, dar um banho levar urgente para o médico, até mesmo envolver em toalha molhada	2
PROF.157	Não sei como agir	1
PROF.158	No caso de uma crise, colocar a criança em lugar que não se machuque e deixar passar a crise	2
PROF.159	Teve uma palestra e mostraram na prática os primeiros socorros para quando acontecer uma convulsão	3
PROF.160	Já tivemos aqui na instituição um curso sobre primeiros socorros	3
PROF.161	Prestar os primeiros socorros e comunicar aos pais	4
PROF.162	Deixo deixar a criança deitada com espaço para respirar e chamar o médico	3
PROF.163	Tenho caso na família	4
PROF.164	Tive que colocar em prática em uma aluno meu que teve uma convulsão em sala	3
PROF.165	Não respondeu	3
PROF.166	Tenho um problema em casa	4
PROF.167	Nunca tive formação para lidar com essas crianças	1
PROF.168	Tenho conhecimento porque fiz curso técnico em enfermagem	4
PROF.169	Afastar objetos próximos da criança, colocar a criança lateralizada	5
PROF.170	Nunca presenciei, não tenho experiência	1
PROF.171	Retirar objetos de perto da criança para ela não se machucar e deixá-la numa posição confortável	3
PROF.172	Não tenho nenhuma habilidade	1
PROF.173	Participei de uma palestra	3
PROF.174	Já tive experiências nesse caso, e fui capacitada e estudei sobre o assunto	4
PROF.175	Separar objetos da criança e chamar o SAMU	3
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem primeira	1
PROF.178	No primeiro momento eu fiquei preocupada mas depois encarei a situação	3
PROF.179	Requer cuidados, pois não pode ser contrariado e nem bater a cabeça	3
PROF.180	Colocar a cabeça para baixo com a mão no peito e dar tapinhas nas costas	4
PROF.181	Colocá-la de lado e segurar-lhe a cabecinha	5
PROF.182	Tenho poucas informações sobre o assunto	1
PROF.183	Nenhum conhecimento	1
PROF.184	Ter o cuidado para a criança não se machucar no momento da convulsão	3
PROF.185	Pedir ajuda é essencial. E que afaste objetos no lugar do ocorrido e segurar a cabeça da criança e cuidado com a língua	4
PROF.186	Tenho pouco conhecimento de como agir nessa situação	1

PROF.187	Tivemos palestras com os bombeiros	2
PROF.188	Ainda não tive experiência com essa doença	1
PROF.189	Não respondeu	1
PROF.190	Não tenho nenhum conhecimento	1
PROF.191	Nunca tive nenhuma experiência assim	1
PROF.192	Não usaria nenhum critério para não atrapalhar, pediria SOS, por falta de capacitação, não faria algo	1
PROF.193	Nunca debati com uma situação desta, mais tira todos objetos de perto e deixar passar	1
PROF.194	Tenho noções	3
PROF.195	Não respondeu	2
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Pouco conhecimento sobre isso	2
PROF.198	Nos falta uma melhor capacitação, sempre temos que ter mais informações quanto ao tema	2
PROF.199	Não respondeu	3
PROF.200	Fiz cursos de aperfeiçoamento, dar o medicamento	4
PROF.201	Não sei porque nunca trabalhei	1
PROF.202	Já presenciei esta situação, porém com algum profissional da saúde junto	2

APÊNDICE J - Inclusão social entre as crianças e adultos durante as atividades motora

	Questão 7	
Profissionais	Inclusão social entre as crianças e adultos durante as atividades motoras	Resposta numérica
PROF.1	Precário, ainda não tive oportunidade de vivenciar essas interações	1
PROF.2	Desenvolvimento motor, apertar objetos	3
PROF.3	Creio que preciso de muita leitura, compreensão e sensibilidade	3
PROF.4	Não respondeu	2
PROF.5	Não respondeu	5
PROF.6	É a atividade mais explorada por meio de circuito, músicas, movimentos e brincadeiras	5
PROF.7	Não trabalhei	1
PROF.8	São de comandos durante a atividade	3
PROF.9	Não respondeu	2
PROF.10	A criança precisa receber estímulos de outra criança ou do adulto através do lúdico	4
PROF.11	É bem interessante, pois é com o meio que se aprende	4
PROF.12	Por se tratar de um número muito grande em sala de aula	3
PROF.13	As crianças especiais devem estar incluídas nas atividades motoras de acordo suas limitações	3
PROF.14	Não tenho alunos nessa condição, mas percebo uma felicidade e carinho entre ambos	3
PROF.15	Praticamente não fazemos, porque os pais trabalham e não tem tempo	1
PROF.16	É importante que o adulto participar como criança para que ela compreenda	4
PROF.17	Não tive a oportunidade de vivenciar essa situação	1
PROF.18	Todos os alunos interagem com os adultos	3
PROF.19	Ótima, primeiramente tem algumas atividades para as crianças que são novidades, eles acabam gostando	5
PROF.20	Procurar sempre realizar atividades que eles consigam acompanhar	4
PROF.21	A criança precisa de interação com um adulto para poder se desenvolver melhor	3
PROF.22	Não tenho experiências	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho experiência	1
PROF.26	Importante	3
PROF.27	Convivência	3
PROF.28	Não tenho conhecimento suficiente sobre o assunto	2
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não tenho experiência	2
PROF.33	Por meio de brincadeiras e outras	4
PROF.34	Não tenho formação nessa área, precisaria de um curso de formação para lidar com esse tipo de criança	2

PROF.35	São muito importantes porque os professores têm como função estimular o desenvolvimento da criança em todos os sentidos	3
PROF.36	Sim! Sempre busco interagir a criança com necessidades com outras pessoas	3
PROF.37	As mesmas interações das crianças sem Necessidades especiais	2
PROF.38	Fiz estudo e também pela prática	4
PROF.39	Participei de seminário	3
PROF.40	Somente participei de seminários	1
PROF.41	Nenhuma experiência no assunto	1
PROF.42	Cada criança deve ser respeitada, mesmo com sua deficiência	3
PROF.43	As crianças juntos aos adultos eles se envolvem melhor nas atividades	4
PROF.44	É muito importante para as crianças	3
PROF.45	Sim devemos ter mais conhecimento, porque eu tenho um pouco, mas sempre é bom ter mais	5
PROF.46	O adulto é ponto de partida como exemplo	5
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	É boa porque mesmo sem a qualificação para lidar com elas, nos esforçamos ao máximo para desempenhar um bom trabalho	4
PROF.49	Na educação Física fazemos semanalmente e é muito bom	4
PROF.50	Não respondeu	1
PROF.51	Interagimos bem umas com as outras	4
PROF.52	É o que trabalhamos no dia a dia	4
PROF.53	Nas atividades dirigidas as crianças interagem bem, pois veem exemplos dos adultos	4
PROF.54	Não tive nenhum momento de interação dessa natureza ainda	1
PROF.55	Realizamos atividades na área externa com os alunos e sempre procuramos interagir com elas	4
PROF.56	Não tenho nenhum exemplo nesta área	1
PROF.57	Nunca tive contato	1
PROF.58	Socialização entre os meios	3
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	5
PROF.62	Fazemos isso já na sala de aula	4
PROF.63	Tenho receio de comprometer a integridade física da criança	2
PROF.64	É muito importante para ambas as partes, o professor tem que exercer um elo de confiança para com seu alunos	4
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	5
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	Não tenho experiência	1
PROF.71	Experiências vivenciadas	3
PROF.72	Infelizmente não trabalhei com crianças com necessidades especiais	1
PROF.73	É muito gratificante, quando conseguimos esta interação	3
PROF.74	As crianças com esse tipo de atividades precisam de tempo para conseguir habilidade para manusear nos objetos	4

PROF.75	Precisa haver comunicação entre o adulto e a criança	3
PROF.76	Não respondeu	1
PROF.77	Não tenho conhecimento sobre o assunto	1
PROF.78	Entrosação fácil	4
PROF.79	Porque tem que ter o máximo de cuidado com as crianças	3
PROF.80	Não respondeu	2
PROF.81	Sempre tem dificuldade	2
PROF.82	Não respondeu	4
PROF.83	Porque a interação com a criança ajuda a ela se desenvolver melhor	4
PROF.84	É de extrema importância o relacionamento, pois é necessário a ajuda do adulto em todas as atividades	4
PROF.85	Não respondeu	2
PROF.86	Com o decorrer do tempo de trabalho aprende-se	3
PROF.87	Não sei como agir	1
PROF.88	Pouca orientação	2
PROF.89	Não tenho conhecimento	1
PROF.90	Falta capacitação	1
PROF.91	já a interação com os pais em datas comemorativas	4
PROF.92	Fizemos entre os professores quando aplicamos as atividades em alguma data especial com os pais	5
PROF.93	Principalmente nas datas comemorativas. Ex: dia dos pais, das mães e etc	4
PROF.94	É muito gratificante este trabalho, quando todos ajudam as crianças a se sentir a vontade e feliz	5
PROF.95	Nas datas comemorativas realizamos a interação das crianças com a comunidade e na sala com o professor	4
PROF.96	Crianças surdas participam e ficam felizes	3
PROF.97	Não respondeu	2
PROF.98	Nenhum. Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Nenhum, pois não tenho conhecimento do assunto	1
PROF.101	Sem experiência	1
PROF.102	Não respondeu	4
PROF.103	Não respondeu	2
PROF.104	(Cursos) já trabalhei, consigo realizar as atividades bem	3
PROF.105	Não respondeu	2
PROF.106	Não respondeu	4
PROF.107	Porque já convivi com o portador	4
PROF.108	Trabalhamos diretamente com a coordenação motora de crianças	3
PROF.109	Não respondeu	4
PROF.110	Não respondeu	4
PROF.111	Passamos por diversas formações ao longo do ano sobre o assunto	4
PROF.112	Tenho uma longa experiência com atividade interativas com crianças e gosto muito das atividades extra-classe	5
PROF.113	Não respondeu	3
PROF.114	Não respondeu	3
PROF.115	Não respondeu	4

PROF.116	Não respondeu	5
PROF.117	Não respondeu	3
PROF.118	Não respondeu	4
PROF.119	Não tenho conhecimento	1
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não tive contato	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	Porque desde muito cedo temos que estimular a criança e mostrar que é um indivíduo presente na sociedade	3
PROF.126	É ótima, pois os professores e alunos se envolvem com prazer nas atividades	4
PROF.127	Tenho pouco conhecimento	3
PROF.128	Não trabalhei	1
PROF.129	Temos que trabalhar juntos de acordo com sua capacidade	2
PROF.130	Nas brincadeiras dirigidas em sala e ao ar livre	4
PROF.131	Já trabalhei com crianças, mas não tinha conhecimento	2
PROF.132	Não respondeu	3
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não respondeu	3
PROF.135	Brincadeiras diversas	4
PROF.136	Não respondeu	3
PROF.137	Não respondeu	3
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Tenho muita dificuldade de fazer essa interação	2
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	2
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Desenvolver atividades de inclusão entre todos	3
PROF.147	As crianças portadoras dessas deficiências, tem um ritmo mais lentos. É preciso dedicar mais tempo, atenção e paciência	3
PROF.148	As interações tem que ser avaliada de acordo a cada especificidade de cada criança	4
PROF.149	Sempre busquei interagir com o grupo nas atividades proporcionadas	3
PROF.150	Incentivar a brincar com as outras crianças	4
PROF.151	Já trabalhei e trabalho psicomotricidade e interações sociais	4
PROF.152	Não respondeu	4
PROF.153	Fazemos momentos de interações onde a família e convidada a participar	3
PROF.154	Deveria ser trabalhadas de foram mais estimulada	3
PROF.155	Falta acompanhamentos para essas crianças e adultos para ensinar tipos de interação	3
PROF.156	Sim, porque as atividades são dirigidas	4

PROF.157	Estamos sempre procurando interagir com as crianças com necessidades especiais de forma que ela possa participar ativamente	3
PROF.158	Acontece de maneira natural onde os adultos adaptam-se ao nível das crianças	4
PROF.159	É boa , os professores também participam das atividades	4
PROF.160	Creio que na educação infantil a interação acontece em todos os momentos	3
PROF.161	Procuro acolher as crianças da melhor maneira para que as mesmas gostem do ambiente	4
PROF.162	Adultos demonstrando as brincadeiras, gincanas envolvendo a criança no meio	5
PROF.163	Não respondeu	1
PROF.164	Não respondeu	5
PROF.165	Não respondeu	5
PROF.166	Através das atividades de Educação Física	2
PROF.167	Já estudei sobre o assunto	3
PROF.168	Muito bem, pois sempre incentivamos o seu desenvolvimento	4
PROF.169	Não fiz curso em relação aos exercícios físicos, domino o mais simples	1
PROF.170	Pode ser que estimule a criança e facilite seus desempenhos	5
PROF.171	Trabalhar brincadeiras e atividades que estimulem seu potencial através de momentos lúdicos	4
PROF.172	As interações é muito importante, pois ajuda a todos se unir na produção de conhecimentos	3
PROF.173	Estudei na graduação sobre o assunto	5
PROF.174	Já estudei e fiz curso sobre o assunto	4
PROF.175	Nesse tipo de atividade o professor deve estar atento as crianças para não se machucarem	3
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem primeira	1
PROF.178	Fiz interação mas ela não gostou	3
PROF.179	É muito importante para todos	3
PROF.180	Sim. Para competições entre pais e filhos	5
PROF.181	Procuramos mobilizar a participação dos pais junto a seus filhos no Cemei	3
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Nenhum conhecimento	1
PROF.184	Já convivi com criança especial	4
PROF.185	Os projetos são formas de aproximações e interação social para a família	4
PROF.186	Professores acompanham nas atividades	4
PROF.187	Não respondeu	3
PROF.188	Não respondeu	1
PROF.189	Não respondeu	5
PROF.190	Não respondeu	3
PROF.191	Por meio de eventos, jogos e brincadeiras que envolvam a todos. Ex: Festa, família	3
PROF.192	Já fizemos uma gincana envolvendo pais, alunos, foi legal, pois as crianças se sentiram mais a vontade	3
PROF.193	A festa da família com os pais, tios, avós, é trabalhado música e historinha dramatizada	4

PROF.194	Não respondeu	5
PROF.195	Não respondeu	4
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Procuro tratar todos com afetividade e respeito as individualidade e aspectos sociais	4
PROF.198	Sempre que necessário a comunidade é chamada para interagir com o andamento pedagógico	3
PROF.199	Não respondeu	4
PROF.200	A interação é a afetividade entre a criança e o adulto proporciona um maior aprendizado na infância	4
PROF.201	Muito boa, comigo sempre funciona	4
PROF.202	Ela tenta fazer o que o adulto faz, imitando-o nas suas ações	5

APÊNDICE K - Estimular a autonomia e a inclusão social da criança com deficiência

	Questão 8	
Profissionais	Estimular a autonomia e a inclusão social da criança com deficiência	Resposta numérica
PROF.1	Não trabalhei com nenhuma criança especial	1
PROF.2	Obter oportunidades iguais	4
PROF.3	Através de exposição oral em reuniões com a comunidade	4
PROF.4	Trabalhar mais a questão da diversidade, não só na semana da diversidade	2
PROF.5	Não respondeu	5
PROF.6	Através da dinâmica de grupo e outras	4
PROF.7	Não tive oportunidade de trabalhar com criança deficiente	1
PROF.8	Mais depois faço o acompanhamento dessa criança	4
PROF.9	Nunca tive acesso com crianças com deficiência visual	1
PROF.10	Passei por capacitação profissional	4
PROF.11	Porque já tive um aluno e via que os outros alunos queriam ajudar	3
PROF.12	Nunca trabalhei	1
PROF.13	Proporcionando essa inclusão de uma forma lúdica	4
PROF.14	Não trabalhei com crianças com deficiência	1
PROF.15	Sim, procuramos realizar atividades em grupos, despertando para que possam fazer atividades sozinhas	3
PROF.16	É importante tratá-la com igualdade e respeito, e que cada pessoa tem sua dignidade	4
PROF.17	Todas as crianças tem direito de aprender e as com deficiência precisam ser mais estimuladas	4
PROF.18	É papel do professor estimular a inclusão do portador de necessidades especiais com os demais alunos	4
PROF.19	Ao planejar as atividades sempre coloco as crianças com deficiência para participar da aula	4
PROF.20	Incluir todas nas atividades propostas adaptando as mesmas	4
PROF.21	É necessário essa inclusão ao meio	3
PROF.22	Não tenho experiência preciso de capacitação	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho experiência	1
PROF.26	É preciso estar sempre estimulando	3
PROF.27	Não respondeu	3
PROF.28	Não tenho conhecimento	2
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Preciso de capacitação pra trabalhar com os mesmos	2
PROF.33	Estimular a criança a participar das atividades juntamente com os outros alunos	4
PROF.34	Porque o corpo docente não possui nenhum preparo para lidar com essa situação, precisa de curso para trabalhar com essas crianças	2

PROF.35	Assim como as outras crianças, as com deficiência também necessitam de boa aceitação na sociedade e de serem úteis	3
PROF.36	Sempre buscamos a inclusão da criança com outros alunos, através da rodinha de conversa e da atividade	3
PROF.37	Dar liberdade e sempre convidar a criança à participação	3
PROF.38	curso de formação sobre o assunto	5
PROF.39	Particpei de seminário	3
PROF.40	Sempre envolver as crianças com atividades por igual	3
PROF.41	Sei por meio da leitura	2
PROF.42	Já li sobre inclusão social de criança com deficiência física	2
PROF.43	Não tenho conhecimento	1
PROF.44	Sim porque é importante para elas	3
PROF.45	Olha todas as crianças devem ter uma boa inclusão com a escola e sociedade	5
PROF.46	A criança precisa desse estímulo para sua auto independência	5
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Todos devem ter acesso a inclusão e devemos estimular sem interação com os demais	5
PROF.49	Muita conversa com as crianças, para tratar o deficiente por igual, e não como um bebê por exemplo	3
PROF.50	Não respondeu	1
PROF.51	Sim! Estimulo	5
PROF.52	Trabalhamos isso no nosso dia a dia, inclusive com projetos	4
PROF.53	Sim. Em nossa sala as crianças interagem muito bem com os colegas cadeirantes. Um dia vi meu aluno conversando com uma criança cadeirante e convidando- a para brincar	5
PROF.54	Sempre busco desenvolver as atividades de forma que a turma se adeque também as limitações da criança	5
PROF.55	Porque é muito importante que as crianças se sintam igual a todos	4
PROF.56	Não possui nenhuma formação	1
PROF.57	Nenhum contato ou estudo	1
PROF.58	Com atividade que envolva a criança	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	5
PROF.62	Fazemos isso já na sala de aula	4
PROF.63	Porque a sala de aula é repleta de diversidade, sem apoio fica difícil	2
PROF.64	Além de estar de acordo com a Lei da inclusão e necessário, para que a criança se sinta acolhida e segura	4
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	4
PROF.69	Não respondeu	2
PROF.70	Se surgir estimularei a interação e inclusão	2
PROF.71	Preciso de conhecimento sobre o caso	1
PROF.72	Não trabalhei diretamente com crianças na sala	1
PROF.73	Sim, pois temos que ter conhecimentos e saber lidar com a inclusão	4

	social	
PROF.74	As crianças para se estimular e se sentir incluída deve estar bem segura do ambiente e das atividades propostas	4
PROF.75	Estímulo a convivência com outras crianças	2
PROF.76	Não respondeu	1
PROF.77	Não tenho conhecimento	1
PROF.78	Todos temos os mesmos direitos	3
PROF.79	É bom porque a inclusão é para todos	5
PROF.80	As crianças devem ser estimuladas porque elas precisam obter suas independências	4
PROF.81	Sempre está perto, levantando a auto-estima do mesmo	4
PROF.82	Não respondeu	2
PROF.83	Porque fiz curso de capacitação, porém nunca desenvolvi na prática	3
PROF.84	Bem significativo, pois é necessário que a crianças sinta capaz de realizar suas conquistas	4
PROF.85	Não respondeu	4
PROF.86	Conhecimento adquirido na graduação e pós-graduação	4
PROF.87	Não tem acesso nenhum a formação nesta área. Quando tem não é possível fazer, pois não podemos nos ausentar da sala e nem dispensar os alunos, quem faz os cursos são os técnicos da secretaria, que não estão em sala de aula	1
PROF.88	Pouca orientação	2
PROF.89	Não tenho conhecimento das capacitações, pois não são divulgadas e quando sabemos, não podemos nos ausentar da sala	1
PROF.90	Falta capacitação	1
PROF.91	A inclusão é mérito importante para o meio e desenvolvimento das crianças com brincadeiras	5
PROF.92	Porque ela precisa se sentir normal como as outras crianças	3
PROF.93	Isso motiva e levanta sua auto estima	3
PROF.94	É legal trabalhar a música, dança, brincadeiras onde todas as crianças se interam	4
PROF.95	Não tenho experiência, mas acredito que é possível incluir nas brincadeiras	1
PROF.96	É muito fácil esse momento a inclusão é importante, mas a maioria dos professores não são trabalhados para estimular esses momentos	1
PROF.97	Não respondeu	3
PROF.98	Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Nenhum, não tive oportunidade de trabalhar com pessoas deficientes	1
PROF.101	Não respondeu	2
PROF.102	Não respondeu	4
PROF.103	Não respondeu	2
PROF.104	Curso	1
PROF.105	Não respondeu	2
PROF.106	Não respondeu	4
PROF.107	Não	1
PROF.108	São dois assuntos bem citados nas formações	3
PROF.109	Não respondeu	3
PROF.110	Não respondeu	2

PROF.111	A instituição tem se preocupado com o assunto buscando a formação dos professores	3
PROF.112	Bom, tenho pouca experiência, mas temos um aluno com deficiência auditiva e não está sendo tão difícil lidar com ela	3
PROF.113	Não respondeu	5
PROF.114	Não respondeu	4
PROF.115	Não respondeu	4
PROF.116	Não respondeu	5
PROF.117	Não respondeu	3
PROF.118	Não respondeu	5
PROF.119	Acredito ser importante, mas não tenho experiência	1
PROF.120	Não respondeu	4
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Deve ser estimulado porque é dever e direito da criança ao meio social	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	A criança por mais que tinha qualquer deficiência não deve ser tratada com diferença alguma	3
PROF.126	Estudei sobre este assunto e vivo na prática, pois temos uma criança com síndrome e outros com deficiência diferente	4
PROF.127	Conheço um pouco o assunto teoricamente na faculdade	3
PROF.128	Porque já estudei sobre esse assunto	3
PROF.129	Não trabalhei com crianças especiais	1
PROF.130	Ainda não tive a oportunidade de trabalhar com crianças com deficiências	1
PROF.131	Estudei educação especial e agora penso fazer um trabalho diferenciado	4
PROF.132	É importante porque há a necessidade dessa inclusão	3
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não respondeu	3
PROF.135	Participação nas brincadeiras, trabalhos grupais	4
PROF.136	Não estudei sobre isto	1
PROF.137	Não respondeu	3
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Necessito de capacitação	1
PROF.142	Precisamos de capacitação	2
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Consigo estimular algum tipo de deficiência	3
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Buscar pesquisar executar atividades que facilitem essa inclusão	3
PROF.147	As ações pedagógicas beneficia a todos. Durante as atividades tenho procurado sempre envolvê-los para combater a discriminação, o preconceito e as limitações. A criança, portanto deverá ser vista e reconhecida como um ser social	4
PROF.148	A criança portadora de qualquer tipo de necessidade nunca pode ser excluída e sim inserida com todos em qualquer situação	5

PROF.149	Acho que devemos dispor de meios para realizar com sucesso essa conduta de inclusão social	3
PROF.150	Conheço na teoria atividades para interação, mas não na prática	2
PROF.151	Tenho aluno com deficiência e tal aluno está bem inserido em sala	4
PROF.152	Tratá-la sem diferença das outras crianças	3
PROF.153	Temos uma aluna portadora de deficiência motora e temos visto que ela é capaz de desenvolver algumas atividades junto as demais embora, necessite de maior atenção	3
PROF.154	Um trabalho que deveria ser trabalhado e estimulado por toda equipe	5
PROF.155	Porque ajuda a melhorar o estímulo da criança para que ele se desenvolva melhor	5
PROF.156	Não tenho alunos especiais na sala	1
PROF.157	Trabalho essa questão todos os dias na minha sala	4
PROF.158	Tratar a criança sem discriminação, julgando-a incapaz de realizar determinadas atividades	4
PROF.159	Tive orientações através de leitura	3
PROF.160	Já fiz várias leituras e tive orientação na faculdade e seminários	4
PROF.161	Sim, não podemos fazermos distinção e sim a incluí-las em nossa sociedade	4
PROF.162	Através das brincadeiras sempre darei ênfase ao deficiente sem excluir	5
PROF.163	Devido ao empenho do profissional	4
PROF.164	Pois esse é o nosso papel como educador	4
PROF.165	Não respondeu	5
PROF.166	Vejo falar em algo, mas não conheço bem na prática	2
PROF.167	Já estudei sobre o assunto, mas nunca trabalhei com criança deficiente	3
PROF.168	É fundamental essa convivência com crianças especiais, afinal não somos diferentes	4
PROF.169	Todo o cidadão independente de seu grau de deficiência tem direito a inclusão social	3
PROF.170	É tudo que eles precisam	5
PROF.171	Levar a criança a interagir com as demais para que ela se perceba parte do todo	4
PROF.172	Estimulando a criança a participar das atividades	3
PROF.173	Estudei na graduação sobre o assunto	3
PROF.174	Vimos algumas matérias na faculdade	4
PROF.175	Não respondeu	5
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem primeira	1
PROF.178	É importante estimular a sua autonomia para seu próprio desenvolvimento	5
PROF.179	Estimular para o desenvolvimento e suas conquistas	3
PROF.180	A criança com deficiência ela tem o Mesmo direito das outras crianças	5
PROF.181	É importante que cada criança independente ou não de necessidades especiais possa conquistar seus espaços	5
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Falta de formação para lidar com deficiência	1
PROF.184	Trabalhei com uma criança que tinha paralisia, e tive a oportunidade de ver ela caminhando na sala com 4 anos	4
PROF.185	Colocar para participar em grupos com coleguinhas, mostrar que ele é	4

	capaz de dividir e aprender seu aprendizado	
PROF.186	Ainda não tive oportunidade de trabalhar com essa clientela	1
PROF.187	Não respondeu	2
PROF.188	Não respondeu	1
PROF.189	Muito importante a interação o convívio com outras pessoas	4
PROF.190	Não respondeu	3
PROF.191	Já lidei com a situação é preciso fazer com que ela sintam-se bem ao meio	3
PROF.192	O processo de inclusão que vem acontecendo é de grande importância, pois não devemos excluir pessoas por terem alguma deficiência, porque ser diferente é normal	3
PROF.193	Trabalhamos o projeto diversidade mostrando a capacidade de cada um através da literatura infantil	5
PROF.194	Não tive oportunidade	1
PROF.195	Não respondeu	4
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Estudo os casos e proponho as atividades que são de fácil realização para todos	4
PROF.198	Sempre tentamos promover estímulos para que todos sem distinção sejam atendidos com motivações diversas	3
PROF.199	Não respondeu	4
PROF.200	Regular, falta aperfeiçoamento na área, não consigo fazer com as minhas crianças	3
PROF.201	Sempre estímulo e não deixo que ele pense que é incapaz	4
PROF.202	Promover ações em que a criança é estimulada a fazer suas atividades com independência	2

APÊNDICE L - Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas nas atividades em sala

	Questão 9	
Profissionais	Elaboração de critérios para avaliar as adaptações feitas nas atividades em sala	Resposta numérica
PROF.1	Precário, ainda não trabalhei com alunos especiais	1
PROF.2	Verificar evolução	3
PROF.3	Altura, piso creio ser bem amplo	3
PROF.4	Não respondeu	1
PROF.5	Observação	5
PROF.6	Planejamos sempre pensando em cada criança e suas limitações	3
PROF.7	Não trabalhei	1
PROF.8	Não tenho	1
PROF.9	Não respondeu	2
PROF.10	Conhecimentos estudos, referencial da educação inclusiva, educação infantil, guias	4
PROF.11	Eu sempre avalio tanto no participativo quanto no qualitativo	5
PROF.12	Desconheço, segue-se critérios referencial pedagógico	1
PROF.13	Verificar se as atividade favorecem o aprendizado da criança	3
PROF.14	Não trabalhei com alunos, mas percebo que é diferenciada	1
PROF.15	Planejamos as aulas de acordo com as necessidades das crianças para que todas aprendam	4
PROF.16	A explicação é igual e atividade também, só o acompanhamento é difícil pois são vários	3
PROF.17	São os mesmos com as crianças normais	4
PROF.18	Elaborar atividades que estimule-o de acordo com sua necessidade	3
PROF.19	Sempre de acordo com a necessidade do aluno, depois de um diagnóstico	4
PROF.20	Procurar sempre pesquisas e conhecimento para adaptações	4
PROF.21	Não respondeu	1
PROF.22	Não tenho experiências preciso de capacitação	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho experiência	1
PROF.26	Não respondeu	3
PROF.27	Não respondeu	3
PROF.28	Não tenho experiência	1
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não muito conhecimento sobre o assunto, preciso de capacitação sobre o assunto	2
PROF.33	Atividade diferenciada de acordo com a capacidade da criança	4
PROF.34	Por causa que a criança não responde como as outras, pois não tenho suporte para trabalhar com essa criança pois não tenho curso específico para lidar com a área	3

PROF.35	É preciso avaliar o tipo de deficiência e o grau para que se elabore critérios adequados para fazer a adaptação	3
PROF.36	Observo como foi aceito pelo aluno, se ele atingiu o objetivo da atividade	3
PROF.37	Colocar barulho no objeto da atividade para alunos com cegueira	3
PROF.38	A avaliação dos alunos especiais deve ser feita constantemente	4
PROF.39	Já fiz curso sobre o assunto	3
PROF.40	Não respondeu	1
PROF.41	Nunca tive experiência	1
PROF.42	Nunca preparei atividade para criança com deficiência	1
PROF.43	Não trabalha de forma igual sem indiferença	4
PROF.44	Tem que ter uma adaptação especial para ela	3
PROF.45	Não é fácil, mas conseguimos com um pouco de diferenças	3
PROF.46	As atividades precisam se diferenciar em alguns casos	5
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Não respondeu	5
PROF.49	Com o aluno que tenho não há a necessidade de adaptação	1
PROF.50	Não respondeu	1
PROF.51	Não tenho conhecimento	1
PROF.52	Nenhuma adaptação em sala. Porque não temos crianças com necessidades especiais	1
PROF.53	Não há adaptação, contudo não esperamos a mesma habilidade	4
PROF.54	Busco estabelecer metas para cada aluno de acordo com suas limitações	4
PROF.55	O professor precisa realizar atividades diferenciadas para ajudar na sua adaptação	3
PROF.56	Nunca trabalhei com atividades que precisasse fazer nenhuma adaptação nesta área	1
PROF.57	Nenhum contato ou estudo	1
PROF.58	Tem pessoas especializadas	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	5
PROF.62	Não respondeu	3
PROF.63	As formas são muito limitadas	2
PROF.64	Não fizemos adaptações, pois não foi necessário	3
PROF.65	Não respondeu	3
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	4
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	Ainda não passei por essa experiência	1
PROF.71	Não tive oportunidade de trabalhar com crianças especiais, não sei opinar	1
PROF.72	Nas oficinas do seminário de inclusão	2
PROF.73	Pois iremos avaliar habilidades	3
PROF.74	Não tenho nenhum conhecimento, não sei falar do assunto	1
PROF.75	Avaliação deve ser realizada por meio de estímulo ao aprendizado	2

PROF.76	Não respondeu	1
PROF.77	Não tenho conhecimento	1
PROF.78	Não tenho conhecimento	1
PROF.79	Não tenho nenhum conhecimento, não sei falar do assunto	1
PROF.80	Não respondeu	4
PROF.81	Depende do grau de especificidade e do apoio fornecido pela UE 3	3
PROF.82	A avaliação deverá levar em consideração as especificidades que a crianças apresenta	3
PROF.83	Não fiz adaptação ainda, precisa de ajuda para desenvolver isso acredito eu	1
PROF.84	É necessário estratégias diferenciadas para atender a necessidade de crescimento dessas crianças	4
PROF.85	Não respondeu	1
PROF.86	Conhecimento adquirido na graduação, pós-graduação e cursos adicionais	4
PROF.87	O professor nunca é ouvido, são os engenheiros e arquitetos que elaboram	1
PROF.88	Não tenho orientação	1
PROF.89	Não conheço	1
PROF.90	É necessário toda equipe se qualificar	2
PROF.91	Sempre buscando recursos para envolver o aluno	4
PROF.92	Nunca participei no papel mesmo, mas entre as professoras qual o critério usado que mais funcionou	2
PROF.93	Não obtive experiência com relação a isso	1
PROF.94	Sempre uso métodos para ajudar a criança	1
PROF.95	Primeiro é verificar se realmente atende as necessidades da criança	2
PROF.96	Barras, espelhos, brinquedos e etc.	3
PROF.97	Não respondeu	3
PROF.98	Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Não respondeu	2
PROF.101	Sem experiência	1
PROF.102	Não respondeu	4
PROF.103	Não respondeu	2
PROF.104	Curso	1
PROF.105	Não respondeu	2
PROF.106	Não respondeu	3
PROF.107	Elaborar de acordo com a necessidade	4
PROF.108	Participei de discussões sobre as adaptações necessárias nas salas de aula	3
PROF.109	Não respondeu	3
PROF.110	Não respondeu	3
PROF.111	Falta de formação específica para tal assunto	2
PROF.112	É necessário as adaptações, pois só assim atende todos com igualdade	5
PROF.113	Não respondeu	4
PROF.114	Não respondeu	4
PROF.115	Não respondeu	3
PROF.116	Não respondeu	4

PROF.117	Não respondeu	3
PROF.118	Não respondeu	4
PROF.119	Não respondeu	3
PROF.120	Não respondeu	3
PROF.121	Não respondeu	2
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Deve ser feito corriqueiro	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	Realizar atividades para que todos participem	2
PROF.126	Na educação infantil, temos que ser criativos neste sentido	4
PROF.127	Não tive experiência ainda	2
PROF.128	Porque já estudei algumas reportagens	4
PROF.129	Não tive experiência nesse assunto	1
PROF.130	Ainda não tive experiência	1
PROF.131	Não tive essa experiência	1
PROF.132	Não tenho conhecimento	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não respondeu	1
PROF.135	A avaliação deverá ser contínua	3
PROF.136	Não respondeu	1
PROF.137	Não respondeu	2
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Através de fichas elaboradas junto a coordenação	1
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Não respondeu	1
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Elaborar de acordo com as especificidades dos alunos	3
PROF.147	Segundo os critérios de avaliação, utilizei algumas ferramentas para observar as dificuldades das crianças, muitas das vezes por falta de recursos não alcança bom êxito	4
PROF.148	O Cmei no qual trabalho não foi feito esse projeto de adequação para portador cadeirantes	3
PROF.149	Sim, devemos nós professores termos mais preparo para desenvolver esse projeto	2
PROF.150	As avaliações deverão ser feitas avaliando a deficiência da criança	3
PROF.151	Já fiz isso mais ainda preciso de formação e estudo sobre o assunto	3
PROF.152	Ainda não presenciei esse trabalho em escolas por onde trabalhei	1
PROF.153	Nunca tivemos esse processo ou realizamos essas avaliações	1
PROF.154	Um projeto deverá ser realizado para uma adaptação nas salas de aula	4
PROF.155	Porque tantos profissionais quanto as crianças se sentiriam mais estruturados	5
PROF.156	Através de relatório individual das crianças	4
PROF.157	As adaptações são feitas nas atividades de acordo com uma avaliação prévia	3

PROF.158	As atividade são elaboradas de acordo com a necessidade e a capacidade das crianças	3
PROF.159	Através da observação e relatório individual	4
PROF.160	Procuro sempre adaptar as atividades	3
PROF.161	É através de observações e também com as atividades diárias em sala	3
PROF.162	Espaço físico, materiais para brincadeiras, cadeira e mesas	4
PROF.163	Tratamento diferenciado	4
PROF.164	Não respondeu	2
PROF.165	Não respondeu	2
PROF.166	Observando as aptidões dos alunos	4
PROF.167	Nunca estudei sobre o assunto	1
PROF.168	Não respondeu	1
PROF.169	Nunca tive capacitação sobre o assunto	1
PROF.170	É uma conquista que precisa ser alcançada, seria excelente	5
PROF.171	Todas as atividades devem ser pensadas para cada tipo de problema, pensando no seu desenvolvimento	4
PROF.172	Atividades diferenciadas que atendem o público	3
PROF.173	Estudei na graduação sobre o assunto	3
PROF.174	Já estudei sobre o assunto	3
PROF.175	Não lidei com este tipo de situação e também não estudei	1
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Idem	1
PROF.178	É uma situação muito difícil	2
PROF.179	É uma situação difícil de lidar	1
PROF.180	É importante para que elas sintam prazer e carinho na sala	4
PROF.181	É difícil de se lidar	1
PROF.182	Nenhuma adaptação, não tem adaptações	1
PROF.183	Sem conhecimento	1
PROF.184	Não respondeu	5
PROF.185	Através de avaliações e exposição oral sobre o que se viu e foi feito em sala, ou no parquinho	4
PROF.186	Ajudar rever onde daremos melhor	5
PROF.187	Não respondeu	1
PROF.188	Não participei de elaboração sobre o assunto	1
PROF.189	Ter capacitação, uma formação para os professores poder lidar com essas crianças	5
PROF.190	Não respondeu	2
PROF.191	Não devo ter essa experiência ainda	1
PROF.192	Devemos nos capacitar para receber essas crianças	2
PROF.193	Trabalhamos em grupo, passeios pela escola e música que envolvem as crianças	5
PROF.194	Não respondeu	3
PROF.195	Não respondeu	3
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	Relatório individual do desenvolvimento da criança	3
PROF.198	De forma criativa tentamos adaptar	3
PROF.199	Não respondeu	4

PROF.200	A orientação é sempre prevenir acidentes com conversa e adaptações em sala de aula	3
PROF.201	Tentamos fazer o melhor possível, tento trabalhar o que eles gostam	3
PROF.202	Explorar da criança os pontos em que ela tem mais dificuldades	3

APÊNDICE M - Possibilidade de movimento na educação infantil

	Questão 10	
Profissionais	Possibilidade de movimento na educação infantil	Resposta numérica
PROF.1	Tem muitas possibilidades, basta estimular	4
PROF.2	Danças	3
PROF.3	Pouco conhecimento	3
PROF.4	A maioria dos movimentos são voltados a lateralidade e muito mais	3
PROF.5	Não respondeu	1
PROF.6	É a atividade mais explorada por meio de circuito, musicas, movimentos e brincadeiras	5
PROF.7	Não trabalhei	1
PROF.8	Através das músicas	4
PROF.9	Não respondeu	2
PROF.10	É necessário estimular todas as possibilidades de uma criança em seu movimento corporal	4
PROF.11	Utilizo muito a música, na qual deixamos de ser adultos e sermos crianças	4
PROF.12	Para crianças especiais desconheço	1
PROF.13	As crianças realizando os movimentos corporais se socializarão e sentirão incluídas	4
PROF.14	Para seu desenvolvimento corporal e mental	4
PROF.15	Sim, as vezes realizamos atividades de lateralidade e de corridas	3
PROF.16	Esse movimento é muito importante pois a coordenação motora tem que ser bem trabalhada	4
PROF.17	Quanto mais estimulada a possibilidade aumenta	4
PROF.18	Enquanto mais estimulamos maior a possibilidade de ampliar os movimentos	4
PROF.19	Para esta faixa etária procuro basear minhas atividades com base nos elementos psicomotores. Ex: lateralidade, esquema corporal e etc.	4
PROF.20	Pesquisas, formações e estudos	5
PROF.21	O movimento é essencial para o seu desenvolvimento	4
PROF.22	Não tenho experiências preciso me capacitar	1
PROF.23	Não respondeu	1
PROF.24	Não respondeu	1
PROF.25	Não tenho experiência	1
PROF.26	Não respondeu	4
PROF.27	Não respondeu	3
PROF.28	Não tenho experiência	1
PROF.29	Não tenho experiência	1
PROF.30	Não respondeu	1
PROF.31	Não respondeu	1
PROF.32	Não tenho experiência. Preciso de capacitação na área	1
PROF.33	Nas brincadeiras, músicas, dança, nas mímicas e outras	5
PROF.34	Pois elas não conseguem acompanhar a turma. Os alunos com deficiência não acompanham a turma	2
PROF.35	São muitas possibilidades visto, que não existe, conteúdos pré-	3

	estabelecidos para trabalhar com estas crianças, portanto, pode-se trabalhar onde há mais necessidade	
PROF.36	Sim! Mas de acordo com as suas limitações	3
PROF.37	Semelhantes as possibilidades de qualquer criança, não há restrição aos alunos com necessidades Especiais	3
PROF.38	Estudo por conta própria, pois tenho trabalhado muito esse assunto	5
PROF.39	Participei de seminário e fiz curso	3
PROF.40	Não respondeu	1
PROF.41	Nunca tive experiência	1
PROF.42	Cada criança se movimenta de acordo com sua possibilidade e maturidade	3
PROF.43	Sim! Trabalhamos com músicas e movimentos onde as crianças começam a estimular o corpo	3
PROF.44	Sim	3
PROF.45	Sim devemos ter conhecimento talvez não igual as crianças normais	5
PROF.46	De acordo essa situação da faixa etária elaborar os próprios movimentos	4
PROF.47	Não respondeu	3
PROF.48	Brincadeiras dirigidas, dinâmicas e jogos	5
PROF.49	Eu trabalho com um aluno com síndrome, não tenho problemas, mas se fosse um cadeirante seria bem mais complicado	3
PROF.50	Não respondeu	1
PROF.51	Bastante movimento	4
PROF.52	Também bastante trabalhado, com muita musicalização	3
PROF.53	É o que mais fazemos, pois com a psicomotricidade bem desenvolvida as crianças serão mais bem desenvolvidas em outras áreas cognitivas	4
PROF.54	Busco desenvolver atividades dentro da ginástica, atividades de corrida e manipulação/construção de objetos	5
PROF.55	Muito importante para o seu desenvolvimento visio-motor	4
PROF.56	Não tenho conhecimento, mas gostaria de ter	1
PROF.57	Nenhum contato ou estudo	1
PROF.58	Trabalho que desenvolve a coordenação motora ampla	2
PROF.59	Não respondeu	2
PROF.60	Não respondeu	3
PROF.61	Não respondeu	5
PROF.62	Não respondeu	3
PROF.63	Mesmo as salas de recursos especiais deixam a desejar, pois falta profissionais capacitados para fazer o papel e função da escola, que é escolarizar	2
PROF.64	É um eixo importante para desenvolvimento da criança, e diante disso você pode explorar outras áreas	4
PROF.65	Não respondeu	4
PROF.66	Não respondeu	1
PROF.67	Não respondeu	1
PROF.68	Não respondeu	5
PROF.69	Não respondeu	1
PROF.70	A estimulação é indispensável na educação infantil	2
PROF.71	É interessante	4
PROF.72	A estimulação é indispensável na educação infantil e principalmente se essa criança tiver alguma necessidade	3

PROF.73	Como educadores de educação infantil, temos que ter habilidades e competências	4
PROF.74	Criança gosta de carinho, gosta de sentir incluído	3
PROF.75	Nenhum conhecimento	1
PROF.76	Não respondeu	1
PROF.77	Não tenho conhecimento sobre o assunto	1
PROF.78	Existe as salas de recursos especiais para o acompanhamento dessas pessoas	3
PROF.79	Não tenho nenhum conhecimento, não sei falar do assunto	1
PROF.80	Não respondeu	4
PROF.81	Pois já faço esse trabalho que ajuda no desenvolvimento da criança	5
PROF.82	Não respondeu	4
PROF.83	Acredito que o professor precisa oferecer essa possibilidade, mas é preciso melhorar meus conhecimentos em como desenvolver a mesma	2
PROF.84	O movimento é de extrema importância, trabalhando os movimentos de forma correta, adquire-se muitas outras habilidades	4
PROF.85	Trabalhamos diversas brincadeiras que permitem o aluno se movimentar bastante	3
PROF.86	Não possuo conhecimento	2
PROF.87	Diante da experiência acadêmica	2
PROF.88	Não tenho orientação	1
PROF.89	Não conheço	1
PROF.90	É necessário, faz parte	4
PROF.91	Depende da deficiência, correr, pular, tato e mexer	4
PROF.92	Com músicas, com teatros, com danças	1
PROF.93	Principalmente jogos, brincadeiras, danças que estimulem sua coordenação motora	4
PROF.94	Sempre temos que envolver as crianças com a dança e outros movimentos do qual eles se sentem a vontade	3
PROF.95	São vários, como: música, dança, brincadeiras e etc.	5
PROF.96	O movimento corporal é de suma importância para a criança, através desse movimento a criança desenvolve suas habilidades ³	3
PROF.97	Não respondeu	3
PROF.98	Sem experiência	1
PROF.99	Não tenho experiência	1
PROF.100	Não respondeu	2
PROF.101	Sem experiência no assunto	1
PROF.102	Não respondeu	4
PROF.103	Não respondeu	2
PROF.104	Não respondeu	1
PROF.105	Não respondeu	2
PROF.106	Não respondeu	3
PROF.107	Não respondeu	1
PROF.108	Participei de formações e rodas de conversa sobre movimento corporal na educação infantil	4
PROF.109	Não respondeu	3
PROF.110	Não respondeu	3
PROF.111	Colaboração do educador físico dentro da sala de educação infantil	2

PROF.112	É de extrema importância os movimentos corporais, porque as crianças precisam correr, brincar, saltar para ter um bom desenvolvimento físico e psicológico	5
PROF.113	Não respondeu	4
PROF.114	Não respondeu	2
PROF.115	Não respondeu	4
PROF.116	Não respondeu	4
PROF.117	Não respondeu	3
PROF.118	Não respondeu	4
PROF.119	Não respondeu	4
PROF.120	Não respondeu	4
PROF.121	Não respondeu	3
PROF.122	Não respondeu	2
PROF.123	Não respondeu	1
PROF.124	Não respondeu	1
PROF.125	Uso coreografia fazendo com que a criança desenvolva habilidades físicas	3
PROF.126	Já vivo na prática e tivemos oficinas nesta área	4
PROF.127	Não tenho conhecimento sobre esse assunto na prática, só na teoria	2
PROF.128	Porque já trabalho algum tempo	3
PROF.129	Não tive conhecimento sobre esse assunto	1
PROF.130	Trabalhando com brincadeira que estimule a movimentação do corpo	3
PROF.131	Sim. Cantar e alguns movimentos usando músicas	4
PROF.132	É um trabalho que deve ser bem orientado e coordenado por quem realmente tem essa formação, digo preparação	1
PROF.133	Não respondeu	1
PROF.134	Não respondeu	1
PROF.135	Os movimentos corporais servem para estimular a coordenação motora grossa. É muito importante para o desenvolvimento da criança, estimular o aspecto motor, afetivo, cognitivo e social	4
PROF.136	Não tinha conhecimento	2
PROF.137	Não respondeu	3
PROF.138	Necessita de capacitação	1
PROF.139	Necessito de capacitação	1
PROF.140	Não respondeu	1
PROF.141	Não respondeu	1
PROF.142	Não respondeu	1
PROF.143	Não respondeu	1
PROF.144	Tenho capacitação e bastante conhecimento na área	4
PROF.145	Necessito de capacitação	1
PROF.146	Nenhum, pois saberia que atividade desenvolver a respeito de Educação Física	2
PROF.147	Tanto para a criança, quanto para o professor é necessário haver suportes para facilitar e promover benefícios	3
PROF.148	Tenho bom conhecimento pelo fato de já ter trabalhado com cadeirante	4
PROF.149	Interagir é necessário, precisamos de preparo para essa possibilidade	3
PROF.150	As crianças na educação infantil trabalham muito a coordenação motora e dependendo da dificuldade da criança ela deve ser muito usada	2

PROF.151	Com certeza na educação infantil a psicomotricidade é fundamental para a construção do conhecimento necessário para a alfabetização	4
PROF.152	Já trabalhei com criança com dificuldade de movimentos corporais	3
PROF.153	Na educação infantil trabalhamos muito com movimento e quando ao assunto somos bastante estimulados	4
PROF.154	Não respondeu	5
PROF.155	Colaborar com o desenvolvimento da criança	4
PROF.156	Nós professoras da turma desenvolvemos atividades de dança e brincadeiras e também temos a professora de Educação Física	4
PROF.157	Realizamos os movimentos de acordo com o nosso conhecimento que é pouco	2
PROF.158	Aulas de Educação Física, dança e outras brincadeiras	4
PROF.159	São bem aceitas pelas crianças na sala através de danças, jogos e é realizado pela professora de Educação Física	4
PROF.160	É constante o movimento corporal na educação infantil	3
PROF.161	Ocorre na aula de educação física e em sala de aula por nós regentes	5
PROF.162	Proporcionar todos os movimentos corporais dança, esporte e lutas	5
PROF.163	Não respondeu	4
PROF.164	Não respondeu	2
PROF.165	Não respondeu	2
PROF.166	Os alunos são elétricos, impressiona os movimentos	5
PROF.167	De acordo com a forma que consigo fazer	2
PROF.168	É grande o número de crianças com desenvolvimento e sempre buscamos esse desempenho	4
PROF.169	Não domino o assunto	1
PROF.170	Um sonho, vamos lutar por essa conquista	5
PROF.171	Devemos levar em conta as possibilidades de cada criança e dessa forma trabalhar o seu desenvolvimento	4
PROF.172	Atividade diferentes que atendem todas as crianças	3
PROF.173	Estudei na graduação sobre o assunto	3
PROF.174	Já estudei sobre o assunto	3
PROF.175	Não lidei com esse tipo de situação e também não estudei	1
PROF.176	Não respondeu	1
PROF.177	Desenvolvo atividades que estimulem o correr, rolar, rolar-se e pular	3
PROF.178	Trabalhamos é muito bom, se divertimos um pouco	4
PROF.179	Trabalhar o subir e descer para descobrir o desenvolvimento da criança	5
PROF.180	Muito importante na área de coordenação motora da criança	5
PROF.181	Seus movimentos de sobe e desce, correr, pular, para o desenvolvimento corporal motor	3
PROF.182	Não respondeu	3
PROF.183	Nenhum conhecimento no assunto	1
PROF.184	Não respondeu	5
PROF.185	Ir ao parquinho ensinar direção corporal andar de um pé só, pular elástico, amarelinha e etc	4
PROF.186	Ajudar na coordenação motora e desenvolvimento da criança	5
PROF.187	Não respondeu	1
PROF.188	Ainda não tive alunos com deficiência	1
PROF.189	Não respondeu	5

PROF.190	Não respondeu	3
PROF.191	Não ter nenhuma formação a respeito	1
PROF.192	Com a ajuda do professor de Educação Física procurar meios que envolvam essas crianças	3
PROF.193	Músicas com movimentos trabalhando todas as partes do corpo com gestos	5
PROF.194	Não respondeu	3
PROF.195	Não respondeu	4
PROF.196	Não respondeu	3
PROF.197	A participação é excelente pois as aulas são realizadas através do método socio-interacionista	5
PROF.198	Com danças teatros, musicalidades e dramatização em geral	3
PROF.199	Não respondeu	5
PROF.200	A dança, a música, jogos e o pátio com brincadeiras para desenvolver a coordenação motora ampla	4
PROF.201	O que eles mais se desenvolvem é o movimento corporal até porque para eles é uma terapia	4
PROF.202	Pular correr, girar, elaborar brincadeiras em grupos	4

APÊNDICE N - Termo de submissão de artigo para publicação na Educação em Revista

29/04/2015 (24 não lidos) - Ikiva05 - Yahoo Mail

Incip Mail Notícias Esportes Finanças Mulher Celebriedades Screen Respostas Flickr Mais

Buscar Buscar no Mail Buscar na Web Início rute

Escrever

Entrada (24)
Rascunhos (12)
Enviadas
Spam (31)
Lixeira (2)
Visualizações inteligentes
Não lido
Favorito
Pessoas
Social
Viagem
Compras
Finanças
Pastas (11)
apto_pira
artigos
fotos
israel
juiz fora
pesquisa
pessoais
viagem israel 09
yehuda (11)
Recente

[EDUR] Agradecimento pela Submissão(5) Pessoas

148998-736568-1-SM.docx Remover Baixar

Enviar

rute estanislava segue copia Abr 28 em 9:11 AM

Para Alexandre Freitas de Carvalho Cc/Cco

Prof. Rute Estanislava Tolocka,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Professores de Educação Infantil e temas relativos à inclusão de crianças com deficiência no ensino regular" para Educação em Revista. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:
<http://submission.scielo.br/index.php/edur/author/submission/148998>

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Sandra Mara Oliveira Barros
Educação em Revista
Educação em Revista
Telefax: (31) 3409-5371
<http://submission.scielo.br/index.php/edur>

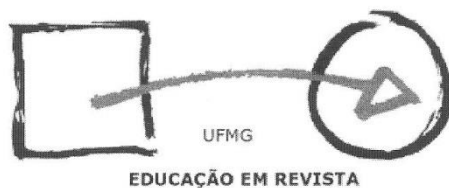
Salvar em 9:10

Salvo em 9:10

1/1

29/04/2015

Submissões Ativas



[CAPA](#) [SOBRE](#) [PÁGINA DO USUÁRIO](#)

[Capa](#) > [Usuário](#) > [Autor](#) > **Submissões Ativas**

Submissões Ativas

ATIVO [ARQUIVO](#)

ID	MM-DD ENVIADO	SEÇÃO	AUTORES	TÍTULO	SITUAÇÃO
148998	04-25	ART	Carvalho, Coelho, Tolocka	PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E TEMAS RELATIVOS À...	Aguardando designação

1 a 1 de 1 itens

Iniciar nova submissão

[CLIQUE AQUI](#) para iniciar os cinco passos do processo de submissão.

OPEN JOURNAL SYSTEMS

[Ajuda do sistema](#)

USUÁRIO

Logado como: **stani15**

- [Meus periódicos](#)
- [Perfil](#)
- [Sair do sistema](#)

AUTOR

Submissões

- [Ativo \(1\)](#)
- [Arquivo \(0\)](#)
- [Nova submissão](#)

IDIOMA

Selecione o idioma

▼

TAMANHO DE FONTE

NOTIFICAÇÕES

- [Visualizar](#)
- [Gerenciar](#)